

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL/MINTER-UFAM/UFRR

**AS PRÁTICAS LÚDICAS NA COMUNIDADE INDÍGENA
TABALASCADA EM RORAIMA**

EDLAMAR MENEZES DA COSTA

Manaus – AM
2013

EDLAMAR MENEZES DA COSTA

**AS PRÁTICAS LÚDICAS NA COMUNIDADE INDÍGENA
TABALASCADA EM RORAIMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, na área de Concentração: Processos Socioculturais na Amazônia.

Orientadora: Dr^a. Rosemara Staub de Barros

Manaus - AM

2013

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

C837p Costa, Edlamar Menezes.
As práticas lúdicas na Comunidade Indígena Tabalascada em Roraima / Edlamar Menezes Costa. – Manaus, 2013.
141 p.: il.

Orientador a: Prof^a. Dra Rosemara Staub de Barros.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima,
Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia.

1 – Educação indígena. 2 – Práticas lúdicas. 3 – Narrativas orais. 4 – Comunidade Indígena Tabalascada. 5 – Roraima. I - Título. II – Barros, Rosemara Staub (orientadora).

CDU – 376.74 (=1-82)

EDLAMAR MENEZES DA COSTA

**AS PRÁTICAS LÚDICAS NA COMUNIDADE INDÍGENA
TABALASCADA EM RORAIMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, na área de Concentração: Processos Socioculturais na Amazônia.

Exame de Defesa: 06/08/2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rosemara Staub de Barros - Presidente
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Maxim Repetto – Membro
Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga - Membro
Universidade Federal do Amazonas

DEDICATÓRIA

A **Deus**, presença viva em minha vida,
meu sustentáculo nas dificuldades, fonte da
minha sabedoria e de todo o meu conhecimento.
A **minha mãe Eunice, meus filhos Júnior e Gabriel**
que são a razão de meu viver, dos meus ideais,
das minhas alegrias e superações.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Jamais pensei na possibilidade de ser orientanda da Prof.^a Dr.^a Rosemara Staub, a quem conheci na primeira disciplina do mestrado e falou-me sobre a escolha dos orientadores. No primeiro momento não foi minha orientadora, mas mesmo assim, sempre conversava sobre meu trabalho e quando veio ministrar uma disciplina em Boa Vista, algo me dizia que tinha que trocar de orientadora e foi o que aconteceu, agradeço muito, pois até hoje representa para mim uma personalidade muito forte de mulher guerreira.

Lembro-me do meu primeiro encontro para orientação, o seu jeito delicado, o carinho com que falou sobre minha proposta inicial dizendo “você já sabe qual é o seu objeto de pesquisa, agora só faltam leituras”. Neste encontro não fazia ideia da veracidade de suas palavras e como poderia melhorar minhas leituras, encontro que durou mais de cinco horas e a partir do qual minhas ideias fluíram e logo pude começar a firmar meus pés na pesquisa que queria realmente realizar.

Foram muitos encontros e os momentos de orientações, sugestões de leituras e discussões, pensamentos e depoimentos, que me aproximaram cada vez dessa pessoa tão especial. Dessa aproximação, compartilhamos momentos tristes, alegres, angustiantes e descontraídos, momentos que me proporcionaram crescimento pessoal, um jeito diferente de ver o mundo.

Com esse sentimento, professora Rosemara, agradeço-lhe pelos livros, textos, orientações, correções e por todos os outros meios que me auxiliaram na construção desta dissertação. Por isso preciso agradecer mais ainda, pelas palavras e gestos, ora doces, ora firmes, expressão maior de sua experiência de vida, da sua humildade e do amor pelo que faz. Quero continuar agradecendo, por me atender mesmo em momentos atarefados, por me compreender em meus sumiços e mesmo assim, me auxiliar nos momentos finais na construção deste trabalho.

Enfim, quero lhe externar o sentimento de amizade que, me fez perceber a responsabilidade e a leveza do processo ensinar/aprender.

Muito obrigada por fazer parte da minha vida!

AGRADECIMENTOS

Ao construir uma dissertação não se estão materializando apenas sentimentos e vontades que movem o autor/sujeito, mas principalmente as contribuições e convivências com outras pessoas durante o percurso de construção. Na tentativa de tecer algumas considerações a todos que, de alguma forma compartilharam desse processo de aprendizagem, venho agradecer:

A Deus por ter sido meu companheiro eterno e fiel pelas estradas, concedendo forças e proteção nas viagens que foram feitas pelas BR 401 Boa Vista/Bonfim e a BR 432 Boa Vista/Cantá, Foram muitas idas e vindas, ora solitárias e cansativas, ora prazerosas, divertidas, ao lado das pessoas da Comunidade Indígena Tabalascada ou com amigos que aceitavam meu convite para fazer essa viagem.

A minha mãe, como conseguir em palavras expressar minha gratidão? Seria uma missão impossível descrever neste espaço o sentimento de admiração e amor que tenho por essa pessoa que me deu a oportunidade de enxergar a luz do mundo. Pelo seu amor incondicional, fé e presença constante e decisiva, cúmplice fiel de tantas angustias, dores e alegrias sentidas e partilhadas neste caminhar. A você eu agradeço hoje e sempre, pois parte do que sou devo ao seu amor.

Ao meu pai, pela determinação e pulso, que com sua personalidade forte, mesmo em silêncio, soube me conduzir mostrando sempre a importância das raízes familiares.

Aos meus filhos Júnior e Gabriel pela compreensão de minhas ausências, enquanto estive na cidade de Manaus, como também nas idas e vindas em dias de pesquisa de campo na comunidade indígena.

Ao meu irmão Sidney que, mesmo distante, me apoiou nesta caminhada, pelo seu ombro amigo de nunca recusar um telefonema e ficar escutando as minhas angustias, pelas palavras de incentivo e forças fazendo-me erguer a cabeça e dar continuidade nas pesquisas.

Aos meus segundos pais Pedro e Nilze, que jamais poderiam ser esquecidos nessa página, ora perto, ora distantes, me apoiaram, pelo abrigo em Manaus, pelo amor grandioso e gratuito que me dão. Pela frase de força quando estávamos juntos “vai estudar minha filha”.

A minha grande amiga Áurea que por muitas vezes ouviu meus choros, minhas angustias, alegrias e tristezas, que compreendeu as crises existenciais nesse caminhar árduo e ao mesmo tempo prazeroso. Por compartilhar comigo quase que diariamente esses

sentimentos e sensações no processo de (re) construção do conhecimento. Sempre dando força para que eu chegasse à finalização desse trabalho.

À amiga Teresa Kátia, amizade concretizada durante o mestrado, pelos incentivos, compartilhando sempre e ajudando a vencer mais essa etapa de minha vida até os últimos momentos.

Ao meu amigo de coração e muito especial em minha vida A.B., pela sua presença constante nessa caminhada me ajudando com seu jeito simples e nas horas em que mais precisava quando recebia suas mensagens pelo celular ou por um simples telefonema.

Ao Fausto Mandulão e Josilenilda Cadete, moradores da Comunidade Indígena Tabalascada que abriram as portas de sua casa para que me acomodasse em todas as visitas feitas na comunidade. Jamais me esqueceria de seus netos: Dan, Henri, Belinha e Guilherme, por ter me ajudado na pesquisa, das idas aos igarapés tomar banho, fazendo lembrar da minha infância quando íamos subir e pegar frutas no quintal da casa.

Ao casal Tennison Raposo e Leonícia Cadete, moradores da Comunidade Tabalascada, por nunca negar ajuda, tempo, atenção e alegrias principalmente para a finalização este trabalho.

Aos moradores da Comunidade Indígena Tabalascada, em nome do tuxaua Jodecildo Cadete (in memorian), a todos os participantes desta pesquisa, por disponibilizarem suas vidas em narrativas, pelas contribuições e entusiasmo contagiantes.

Aos professores do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM), pela oportunidade de compartilhar conhecimentos.

Aos colegas e amigos do mestrado/MINTER em especial Jane Alice, Maria José (Majur), Marcos Dutra, pela disponibilidade, por compartilhar momentos alegres e angustiantes, pelas leituras, discussões para a construção deste trabalho.

À Universidade Federal de Roraima - UFRR, à Pró-Reitoria de Pós-Graduação Ensino e Pesquisa, à Pró-Reitoria de Planejamento, ao Instituto Insikiran e ao Colégio de Aplicação pelo apoio dado, principalmente no período das pesquisas e conclusão da escrita deste trabalho. Pela compreensão de minhas ausências, especialmente aos Professores Lucianne Vilarinho e Marcos Braga.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente na elaboração e finalização desta dissertação. Muito Obrigada!

Se clamares por
conhecimento e por inteligência alçares a tua voz,
Se como a prata a buscares e como a tesouro escondido a
procurares,
Então entenderas o temor do Senhor, e acharás o
conhecimento de Deus.
Porque o Senhor dá a sabedoria; da sua boca é que vem o
conhecimento e o entendimento

Provérbios (2,3-6)

Precisamos abrir nossos olhos, nossos idosos nas
nossas comunidades indígenas estão indo e levando junto a
nossa história, precisamos fazer alguma coisa porque mais
tarde não teremos a história do nosso povo, pouco saberemos. Hoje
estamos fortalecidos e podemos estar pesquisando e
escrevendo a nossa história juntos com os nossos avós,
pais e tios que ainda estão aqui com a gente

Telmo Ribeiro (2013)

RESUMO

A ludicidade, apesar de ser vivenciada com maior intensidade na infância, é uma necessidade humana em qualquer fase da vida. O desenvolvimento do ser humano com o lúdico facilita os processos de comunicação, socialização, expressão e construção do conhecimento. Assim, esse estímulo pode acontecer de forma rica, criativa e agradável, preservando o prazer da descoberta e a alegria contida em qualquer tipo de atividade, elevando a autoestima dos envolvidos no processo. As práticas lúdicas indígenas foram o objeto deste estudo e, partindo dessas premissas, esta pesquisa teve como objetivo analisar as práticas lúdicas na Comunidade Indígena Tabalascada, buscando conhecer o universo sócio cultural por meio das significações que assumem nos sujeitos que delas se utilizam, nos tempos anteriores e atuais, na vivência dos membros da comunidade, em suas narrativas orais, estabelecendo a relação entre os aspectos tradicionais indígenas ensinados e aprendidos entre gerações mais velhas e mais novas. Nesse sentido e, visando sistematizar as práticas lúdicas dessa comunidade, foi realizada uma pesquisa etnográfica, com abordagem qualitativa, por meio da observação participante e das narrativas orais dos seus moradores. Acreditamos que esta pesquisa contribuiu para o registro e valorização dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas em seus processos de ensinar e aprender, suas vozes revelaram a importância da ludicidade presentes nas práticas cotidianas, bem como para todos os que demonstrarem interesse por esse objeto de estudo.

Palavras-chave: práticas lúdicas, cotidiano indígena, narrativas orais.

ABSTRACT

The playfulness, despite being experienced with greater intensity in childhood, is a human need at any stage of life. The development of the human being with the playful may allow the processes of communication, socialization, speech and knowledge construction. Thus, this stimulus can happen rich, creative and enjoyable, ie, preserving the sense of discovery and joy contained in any type of activity, raising the self-esteem of those involved in the process. The playful indigenous practices were the subject of this study and, based on these assumptions, this study aimed to analyze the ludic practices in Indigenous Community Tabalascada. Seeking to know the universe through the socio-cultural meanings they assume in subjects who make use of them, in times past and present, in the experience of the community members in their oral narratives, establishing the relationship between the indigenous traditional aspects taught and learned from older generations and newer finally. In order to analyze and systematize the ludic practices in Indigenous Community Tabalascada was performed ethnographic research with a qualitative approach and through participant observation, and collected oral narratives. It is believed that this research contributed to the recording and valuation of traditional knowledge by indigenous peoples in their processes of teaching and learning with playful practices that have been narrated, revealing the importance of this playfulness, as well as to people who show interest in the object of study.

Keywords: ludic practices, everyday indigenous oral narratives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Mapa geográfico da localização da Comunidade Indígena Tabalascada...	22
Figura 2	- Criança participando do trabalho da farinhada.....	64
Figura 3	- Crianças brincando.....	65
Figura 4	- Criança participando da colheita da mandioca e maniva.....	65
Figura 5	- Crianças construindo uma casinha para brincarem.....	66
Figura 6	- Criança brincando de casinha com sua boneca.....	67
Figura 7	- Criança brincando de boneca.....	68
Figura 8	- Crianças jogando no celular.	69
Figura 9	- Criança balando.	70
Figura 10	- Criança brincando de flechar para acertar no alvo.....	71
Figura 11	- Brincando da brincadeira de taco.....	72
Figura 12	- Criança Brincando da brincadeira roda corda.....	73
Figura 13	- Bebê brincando com bola de futebol.....	74
Figura 14	- Mulheres jogando futebol.....	75
Figura 15	- Adolescentes jogando futebol.....	75
Figura 16	- Jovens e adultos jogando futebol.....	76
Figura 17	- Comunidade dançando parixara.....	77
Figura 18	- Mulher servindo caxiri na dança do parixara.....	78
Figura 19	- Criança brincando de bicicleta.....	79
Figura 20	- Criança brincando com animais.....	79
Figura 21	- Criança brincando de balançar.....	80
Figura 22	- Criança brincando de subir nas árvores.....	81
Figura 23	- Criança brincando de flechar.....	86
Figura 24	- A fruta dão.....	87
Figura 25	- Brincadeira de casinha	88
Figura 26	- Brincadeira de força com sabugos de milho.....	90
Figura 27	- Crianças brincando de taco.....	91
Figura 28	- Crianças dançando o parixara.....	92
Figura 29	- Crianças brincando de cabo de guerra.....	93
Figura 30	- Petecas.....	94
Figura 31	- Crianças pulando corda.....	95

Figura 32	- Avião indígena, feito de sabugo de milho.....	96
Figura 33	- Criança brincando de balar.....	97
Figura 34	- Capemba de inajá.....	99
Figura 35	- Crianças e adolescentes jogando futebol.....	100
Figura 36	- Crianças brincando da brincadeira de varra.....	103
Figura 37	- Crianças brincando de roda corda.....	104
Figura 38	- Crianças brincando de balanço.....	105
Figura 39	- Carrinhos feitos de latas de sardinha e conserva.....	107
Figura 40	- Senhor Alderisio, (Wapixana, 67 anos), aposentado, casado, agricultor..	120
Figura 41	-Senhora Cezarina da Silva Pereira, (Wapixana, 61 anos), Casada, aposentada, agricultora.....	123
Figura 42	- Senhora Maria Alaíde (Wapixana, 59 anos), casada, aposentada.....	125
Figura 43	- Senhor Melquior (Macuxi, 75 anos), casado, aposentado.....	128
Figura 44	- Senhor Cesar Cruz (Wapixana, 56 anos), casado, agricultor.....	129
Figura 45	- Senhora Cléia Augusto Bernaldo (Wapixana, 47 anos), casada, agricultora.....	131
Figura 46	- Senhora Rosilda Raposo Felipe, (Macuxi, 64 anos), casada, professora...	133
Figura 47	- Senhor Vitor Francisco Juvêncio (Wapixana, 49 anos), casado, professor e agricultor.....	137
Figura 48	- Senhor Tenison Raposo Felipe (Macuxi, 42 anos), casado, professor.....	138
Figura 49	- Senhor Cosme da Silva (Wapixana, 75 anos), casado, aposentado.....	141

LISTA DE SIGLAS

CIDR	Centro de Informação da Diocese de Roraima
FUNAI	Fundação Nacional do Índio.
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
UFAM	Universidade Federal do Amazonas.
UFRR	Universidade Federal de Roraima.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- 1ª Categoria: Jogos simbólicos.....	82
Quadro 2	- 2ª Categoria: Jogos de regras.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – A COMUNIDADE INDÍGENA TABALASCADA, OS WAPIXANA E OS MACUXI	20
1.1 – Comunidade Indígena Tabalascada.....	20
1.2 – Os Wapixana.....	28
1.3 – Os Macuxi.....	34
CAPÍTULO 2 – UM OLHAR NA LUDICIDADE INDÍGENA	37
2.1 – A Ludicidade Indígena.....	37
2.2 – O Lúdico no Cotidiano das Crianças Indígenas.....	41
2.3 – As práticas lúdicas nas comunidades indígenas e o processo de modernização.....	48
CAPÍTULO 3 – COMO A LUDICIDADE ACONTECEU E VEM ACONTECENDO NA ATUALIDADE NA COMUNIDADE INDÍGENA TABALASCADA	54
3.1 – O lúdico na Comunidade Indígena Tabalascada.....	54
3.2 – Conhecendo o tradicional e o moderno nas práticas lúdicas da Comunidade Indígena Tabalascada.....	59
3.3 – As categorias do lúdico da Comunidade Indígena Tabalascada	81
3.4 – Sistematização das práticas lúdicas da Comunidade Indígena Tabalascada.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	113
ANEXO A	117
ANEXO B	120

INTRODUÇÃO

Esta dissertação propõe a apresentar o resultado das investigações sobre as práticas lúdicas na Comunidade Indígena Tabalascada, em Boa Vista, estado de Roraima, a partir das narrativas orais dos membros que moram há mais tempo na comunidade, uma vez que parte do pressuposto de que as brincadeiras poderão oportunizar o desenvolvimento do ser humano, ajudando-o na contextualização da própria vida e construção de seus espaços, considerando seus saberes, conhecimentos e na compreensão de mundo.

O interesse pelo objeto da pesquisa nasceu das experiências vivenciadas como professora desde os 15 (quinze) anos de idade, quando começo minha vida profissional, pelo constante desejo de inovar, pesquisar e adequar metodologias para a construção do processo educacional, perpassando pelo Trabalho de Conclusão de Curso na licenciatura e a monografia da especialização, nos quais o lúdico foi tema de pesquisas bibliográficas, bem como nas atividades pedagógicas desenvolvidas como pesquisadora e docente na Educação Básica no Colégio de Aplicação e na Licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran de Educação Superior Indígena da Universidade Federal de Roraima.

Com base nos objetivos definidos para a realização desta pesquisa, foram escolhidas questões norteadoras que possibilitassem responder: Como eram realizadas as práticas lúdicas em tempos passados na Comunidade? Qual a importância dessas para as pessoas idosas da comunidade e como são repassadas na atualidade? As atividades lúdicas estão presentes no cotidiano das crianças indígenas da Comunidade Tabalascada?

O estudo em pauta se caracterizou como uma etnografia sobre as práticas lúdicas no cotidiano dos moradores da Comunidade Indígena Tabalascada, com ênfase nas narrativas orais. A dissertação está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, *A Comunidade Indígena Tabalascada, os Wapixana e os Macuxi* apresenta historicamente, o contexto de formação sócio, político e cultural dos Macuxi e Wapixana que moram na Comunidade Indígena Tabalascada. Consideradas as informações recolhidas junto aos moradores da comunidade, participantes e não participantes das narrativas orais descritas. No levantamento realizado junto aos órgãos públicos FUNAI, IBGE e em documentos existentes na comunidade, reunindo informações que compusessem o conhecimento sobre o cenário indígena geral em Roraima - pouco se pode afirmar e pouco se

escreve sobre a nossa história.

Certos de que o histórico da comunidade não é o foco principal desta dissertação, importante lembrar que na história recente do nosso país há um marco que define a luta indígena pelos seus direitos frente ao estado brasileiro: a Constituição Federal de 1988. Nela se deu a garantia para que os indígenas saíssem da condição de categoria social desprivilegiada e ocupassem a posição de grupos étnicos possuidores de características próprias que os diferenciam entre si. Com isso passaram também a ter o direito de manter sua organização social, educação escolar diferenciada, seus costumes, língua e crenças.

Logo percebemos a importância de mostrar neste capítulo um apanhado geral sobre a comunidade indígena Tabalascada, também sua história de constituição e luta pela terra e identidade indígena, bem como a organização social para a conquista do direito à demarcação de suas terras, visto que esta comunidade indígena é bastante referenciada pelas pessoas, mas no âmbito acadêmico ainda é pouco conhecida.

Procuramos também neste capítulo colocar um pouco da história do povo Wapixana e do povo Macuxi.

No segundo capítulo *Um Olhar na Ludicidade Indígena* almejou-se, numa perspectiva sócio histórico, entender o lúdico no contexto indígena por meio da definição de conceitos e reflexões apresentados por autores como Kishimoto, Huizinga, Maluf, Brougère, Vygotsky e outros. Neste capítulo traçou-se a revelação do universo lúdico no contexto do Brasil e no mundo, como também se apresenta o lúdico no cotidiano das crianças indígenas, como são as práticas lúdicas indígenas no processo de modernização.

Por fim, no terceiro capítulo, *Como a Ludicidade aconteceu e vem acontecendo na atualidade na Comunidade Indígena Tabalascada*, buscou-se analisar as práticas lúdicas da Comunidade Indígena Tabalascada e compreendeu-se que, por meio das narrativas orais, as práticas lúdicas foram o guia para as conclusões apresentadas nas sistematizações identificadas na comunidade.

Importa salientar que após a realização das atividades com os indígenas, sempre eram feitos registros diários de campo, na busca de uma compreensão prévia sobre o que foi revelado no decurso da pesquisa entre o investigador e o investigado. Os diários de campo contribuíram, pois na medida em que se finalizávamos os trabalhos, ainda no calor das falas, o narrador relatava suas impressões, sentimentos e opiniões acerca dos fatos e memórias,

naquilo que se constituíam diálogos, conversas que sempre continuavam por mais algumas horas.

Para o desenvolvimento deste capítulo, as análises foram fundamentadas nos conceitos teóricos de Paul Ricoeur, Kishimoto, Clifford, Brougère, Huizinga, Koch-Grunberg e outros estudiosos que vêm pesquisando no Brasil e no mundo sobre o objeto de estudo dessa dissertação.

Diante de uma atitude interdisciplinar, ao colocar-me como uma pesquisadora fui capaz de observar a comunidade sob uma perspectiva geral e local. Para mim essa parte foi uma das mais fáceis, isso por ser indígena e saber que não houve impeditivos na relação com a comunidade, visto que um dos desafios do pesquisador é conseguir manter sua presença no campo, de modo que respeite as normas de interação social em suas especificidades na comunidade. Ao mesmo tempo, fui me inserindo de maneira afetiva, a fim de realizar a pesquisa que ora transforma-se em texto dissertativo.

1 CAPÍTULO - A COMUNIDADE INDÍGENA TABALASCADA, OS WAPIXANA E OS MACUXI

1.1 Comunidade Indígena Tabalascada

Por se constituírem numa atividade de conversação, ao realizar os encontros como os moradores da comunidade, alguns dos narradores sempre iam vivenciando o passado, como e onde eles viveram como foi o surgimento da comunidade que, no entanto, poucos sabiam relatar. Destacamos o relato da Dona Cezarina (Wapixana, 61 anos) mais conhecida por dona Nega, que nos diz o que ela ouviu de como surgiu a Comunidade Indígena Tabalascada:

Essa história não escutei pelo pai não, escutei pelo meu sogro... ele contou que essa comunidade aqui foi fundada pelo pessoal que trouxeram do Amazonas, do Rio Amazonas que o pai do meu pai era do Rio Negro... o cabelo dele bem enroladinho. Ai, seu Jesus Colares morava na beira do rio, que era fazendeiro, ai trouxe esse pessoal do rio negro de lá pra fundar essa comunidade aqui, que aqui não existia ninguém, aqui não morava ninguém, trouxe pra trabalhar na fazenda dele. Como eles gostavam de trabalhar de roça, parece lá, ai eles falavam assim que queriam um pedaço de mata pra botar roça pra plantar, pra ter essas coisas ai, sempre o que as pessoas gostam de trabalhar, ele trouxe eles pra cá como tem essa serra da Tabalascada, veio pra cá, mostrou pra eles ai, trouxe eles, ficaram muito animado, ai foi quando fundou essa comunidade aqui (Cezarina, 61 anos, wapixana).

Dona Cezarina continua narrando o que ouviu de seus parentes, de como foi se povoando a comunidade:

[...] esses amazonenses foram casando com as Roraimenses, as Wapixana, como o finado pai do meu pai, meu avó casou com a filha de um velho que morava aqui Seu Antoin Raposa, morava ali pra banda do Canauani¹, ele também não era daqui, ele era da banda da Barata². Ele veio de lá pra cá, ai veio fundando assim, porque não tinha ninguém... Os Macuxi não tinha não aqui, Macuxi chegou aqui, vixi, depois que a gente morara só os Wapixana, os primeiros Macuxi que chegaram ai foi seu Narciso com dona Rosilda, eu me lembro bem, foi os primeiros Macuxi que chegaram aqui, eu morava lá na cerca quando eu era casada, chegaram pra cá, sem nada, pedindo um lugar para morar... Meu pai que era tuxaua nesse tempo. Seu Narciso temos muito lugar, muita terra, pra trabalhar, ele foi lá na roça, achou bonito, ai

¹ Comunidade indígena que fica próxima a Comunidade Indígena Tabalascada.

² Comunidade Indígena localizada na Região do Taiano, no Município do Alto Alegre.

disse que vinha morar pra cá, veio até hoje tá morando aqui, onde ele chegou, fez a casa dele e até hoje eles tão lá (Cezarina, 61 anos, wapixana).

A Terra Indígena Tabalascada está localizada no município do Cantá, extremo Oeste da região Serra da Lua, a 26 km da capital do estado de Roraima que é Boa Vista e sua área total é de 13.014 hectares. Conforme o Decreto de Homologação (Anexo A), os limites geográficos estabelecidos são:

- NORTE: do Igarapé Marapiara com Igarapé São Lourenço, segue por uma linha reta até a margem direita da Estrada RR-170, no sentido Cantá/Boa Vista, na confluência do Igarapé Inajá com Igarapé Santa Cecília, daí segue por uma linha reta até a margem direita do Igarapé do Inácio próximo da ponte, daí segue pelo citado igarapé até o ponto P-4, localizado na sua confluência com o Igarapé da Onça e na divisa da Terra Indígena Canauanim;

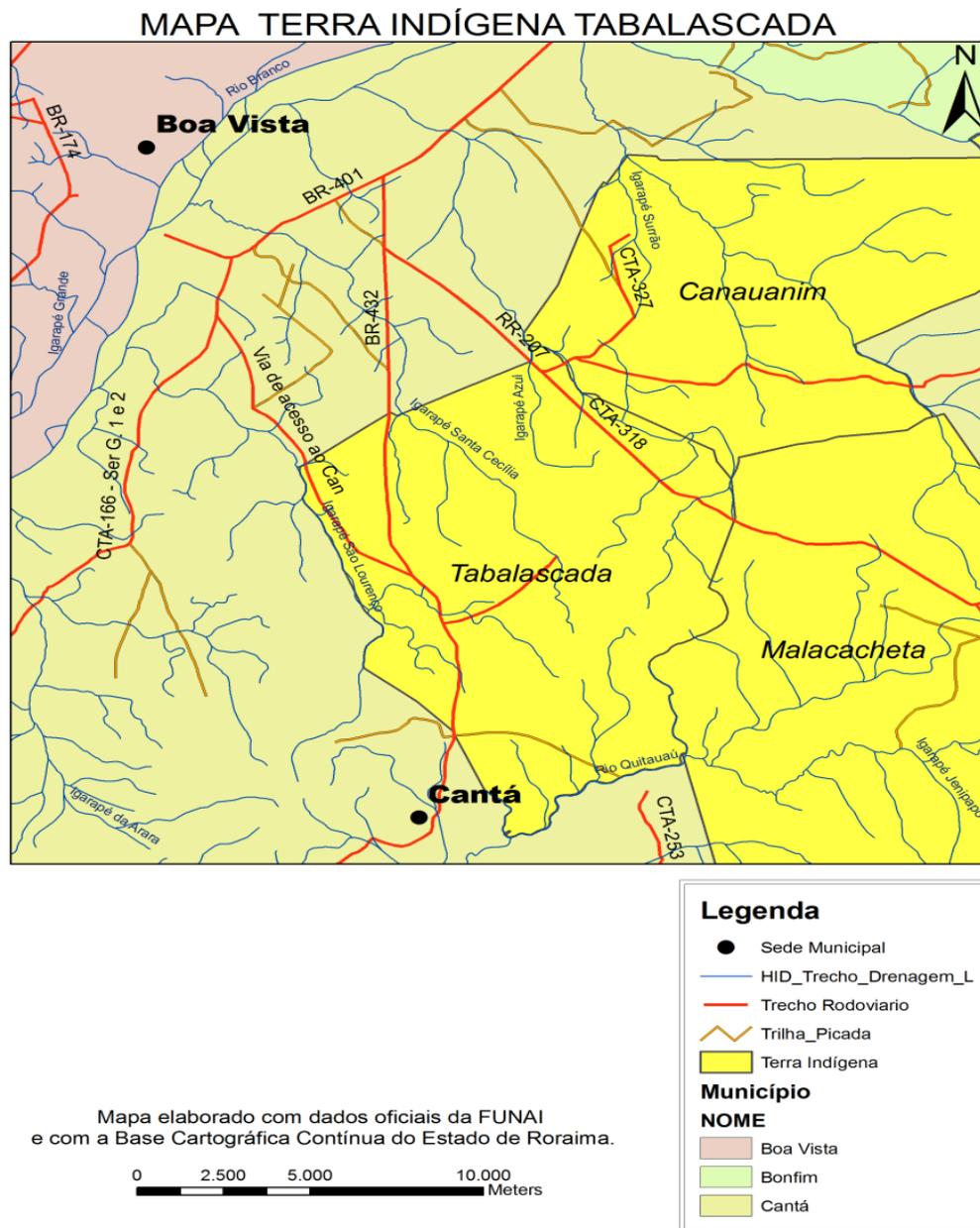
- LESTE: do Igarapé da Onça até sua cabeceira, segue por uma linha reta até a margem esquerda do Igarapé Surrãozinho, localizado à margem esquerda da Estrada RR-207 no sentido Malacacheta/Boa Vista; segue por uma linha reta até sopé da Serra da Malacacheta; daí até a margem esquerda do Igarapé Favinha; seguindo até sua confluência com o Rio Quitauaú, (trecho compreendido com a Terra Indígena Malacacheta);

- SUL: pela margem direita do Rio Quitauaú até a confluência com o Igarapé Paxiuba;

- OESTE: do Igarapé Paxiuba até a sua cabeceira; daí segue por uma linha reta até as Terras da Colônia Braz de Aguiar, segue por uma linha reta até a margem esquerda da Rodovia RR-170, no sentido Cantá/Boa Vista; segue por uma linha reta até a Lagoa da Capivara; daí a margem direita do Igarapé Seringal, daí a confluência com Igarapé São Lourenço; daí segue pelo citado Igarapé até o Marco SAT-01, início da descrição deste perímetro.

Por estar localizada às margens da BR/432 (antiga RR/170), esta comunidade é privilegiada em relação às demais comunidades da região, o que facilita o acesso à capital do estado e à sede do Município do Cantá. Há várias linhas de ônibus diárias que possibilitam estudar, trabalhar na capital, receber suas aposentadorias e até mesmo vender seus produtos agrícolas.

Figura 1: Mapa geográfico da localização da Comunidade Indígena Tabalascada



Fonte: Arquivo Funai/RR, 2010.

A terra Indígena Tabalascada possui, atualmente, três comunidades: Tabalascada, Laje e Campinarana que fazem parte de um só território único e contínuo.

A organização política da comunidade é deliberada nas reuniões comunitárias. Nelas se discutem e avaliam sobre a educação, saúde, procurando tomar as decisões com votações comunitárias. Por meio do voto coletivo, decisões são tomadas para que se tenha uma

qualidade de vida e se avalie o que realmente é melhor para todos. Essas reuniões comunitárias acontecem sempre no primeiro domingo de cada mês.

Os moradores escolhem seu representante local por meio de eleição direta com votos em cédulas, pela constituição de chapas para os seguintes cargos: 1º tuxaua e 2º tuxaua. O tempo de mandato é de dois anos com direito à reeleição de acordo com o regimento interno da comunidade. Só tem direito de votar quem realmente reside na comunidade ou os que participam das reuniões pelo menos seis vezes durante um ano e que tenha dezesseis anos. Um mês antes da eleição, os candidatos apresentam suas propostas de campanha.

Existem outras lideranças que são os capatazes e são responsáveis pelos trabalhos comunitários. Nas comunidades Laje e Campinarana que não possuem tuxaua, os capatazes são escolhidos de maneira direta nas reuniões comunitárias para representar o tuxaua da Comunidade Indígena centro, Tabalascada.

Para chegar a adquirir o pedaço de terra de fato e de direito hoje conquistada, não foi diferente das lutas que os moradores das comunidades enfrentaram. Os tuxauas que passaram pela administração tem muito que contar. O Sr. Alderizio (Wapixana, 67 anos) passou vinte anos neste cargo. A seguir, ele narra um pouco de seu sofrimento:

Eu fui muito ameaçado pelos fazendeiros sobre essa terra aqui, fui o tuxaua que mais investiu aqui, que mais sofreu foi eu, passei esses 20 anos de sofrimento, às vezes eu ia dormi pensando, se eu sair por ai, os fazendeiros podia me ameaçar, podia me pegar por ai, podia passar o carro por cima de mim. Eu rezava muito, pedia a Deus pra nunca acontecer nada comigo... Graças a Deus que venci hoje a nossa terra esta demarcada (Alderizio, 67 anos, wapixana).

A homologação da Terra da Comunidade Indígena Tabalascada passou por vários momentos marcantes: a regularização fundiária foi iniciada em 1977, pela Portaria 597/E/77 que reconhece a área com 4.500 hectares. Em 1981 publica-se a Portaria 950/E/81 ampliando a área para 7.000 hectares. No ano seguinte, com a Portaria 1223/E/de 21 de fevereiro de 1982, foi declarada a posse permanente dos povos indígenas Wapixana e Macuxi. Em 29 de maio de 2004, foi denominada Terra Indígena pela Portaria 257/PRESI/1997 com 13.014 hectares.

No dia 30/10/2002 publicou-se uma portaria 3.010/MJ para realizar estudos e levantamentos fundiários para revisão da Terra Indígena Tabalascada. No dia 29 de maio de

2004, chega à comunidade uma equipe da empresa Amazontopografia para realizar os trabalhos de demarcação física da área. Durante esses trabalhos, houve vários conflitos entre os posseiros e moradores da comunidade. Mas, no dia 27 de julho do mesmo ano, realizou-se o marco histórico da conquista da Terra Indígena Tabalascada: representantes da empresa Amazontopografia, juntamente com um fiscal da FUNAI de Brasília, deram por concluídos os trabalhos da demarcação.

Finalmente, para a surpresa e alegria de todos os moradores da comunidade, pela publicação do Decreto Federal do dia 19 de abril de 2005, tem-se a homologação da Terra Indígena Tabalascada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sendo esta a penúltima a ser homologada na Região Indígena Serra da Lua.

Atualmente, conforme o IBGE – Censo Demográfico 2010/Resultado do Universo indígena registra-se a população da comunidade com a maioria pertencente à etnia Wapixana e a minoria à etnia Macuxi, com aproximadamente 553 habitantes, dos quais 503 declaram-se indígenas, 43 não se declaram, mas se consideram indígenas, 05 não se declaram e nem se consideram indígenas. Vivem, atualmente na comunidade, 120 famílias, das quais 115 possuem casa própria, 01 é alugada e 04 são cedidas.

A economia da comunidade é baseada na agricultura familiar, constituindo-se a farinha de mandioca, na maior fonte de sobrevivência da comunidade e a criação de animais de pequeno e médio porte. Existe o projeto de gado bovino comunitário, que funciona como fonte econômica e é desenvolvido com trabalhos comunitários. Muitos membros das famílias saem para trabalhar na cidade, vilas e fazendas. Há famílias que dependem dos programas dos governos das esferas federal, estadual e municipal. Realidade que acontece com várias famílias que se acomodam e deixam de fazer suas roças, de possuírem animais, contando somente com os recursos destes programas. Também na comunidade há profissionais estaduais, federais e aposentados.

Para a construção de suas moradias, fazem uma organização das casas conforme vão acontecendo os casamentos, procurando sempre construir as casas perto dos pais, isso acontece até hoje com as famílias existentes na comunidade. Dona Cezarina confirma que todos os seus filhos moram perto dela:

[...] aqui perto moram meus filhos, lá mora a Lídia, lá do lado de lá o Ozéias que é meu filho, ali a Arlete, aqui comigo mora a Elita que é a enfermeira, ali mora a Ester, tudo mora arredor, só mora uma na cidade porque o marido

dela é empregado, mas o resto mora tudo perto de mim (Cezarina, 61 anos, wapixana).

Assim a comunidade vai se formando com várias casas, uma perto da outra. Isso porque as mulheres indígenas tem o poder de convencer seus maridos a morarem perto da família delas, sendo ele da mesma etnia ou não e antes de casar, o futuro genro deve demonstrar que é trabalhador ao futuro sogro para que mereça a esposa.

Na Comunidade Indígena Tabalascada existem poucos falantes nas línguas indígenas Wapixana e Macuxi, e a língua materna dos seus moradores é a Portuguesa. Levantamento recente realizado pelos alunos do ensino médio na comunidade obteve as seguintes porcentagens: 100% são falantes da Língua Portuguesa, 20% são falantes da Língua Wapixana e somente 5% são falantes da Língua Macuxi.

Tornar-se falante da língua indígena tem se constituído um desafio para os professores de língua indígena na escola da comunidade, pois está proposto pelas lideranças indígenas que todos os moradores falem as línguas indígenas Wapixana e Macuxi. Utilizando-se dos materiais produzidos na escola pelos discentes durante as aulas de língua indígena, os docentes vêm desenvolvendo planejamentos de cursos e metodologias de ensino que possibilitem aos alunos indígenas não falantes da língua indígena, ter a oportunidade de aprender o idioma como mais um instrumento de comunicação e de identidade cultural.

Na comunidade existem duas com escolas estruturas físicas novas, em uma funciona o Ensino Infantil e na outra o Fundamental e Médio.

No ano de 2009 é criado por meio do Decreto nº 007 de 10 de março de 2009, o estabelecimento de ensino da rede Municipal do Cantá/RR, com o nome Escola Municipal Indígena Vovó Madalena Ambrósio. Possui 01 (uma) sala de aula, 01 (um) banheiro masculino e 01 (um) feminino, 01 (uma) sala para direção e 01 (uma) copa. Atualmente atende 30 (trinta) alunos no 1º e no 2º períodos, tem 01 (uma) professora do quadro efetivo municipal, 02 (duas) assistentes de aluno, 01 (um) professor da língua Wapixana e uma sala anexa na Comunidade Indígena Laje, que funciona nas dependências da escola estadual. No dia 01 de outubro de 2009 é criado o Conselho Escolar para auxiliar a gestão escolar no assessoramento, planejamento e nas decisões das atividades escolares.

A outra estrutura onde funcionam os Ensinos Fundamental e Médio, administrada pela Secretaria de Educação do Estado de Roraima e pela Divisão de Educação Indígena- DIEI. Dispõe de 07 (sete) salas de aula, 01 (uma) sala de recurso multifuncional, 01 (uma) sala de

informática, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) sala para direção, 01 (uma) secretaria, 01 (um) refeitório, com banheiros masculino e feminino. Apesar de ter alunos com necessidades educacionais especiais inclusos, a escola ainda não foi adequada para atender a esta demanda, pois o problema é que os governantes vão construindo as escolas sem procurar conhecer a realidade das comunidades indígenas.

A Escola, entre os anos de 1975 a 2003, chamava-se Joaquim Pinto Souto Maior e ofertava somente o ensino fundamental de 1ª a 4ª séries. No ano de 2003, foi implantado o ensino fundamental de 5ª a 8ª séries e, em 2004, o Ensino Médio. Ainda em 2004, a comunidade por meio de eleição, tomou a decisão de trocar o nome de Joaquim Pinto Souto Maior para Ednilson Lima Cavalcante, professor filho da comunidade, já falecido. A partir daí, o referido nome foi reconhecido pela Secretaria de Educação pelo Decreto nº 5.610-E de 26/01/2004.

Atualmente, a escola atende aproximadamente 176 alunos regularmente matriculados na educação básica, com 22 professores indígenas, dentre estes 07 graduados, 11 graduandos na Licenciatura Intercultural/UFRR, 03 com magistério e 03 pessoas de apoio.

A escola possui o calendário Escolar, Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar, documentos fundamentais que garantem o funcionamento legal do estabelecimento de ensino e visam a uma educação de qualidade, diferenciada aos alunos indígenas da região, adequada às especificidades de cada etnia.

As ações da comunidade escolar da Educação Básica se desenvolvem conforme o Calendário Escolar que é organizado em reuniões com os pais, alunos e professores, sendo elaborado, aprovado e deliberado por todos os participantes, para que seja cumprido no ano seguinte de modo flexível, independente dos feriados municipais, estaduais e nacionais.

O currículo neste estabelecimento de ensino é organizado por meio de discussões com a comunidade escolar e em geral, tendo como objetivo na sua elaboração os conteúdos que possam corresponder à vivência dos discentes e suas especificidades no processo de formação, principalmente no ensino e aprendizagem. Importante salientar que o Ensino de Língua Indígena é reprovativo com a carga horária igual ao da Língua Portuguesa. Está em construção um currículo que seja trabalhado por área de conhecimento.

Nessa escola indígena são desenvolvidos projetos que promovem a formação integral do aluno indígena, como o projeto da horta escolar, do jardim, de viveiro de mudas, de artesanatos, de plantas medicinais, roça escolar, dentre outros.

As atividades de pesquisas direcionadas aos alunos, sempre são realizadas no laboratório de informática como também na biblioteca da escola.

As formaturas são realizadas com os alunos trajados tradicionalmente, com pinturas, vestimentas confeccionadas pela própria comunidade, com material de fibras e ao final, confraternizam-se sempre oferecendo comidas e bebidas da culinária indígena, feitas na própria comunidade, como a damorida³, peixe assado, beiju e como bebida o famoso caxiri de mandioca ou de milho.

As religiões presentes na comunidade são a católica e a evangélica. Existe uma igreja católica e duas evangélicas, mas há mais católicos. Há muito tempo que não se tem a figura do pajé na comunidade, mas ainda há benzedeiras, rezadores e parteiras. Os rezadores e as benzedeiras ainda são muito procurados para rezar principalmente nas crianças que estão com quebrantos e sustos.

É muito forte ainda na comunidade a crença no Canaimé⁴, isso porque quando acontece uma morte rápida de algum morador e não se sabe a causa, os moradores culpam o “Canaimé” ou “Rabudo” que para eles são espíritos do mal que matam sem deixar vestígios. Certa ocasião, conversando com as crianças da comunidade, uma veio e falou: *tia, a Lalá quase morria bem ali no caminho para a casa da vovó, a mamãe disse que foi o Canaimé que pegou ela e enforcou, ai mamãe pegou ela e levou pra vovó Chica rezar e ele ficou boa. A irmã mais velha confirma a fala da irmã menor dizendo que sua mamãe fala para eles não andarem sozinhos, porque o Canaimé pode pegar.*

A Comunidade indígena Tabalascada possui um posto de saúde que tem um cronograma para um só médico atender o serviço de todos da comunidade. Apesar desse apoio precário das organizações governamentais e não governamentais, não se fica só esperando por esse atendimento, isso porque ainda se usa muito as medicações alternativas com as plantas medicinais existentes na comunidade, utilizando seus valores culturais e tradicionais.

³ Comida indígena, caldos de carnes variadas, cozinhada com bastante pimenta. Sendo a mais usada a de peixe.

⁴ Lendo a obra do Roraima ao Orinoco do Antropólogo Alemão Koch-Grumberg, nela conta em uma conversa com os Taurepang, e Macuxi do Surumú e do Cotingo, foram relatando guerras com muito sangue entre Wapixana e Macuxi, além de histórias incríveis sobre o lendário Canaimé. Grumberg (1917) diz que "O conceito de kanaimé desempenha um papel muito importante na vida desses índios. Designa, de certo modo, o princípio do mau, tudo que é sinistro e prejudica o homem e de que ele mal consegue se proteger, o vingador da morte, que persegue o inimigo anos a fio até matá-lo traiçoeiramente, esse "faz Canaimé." Nessa guerra os Wapixana quase foram todos dizimados, mas conseguiram fugir, sempre ficando alguns pelo caminho, principalmente mulheres e crianças indefesas, eles fugiram para o norte e lá fixaram moradas e colocaram o nome da região de Serra da Lua morada dos Wapixana (KOCH GRUMBERG, 2006, pág. 21).

Nos eventos organizados pela escola e a comunidade estão sempre presentes as danças do parixara com grupos de alunos e professores que cantam e dançam valorizando a própria cultura, como também essas apresentações acontecem quando aparecem visitas de outras instituições. Essas apresentações constituem-se como referência para as outras escolas indígenas do estado de Roraima e são também veiculadas na mídia local e até nacional.

A comunidade iniciou a composição do seu regimento interno com objetivo de garantir um convívio com harmonia e bem estar entre seus membros, constando dos direitos e deveres do morador da comunidade, tendo como visão a manutenção da identidade étnica e a valorização cultural. Surgiu a discussão para a construção do regimento interno da comunidade Indígena Tabalascada devido às muitas irregularidades praticadas pelos próprios moradores da comunidade tais como: queimadas para somente vender lenha, captura de animais silvestres por invasores, a falta da preservação da fauna e da flora, dentre outras.

A contribuição dos moradores da Comunidade Indígena Tabalascada foi de grande valia para que este histórico fosse construído, visto que eles vivenciaram todo o processo de mudanças em relação à posse da terra, à manutenção das línguas Wapixana e Macuxi, à cultura e tradições indígenas. Muitos acontecimentos, bons e ruins, contribuíram para que a realidade atual fosse diferente em comparação com o passado, ressaltando-se que continua a luta por uma vida digna, com paz, sem violência. Estes são os desejos confirmados após escutar vários depoimentos dos moradores da comunidade.

1.2 Wapixana

Segundo Migliazza (1985, pág.60) o termo Wapixana é usado para designar, no Brasil e na República Cooperativa da Guiana, os falantes de dois dialetos mutuamente inteligíveis, Wapishana e Atorai. Outros tantos nomes foram citados na literatura com referência a esse povo Wapityan, Wapitschana, Matisana, Uapixana, Vapidiana, Attaraye, Dauri, Atorayu, Vapidiana Verdadeiro, Aturaiu, Amaripás, Maopitian e Wapichiyana. Os nomes variam de autor para autor, algumas vezes correspondem a meras variações gráficas, outras vezes atendendo a subdivisões dialetais.

Termos tais como Wapishana, Wapixana, Uapixana, entre outros já citados, são formas como não índios os tratam, enquanto Atorai (Aturaiu ou Atoradi), Amaripás (ou Amariba), Maopitian (Mapidiana ou Mapidiana), entre outros, correspondem às etnias que

habitavam no passado o atual território dos Wapixana, cujas línguas convergiram ou estão convergindo, ao longo dos anos para o atual Wapixana.

As primeiras notícias dos Wapixana foram encontradas num relatório de 1787. Naquele tempo, moravam nas fontes do rio Maú até as cabeceiras do Rio Parimé, eram governados por 15 tuxauas e, ressaltou-se de que esta tribo era a mais populosa das tribos na região. Suas personalidades eram pacíficas, tinha uma grande facilidade de entrosamento com os não índios, isso porque estavam sempre trabalhando para estes. Muitos deles procuraram algumas colônias novas para o rumo do rio Parauaiána em Tupinambarána, no Amazonas.

Submetidos a abusos cometidos pelos colonizadores, resolveram ir para a Guiana Britânica, hoje chamada de Guiana Inglesa. Na época, foram estimados em 1500 almas, como eram chamadas as pessoas naquela época. Ao longo das últimas décadas, os Wapixana tiveram uma grande diminuição. Coudreau (1987), sobre os Wapixana, colocou uma lista de palavras da língua e atribuiu a decadência dessas à facilidade de adaptação às influências europeias, além de ressaltar também o caráter pacífico e submisso inato dos indígenas dessa etnia e pela prolongada interação com os não índios e mestiços servindo como mão de obra, como vaqueiros e remadores. Ao final do século XVII, alguns Wapixana já falavam português.

O contato com os colonizadores representou um grande golpe para os Wapixana, quer durante o processo de escravização para a obtenção de mão de obra que antecedeu o século XVIII, quer durante a segunda metade desse mesmo século, por ocasião dos aldeamentos forçados implementados pelos portugueses para evitar a presença de colonizadores de outras nacionalidades na região do rio Branco (FARAGE, 1991, p. 121; 2002, p. 507). Posteriormente, a ocupação colonizadora produziu o retalhamento do território dos Wapixana, intensificando cada vez mais o contato deles com não índios, seja por meio do recrutamento de sua mão de obra para o trabalho em fazendas, seja pelas incursões de religiosos, inclusive na escolarização de crianças (FARAGE, 2002, p. 508) seja na relação com órgãos oficiais, tais como o Serviço de Proteção aos Índios, que foi iniciada já no princípio do século XX (SANTILLI, 1994, p. 11).

Essa longa e intensa interrelação com não índios, aliada aos contatos interétnicos com outros grupos indígenas – especialmente o povo Macuxi, têm resultado, evidentemente, em mudanças de hábitos culturais, embora certos traços se mantenham até hoje, o que se confirma nas descrições apresentadas nas narrativas orais nos capítulos seguintes.

Quanto ao sistema habitacional, os Wapixana moram em malocas, normalmente situadas nas proximidades dos rios e igarapés, compostas de um conglomerado central constituído de edificações de uso coletivo, quais sejam: um 'malocão', amplo galpão coberto de palha de buritizeiro ou de inajá onde se realizam eventos sociais diversos, tais como festas e reuniões; uma casa onde funciona a cantina comunitária; o prédio da igreja e o prédio da escola da rede estadual de educação, além de um campo de futebol. Trilhas mais ou menos estreitas ligam, assimetricamente, essa área nuclear de uso coletivo às casas cobertas de palha situadas em torno dela - as unidades de residências familiares que, na atualidade, são constituídas basicamente de famílias nucleares.

Conforme Franchetto (1988), essa organização atual parece constituir uma mudança com relação à organização mais antiga, uma vez que as primeiras documentações sobre os grupos indígenas da região falavam da configuração das malocas como sendo espacialmente de forma circular, ou elíptica, composta de vinte a trinta casas, construídas com paredes de barro e teto de folhas de palmeira, sem divisões internas.

Em se tratando de organização política, no âmbito da maloca, os Wapixana preservam a autoridade do "tuxaua", líder que tem como responsabilidade organizar e liderar atividades de interesse coletivo, tais como reuniões e adjuntas (ou ajuri); zelar os bens e negócios de interesse coletivo, tais como a criação de gado, a cantina e a comercialização de seus produtos; e representá-los perante outras pessoas e autoridades exteriores ao seu meio. Também em relação a esse sistema sociopolítico, conforme Franchetto (ibid), deve ter havido mudanças históricas em três aspectos. Primeiro, no que tange à transmissão do cargo da chefia política, que era hereditária, enquanto agora, a atribuição do papel de tuxaua é condicionada por outros fatores, inclusive aqueles externos à comunidade, tais como missionários e políticos oficiais controlados pela FUNAI, pelos partidos políticos, dentre outros. Segundo, no que diz respeito à divisão de atribuições e responsabilidades, que hoje envolve outras figuras auxiliares, tais como secretários, capatazes, pastores, catequistas. Finalmente, com relação à marginalização do importante papel do pajé, autoridade religiosa que antes compunha com o tuxaua uma dualidade de poderes equilibrados diante da comunidade.

Do ponto de vista da organização econômica, os Wapixana obtêm recursos para a sobrevivência essencialmente na agricultura, que é realizada mediante a técnica tradicional, da coivara e plantação de roças. Normalmente, as famílias possuem suas próprias, mas isso

não impede que realizem mutirões coletivos nas roças das outras. O processo se dá da seguinte maneira: a família proprietária da roça solicita o trabalho dos demais membros da maloca nos períodos de necessidade, tais como: nas épocas de limpa, de colheita e outros. Durante o período em que realizam o trabalho conjunto, a família beneficiada oferece a todos a alimentação necessária e sua bebida típica - o caxiri. Esse processo se repete para todas as famílias que precisem do trabalho do grupo.

Dentre os produtos cultivados destacam-se o feijão, o milho e, em especial, a mandioca. A utilidade do feijão e do milho assemelha-se ao uso empregado por não índios, ou seja, o feijão compõe o prato cotidiano, enquanto o milho tanto é consumido na sua forma natural quanto em seus derivados, tais como, a canjica, a pamonha, fubá, aluá⁵. A mandioca, entretanto, é o alimento básico e mais tradicional, ganhando "status" místico, sagrado. É consumida na forma natural e em alimentos derivados, tais como, o beiju, a farinha e a tapioca, mas, sobretudo, é utilizada na produção de bebidas especiais, como pajuaru e caxiri, servidas tanto cotidianamente (muitas vezes como alimentação), como também por ocasião de solenidades.

Os Wapixana buscam recursos para a sobrevivência também na caça e na pesca, que cada vez mais são realizadas com instrumentos da cultura não indígena, como anzóis, redes de pesca, armas de fogo, dentre outros. Todavia, sobretudo nas malocas mais distantes dos centros urbanos como o Pium, por exemplo, ainda fazem uso da flecha e da lança para a realização dessas atividades. Também importantes são as atividades de colheita e extrativismo de produtos vegetais, tais como bacaba, buriti, açaí, dentre outros.

Outra atividade econômica relevante é a pecuária, em que se destaca a criação de gado coletivamente, administrada pelo tuxaua de cada comunidade indígena e visa ao suprimento de recursos para eventuais necessidades de interesse da comunidade. São também comuns as criações, em especial de ovinos e suínos, por famílias nucleares individualmente.

Quanto à terminologia de parentesco, conforme o sistema apresentado por Diniz (1968), os Wapixana classificam todos os parentes em cinco gerações:

Na *primeira geração ascendente*, o irmão do pai é classificado como pai (ráre) e a irmã da mãe como mãe (ráru), enquanto o irmão da mãe (ta:tai) e a irmã do pai (nan) são classificados como sogro e sogra. Na *geração de Ego*, os primos paralelos (úrre 'masculino'; darucú 'feminino' – de Ego

⁵ Bebida fermentada também derivada do milho, como do abacaxi e da mandioca.

masculino) são incluídos na categoria de irmãos. Os primos cruzados são referidos como cunhados (naðne ‘masculino’; na:nêrru ‘feminino – de Ego masculino). Na *segunda geração ascendente* e na *segunda geração descendente*, o pai do pai e a mãe do pai são designados pelos mesmos termos correspondentes ao pai da mãe (dacúrre) e à mãe da mãe (cucúi). Os filhos e as filhas dos filhos recebem idênticos designativos aos filhos e às filhas das filhas (tcáno). Na *primeira geração descendente*, Ego classifica os filhos e as filhas do irmão (dáne) como os seus próprios, enquanto designa os filhos e as filhas da irmã (dane-quearrô) com um termo que pode equivaler a genro ou nora. (DINIZ, 1968, p.6).

Os Wapixana são moradores exclusivos das savanas e ainda hoje estão espalhados sobre uma área enorme de Roraima. As partes centrais do seu território vão, como antes, do alto Rupunúni pelo Tacutú até o Rio Branco.

Com a chegada dos Karibes alguns séculos atrás e em especial os Macuxi, tiveram que começar a defender seu território com muita luta, porém, depois de várias guerras sangrentas, começaram a serem derrotados e se espalhar, reprimidos, os que conseguiram ficar e conviver com os Macuxi foram adquirindo vários traços culturais dos Macuxi (CIDR,1989).

A língua Wapixana é afiliada geneticamente à família linguística Arawak, de acordo com Rodrigues (1986, p.65) que afirma que “Aruák ou Arawák é o nome de uma língua falada na costa guianesa da América do Sul, na Venezuela, na Guiana, no Suriname e na Guiana Francesa”. Devido a esta abrangência geográfica, inclusive algumas ilhas das Antilhas, o nome Arawak veio a ser utilizado para designar um conjunto de línguas aparentadas à língua Arawak. Especula-se que Cristóvão Colombo tenha ouvido essas línguas, em seu primeiro contato no Novo Mundo.

Outro termo utilizado para designar a família Arawak é Maipure. Esta denominação foi usada em 1782 por Filippo Salvatore Gilij, que reconheceu o parentesco genético entre a língua Maipure do vale do Orinoco e a língua Mojo, falada na Bolívia, e, então, passou a denominar grupo de Maipure ou Maipuran (Payne, 1991 apud Santos, 2006 p. 14). O termo Maipure foi empregado para designar essa família linguística, antes mesmo que Arawak, só que após as contribuições de Von den Steinen (1886) e Brinton (1891), este último termo se sobrepôs (AIKHENVALD 1999, apud SANTOS, 2006). Recentemente o termo Maipure representa a maior subfamília Arawak, assim como o Jê em relação ao Macro-Jê. O trabalho de David Payne (1991) estabeleceu, com um grau relativamente alto de certeza quanto às

filiações genéticas entre as línguas Maipure, ainda que as subclassificações específicas estejam sujeitas a revisão (URBAN, 1998, p. 95).

Koch-Grunberg (2006) conseguiu colecionar muito material da língua Wapixana e esta está bastante isolada no grupo das línguas Aruak, pois parecem elementos muitos estranhos, a pronúncia curta e dura da maioria das palavras faz a diferença de todas as demais línguas deste grupo.

A língua mais conhecida até os dias atuais é a dos Wapixana, na literatura foram chamados também: Wapisiana ou Wapissiana, Wapiana, Uapichana, Uabixana, Uabijana, Uaipiana, Wapitan ou Wapityan e Wabean.

Atualmente, os Wapixana ocupam três regiões distintas Surumú, Taiano e Serra da Lua⁶. A população Wapixana está com aproximadamente com 3.154 habitantes (IBGE – Censo Demográfico 2010/Resultado do Universo Indígena).

Um fator importante e singular da cultura dos Wapixana é a preocupação com a preservação de sua língua. Esse fato, como expressou Franchetto na apresentação do dicionário Wapixana-Português, Português-Wapixana, constitui-se num exemplo de renovação das práticas educacionais voltadas para as comunidades indígenas (apud CADETE, 1990, p. 9), é o fruto da consciência de um povo que, a cada dia, se sente mais afastado do seu referencial de cultura, por imposição de uma cultura envolvente que, já a partir da aquisição da escrita, numa escola cuja prática educacional dá exclusividade à língua nacional, assiste ao esvaziamento do saber oral e à consequente redução do uso de sua língua, acompanhados pela própria perda de identidade por parte das gerações mais jovens que entram na instituição escolar.

A preocupação com essa distância entre seu referencial cultural e o conhecimento que lhe é oferecido levou um grupo de indígenas a criar, em 1993, o Projeto “A Língua Wapixana: Formação de Professores Indígenas e Produção de Material Didático” que contava com a assessoria de Franchetto. O Projeto tinha como metas básicas o resgate dos valores da língua indígena e a elaboração de subsídios para o trabalho dos "mestres da língua", que são falantes nativos, cuja tarefa é ministrar o ensino do Wapixana nas escolas das comunidades.

Especialmente para os Wapixana que vivem no lado brasileiro nos arredores dos centros urbanos, esse zelo pela língua materna é significativo, pois, como atesta o

⁶ As três regiões fazem parte das 12 (doze) regiões indígenas existentes no estado de Roraima.

levantamento sociolinguístico elaborado por Franchetto (1988), há duas realidades no que concerne ao uso da língua nativa pelos Wapixana. Aqueles que habitam as proximidades dos centros urbanos convivem com uma situação de bilinguismo envolvendo o português e o Wapixana, com uma crescente predominância da língua da sociedade envolvente, especialmente, nas gerações mais jovens. Diferentemente, daqueles que vivem em malocas mais distantes das cidades e mantêm contatos constantes com os parentes da Guiana, a língua materna se mantém numa situação quase plena de monolinguismo.

1.3 Macuxi

Na região do Rio Branco concentrava-se uma grande população indígena constituindo-se as tribos da família linguística Karibe, os Macuxi, que encontram-se registrados desde 1778 no mapa de Surville. Posteriormente, outro relatório é apresentado em português, em 1787, salientando a localização daqueles sempre na mesma região da serra de Macarapan, até as fontes do Maú. Eram comandados, naquela época por cinco tuxauas, não tinham contato com as demais tribos, não desciam até o Rio Branco, pois existia uma grande revelia com os Wapixana.

Os Macuxi foram visitados em 1832 por Johann Natterer, que adquiriu um material onde colecionava um vocabulário da língua desse povo, além de mais quatro listas com palavras de outras línguas indígenas. Tinha também uma etnografia desse povo, mas que desapareceram sem deixar nenhum vestígio, sendo encontradas somente algumas folhas do diário e um inventário das sessenta e cinco listas com palavras nas línguas, no qual Natterer conseguiu algumas anotações sobre o território Macuxi e seus deslocamentos, pois moravam às margens do Rio Pirarara, desembocando no rio Mahú, indo ao Rio Tacutú e por último chegando ao Rio Branco.

Nestas áreas apareceram os primeiros exploradores que foram os irmãos Robert e Richard Schomburgk, ficando em contato permanente com os Macuxi entre 1835 e 1844, descobrindo que esse povo tinha muitas qualidades e uma simpatia excepcional. Os pesquisadores Schomburgk estimavam naquela época que o número total de Macuxi era de 3000 almas, e com o passar do tempo diminuiu.

Seu território principal era entre os rios Mahú, Tacutú e Rupunúni, nas áreas fronteiriças entre o Brasil e a Guiana Britânica. Ocupando as montanhas cobertas de densas

matas, se estendendo em direção Oeste/Noroeste até o rio Cotingo, encontrando em colônias isoladas às margens do Rio Surumú e, no Sudeste, nos extensos lavrados, sempre lado a lado dos Wapixana, indo até a área do alto dos rios Parimé e Maruá. Pequenos assentamentos Macuxi existiam na margem direita do baixo Uraricoera, perto da confluência com o rio Tacutú, assim também no rio Surumú, onde já começam a se misturar com os Wapixana.

Os Macuxi de Maracá no ponto Ocidental mais avançado da tribo eram separados da massa principal no leste pelos Wapixana. Eles formaram um pequeno centro bem conhecido na vila de Santa Rosa no ponto Oriental da ilha de Maracá. Mas logo começaram as perseguições e violências por parte de colonos brancos, como também diversas epidemias, levando os Macuxi a saírem desta vila deixando um deserto, se dispersando em pequenas cabanas perto da ilha de Maracá.

Koch-Grünberg (2006) em sua convivência com os Macuxi começou a detectar uma grande divisão entre as tribos e guerrilhas que se desenrolavam como inimigos entre si, enfrentando-se com algumas diferenças, nas quais descreve as mais importantes:

- Mo'noikó, Mo (o) noikó; moravam no baixo Cotingo e a Leste deste rio nas montanhas, sua aparência era musculosa pelas suas supostas bruxarias, eles eram considerados como maus;
- Os Macuxi do alto Tacutú eram chamados de Asepanggong, a fama desses era de ser perigosíssimos e tornaram-se conhecidos como “Kanaimé”, pois com suas bruxarias levavam as pessoas à morte.

Os vizinhos dos Macuxi, ao Noroeste e ao Norte, eram os Taulipáng, como eles próprios se chamavam. Tinham também outros vizinhos os “Arekunas” dos irmãos Schomburgk, de Appun, Brown e outros viajantes, e os “Yarecunas” ou “Yaricunas” de Coudreau e dos brasileiros.

Os Macuxi eram considerados agressivos na época, pois ao migrar em pequenos grupos, tudo ocasionado pelos conflitos intertribais, foram enfrentar os espanhóis. Conseguiram chegar ao Rio Branco e, logo após surgiram os conflitos entre os indígenas e os europeus. Por não ganharem a guerra, os Macuxi passaram a procurar outros lugares. Com a procura para adquirir espaços, os Taurepang começam a seguir e se aproximar dos Macuxi, e saindo a seu favor passam a combater os inimigos lado a lado, assim os dois grupos ficam mais fortalecidos, mas logo eles se separam e se fixam separadamente, mantendo relações interétnicas. A partir daí começa o acúmulo de novos traços culturais.

Conforme o Censo demográfico 2010 do IBGE, os Macuxi são 28.912 e os Wapixana 8.133, estando entre a população indígena com indicação entre as 15 etnias com maior número de indígenas por localização no Brasil, espalhados por várias regiões de Roraima. Atualmente, os Wapixana encontram-se em sua maioria em três regiões Surumú, Taiano e Serra da Lua, os Macuxi estão mais espalhados, talvez por ser uma população maior, são encontrados também na região do Surumú, Taiano, Serra da Lua, região das Serras, baixo, médio e alto São Marcos, e outras.

Baines (2003) aborda em sua pesquisa sobre os casamentos mistos que acontecem e que já se tornaram muito natural entre esses indígenas e não indígenas:

Muitas pessoas das gerações mais novas são fruto de casamentos mistos entre Macuxi, Wapichana, mestiços e brancos, tornando a distinção mais ambígua e contraditória da perspectiva de um estrangeiro, mas não da perspectiva delas, pois não veem nenhum problema em se identificar conforme os contextos em que estão imersas e lhes parecem naturais (BAINES, 2003, p.80).

Daí as afirmações de que os Wapixana são uma mistura de traços Macuxi com a cultura hegemônica dos não índios, na qual fica até difícil se fazer uma definição pela aparência. O autor confirma a identificação dos Wapixana e Macuxi, colocando que esses povos:

[...] foram colonizados pelos fazendeiros que ocupavam a região do lavrado de Roraima e transformados em trabalhadores braçais de fazendas. O impacto da colonização sobre eles foi muito forte tendo sido submetidos à escravização, continuam recriando seus próprios valores culturais, sobretudo a partir do movimento político indígena na década de 1970 (BAINES, 2003, p.84).

Hoje, podemos afirmar que os Wapixana e os Macuxi estão fazendo a constituição de suas próprias histórias, sem violência com os outros povos, afirmando sua autonomia indígena com a participação em vários movimentos nacionais e internacionais indígenas. Sabe-se que com a adoção de novos hábitos e valores não só os Wapixana e os Macuxi, mas todas as populações indígenas de Roraima sofrem até hoje.

Entretanto, este não é o foco desta pesquisa. Interessam-nos deste passado histórico as práticas lúdicas destes povos. Sabendo que estamos em constante evolução humana, jamais podem ficar no esquecimento o que foi aprendido com as gerações passadas.

2 CAPÍTULO - UM OLHAR NA LUDICIDADE INDÍGENA

2.1 – A Ludicidade Indígena

Desde o período de colonização no Brasil já se tinha a revelação do universo lúdico por meio de fotos e gravuras, que retratavam as formas de viver de lusitanos, novos brasileiros, índios e escravos, estes dois últimos revelavam suas atitudes curiosas e estranhas. Nessas formas se proporcionava às crianças o desenvolvimento de aprendizagens levando-as à aquisição de novos conhecimentos e habilidades, de forma natural e agradável, enquanto brincavam aprendiam, com ludicidade (SILVA, 2007).

Kishimoto (1997) aponta que em nosso contexto infantil de brincadeiras, há modelos e formas de brinquedos trazidos e perpetuados por crianças portuguesas, negras e índias. Sabe-se que o Brasil, sendo um país originário da miscigenação de povos, herdou muito da cultura produzida por esta mistura e não seria, com certeza, diferente no caso das brincadeiras infantis.

O folclore português foi passado de geração em geração por meio da oralidade, sendo conhecidas as lendas, contos e superstições, objetos de estudo nas escolas e nas brincadeiras. Com a ampla mistura existente na população dos brasileiros fica difícil afirmar qual a ascendência específica dos brancos, negros e indígenas nas brincadeiras e nos jogos tradicionais infantis, na atualidade.

O termo lúdico, conforme Marinho *et al* (2007), tem sua origem no latim na palavra “*ludus*” que quer dizer jogo, e o termo estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao momento prazeroso. Mas a terminologia evoluiu muito nas pesquisas de várias áreas de estudo, na psicologia, na educação, na antropologia, na sociologia, dentre outras, de modo que deixou de ser considerado apenas o sentido de jogo. O lúdico são ações do brincar, levando aos meios de transmissão e ressignificação da cultura na qual o ser humano está inserido, os aspectos universais da interação, incluindo semelhanças entre os gêneros e entre os contextos culturais.

No tocante à etimologia do vocábulo “*ludus*”, Huizinga traz uma importante contribuição ao afirmar que:

Contrastando fortemente com a heterogeneidade e a instabilidade das designações da função lúdica em grego, o latim cobre todo o terreno do jogo com uma única palavra: *ludus*, de *ludere*, de onde deriva diretamente *lusus*. Convém salientar que *jocus*, *jocari*, no sentido especial de fazer humor, de dizer piadas, não significa exatamente jogo em latim clássico. Embora *ludere* possa ser usado para designar os saltos dos peixes, o esvoaçar dos pássaros e o borbulhar das águas, sua etimologia não parece residir na esfera do movimento rápido, e sim na da não seriedade, e particularmente na da "ilusão" e da "simulação". *Ludus* abrange os jogos infantis, a recreação, as competições, as representações litúrgicas e teatrais e os jogos de azar. Na expressão *lares ludentes*, significa "dançar". Parece estar no primeiro plano à ideia de "simular" ou de "tomar o aspecto de". Os compostos *alludo*, *colludo*, *iludo* apontam todos na direção do irreal, do ilusório. Esta base semântica está oculta em *ludi*, no sentido dos grandes jogos públicos que desempenhavam um papel tão importante na vida romana, ou então no sentido de "escolas". No primeiro caso o ponto de partida semântico é a competição; no segundo, é provavelmente a "prática" (HUIZINGA, 2008, p.29).

Dessa afirmação, há que se acreditar que já há muito tempo não só os romanos, como Huizinga afirma, mas Souza (1996) aponta que os egípcios e maias já destacavam o lúdico com grande importância nas brincadeiras e nos jogos, pois para eles, por meio das práticas lúdicas, as gerações mais jovens aprendiam com os mais velhos os valores e o conhecimento de sua cultura. Para Chateau (1984), a aprendizagem que decorre do ato de brincar é evidente [...] é muito claro que o jogo exercita não apenas os músculos, mas a inteligência (CHATEAU, 1984 *apud* SOARES, 2008, pg. 5).

No entanto, o lúdico refere-se a uma dimensão que evoca os sentimentos de liberdade e espontaneidade de ação. Abrange atividades prazerosas, descontraídas e desobrigadas de toda e qualquer espécie de intencionalidade ou vontade alheia. Maluf (2009) atribui uma relação do lúdico ao crescimento pessoal do indivíduo:

A busca do saber torna-se importante e prazerosa quando a criança aprende brincando. É possível, através do brincar, formar indivíduos com autonomia, motivador para muitos interesses e capazes de aprender rapidamente. É só acreditar, fazendo do brincar momentos de grandes conquistas (MALUF, 2009, p. 9).

Nesse afã, o autor aponta que o lúdico pode levar a uma compreensão de que é no brincar que as crianças passam a desenvolver sua criatividade, proporcionando o desenvolvimento da aprendizagem prazerosa e construindo sua autonomia sem a burocracia que se tem na vida adulta.

O significado de lúdico para Wiess (2002) é de que o [...] processo de jogar, brincar, representar e dramatizar como condutas semelhantes na vida infantil (WIES, 2002, p.71), logo, a criança está conhecendo e percebendo o mundo, pois assim o lúdico torna-se uma peça fundamental no trabalho com ela.

Para Piaget (1984), o lúdico é formado por um conjunto linguístico que funciona dentro de um contexto social, que possui um sistema de regras e se constitui em um objeto simbólico que designa também um fenômeno. Portanto, conduz a criança à identificação de um sistema de regras que permite uma estrutura sequencial que especifica a sua moralidade (PIAGET, 1984, p. 44). Martinez dos Santos complementa o pensamento de Piaget pontuando que ele vê o jogo como um processo de ajuda ao desenvolvimento da criança, acompanha-a, sendo ao mesmo tempo uma atividade consequente de seu próprio crescimento.

Vygotsky (1984) destaca que o lúdico ocorre na interação com as práticas lúdicas que envolvem simbologia e brinquedos e que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva. Na visão deste autor a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras (VYGOTSKY, 1984, p. 29).

Ainda nesta perspectiva, o autor contribui colocando que o lúdico influencia enormemente o desenvolvimento da criança, que é por meio da ludicidade que esta aprende a agir e desenvolve sua curiosidade e estimulação, adquire iniciativa e autoconfiança, proporcionando também o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração.

Deste modo, ao apresentar estas relações e conceitos, os autores suscitam que o lúdico compreende o brincar, as brincadeiras, o jogo, como todo ato que a criança faz de forma voluntária e prazerosa, bem como quando ela passa a desenvolver sua criatividade, seu raciocínio e constrói seus conhecimentos. Assim, o lúdico propicia a aprendizagem, desenvolve as habilidades na criança tornando-a autônoma.

As crianças ao desenvolver atividades com ludicidade irão gradativamente interiorizar regras de conduta, respeito e noções de certo e errado. Elas podem experimentar sensações e se colocar no lugar do outro para experimentá-las sob esse ponto de vista, podendo entender melhor os sentimentos que norteiam as situações. Ao abordar a conduta de se viver ludicamente, Seber (1995) faz uma exposição sobre o modo como a ludicidade se apresenta na vida da criança:

A conduta de viver de modo lúdico situações do cotidiano amplia as oportunidades não só de compreensão das próprias experiências como também de progresso do pensamento. A criança se apoia na imaginação para reproduzir recordações ligadas aos momentos em que toma banho, se alimenta, dorme, passeia. Quanto mais ela puder brincar, refazendo diferente o seu dia a dia melhor entenderá o significado dessas experiências e maior condição de progresso o seu pensamento alcançará (SEBER, 1995, p.55).

Portanto, consideradas as várias definições do lúdico, compreende-se a importância deste para as crianças, independente do seu pertencimento étnico, viver no mundo lúdico propicia-lhe o desenvolvimento das competências e habilidades motoras, sociais e afetivas, inerentes às fases da infância, respeitadas as suas especificidades e contexto cultural.

Percebe-se que, de tudo que foi abordado sobre a ludicidade, as crianças da Comunidade Indígena Tabalascada vivenciam essas definições. Elas não se dedicam às práticas lúdicas como um mero passatempo, mas como um processo de maturação, que propiciam o desenvolvimento, bem como na promoção dos processos de socialização, isso porque os indígenas possuem suas próprias formas de socializar as crianças no meio em que vivem, e nesta socialização, a ludicidade está muito presente. Nesse sentido, Piaget (1976) confirma que a brincadeira está na imitação que surge da preparação reflexa e da imitação que consiste na reprodução de um objeto ou ato, na presença do mesmo.

No transcorrer deste trabalho foi possível observar que as crianças indígenas da Comunidade Indígena Tabalascada imitam o trabalho realizado pelos adultos, brincando de trabalhar. De acordo com a Psicologia, o processo de imitação passa por várias etapas, nisso as crianças serão capazes de representar um objeto na ausência do mesmo, porque ocorreu uma ação simbólica de realidades ausentes. Essa imitação se dá porque o mundo da brincadeira é uma antecipação do mundo dos objetos e das ocupações adultas.

A criança indígena ao fazer parte da cultura em que vive, desempenha o papel do adulto no seu mundo lúdico. Suas brincadeiras tornam-se uma preparação para as funções que serão desempenhadas na vida adulta. A criança brinca porque tem um papel, um lugar específico na sociedade, e não apenas porque o faz de conta compõe sua natureza. Na cultura indígena, desde muito cedo, as crianças aprendem com seus pais várias atividades do seu dia a dia, onde elas passam a fazer as imitações dessas atividades. Dentre as brincadeiras observadas na Comunidade Indígena Tabalascada, ao se questionar quatro irmãos que

“brincavam de casinha” falaram que estavam construindo a casa para depois ir representar um personagem: o pai, a mãe, os filhos e os irmãos e fazer comidinha.

Em outro momento, observamos as crianças brincando de carrinho com vários pedaços de pau, outras brincando com os animais domésticos, meninos com baladeiras para balar passarinhos para confecção de cocares.

Dessas brincadeiras, podemos dizer que são formas que as crianças encontram para representar o cotidiano em que estão inseridas. Ao brincar, elas estão incorporando valores sociais, morais que compõem sua cultura. Ao brincar de trabalhar, por exemplo, de flechar, de caçar, de casinha, implica que se apropriam de características e dos atos da realidade. É a reprodução do meio em que a criança está inserida. Brincando, as crianças demonstram seu direito de encontrar no mundo suas identidades.

Ressaltamos que a importância da educação familiar indígena na qual se tem a compreensão dos processos pelos quais os povos indígenas afirmam seus projetos de futuro. Principalmente reafirmando as identidades étnicas, tradições e saberes, bem como dando ênfase ao desenvolvimento sócio-ambiental no que concerne à sustentabilidade e garantia das gerações futuras e seus territórios.

2.2 – O Lúdico no Cotidiano das crianças Indígenas

Cada etnia determina os aspectos culturais que formam a infância de suas crianças a partir do que julga útil e legítimo para a comunidade em que estão inseridas, procurando fazer a orientação e socialização dos saberes que lhes possibilitará o desenvolvimento físico, sócio, afetivo e cognitivo. Por meio de práticas que garantam a apropriação desses conhecimentos, dentre as singularidades dessa etapa da vida humana, está presente a ludicidade.

Pontuando sobre esse aspecto, Oliveira (2008) propõe que as práticas lúdicas estão sempre presente no cotidiano em que vive a criança:

Entre os sinais diacríticos que definem a infância, a ludicidade sempre se destacou uma vez que esta fase do ciclo da vida é compreendida como a fase, por excelência, da vivência do lúdico. Assim, a literatura antropológica existente sobre a infância entende que o apelo ao lúdico é uma marca da infância e sempre que for dada à criança a chance de agir ela formatará sua ação ludicamente. *A importância da ludicidade para as crianças de qualquer cultura se dá pelo fato de que a infância é o momento em que se inaugura o processo de socialização na vida do indivíduo, devendo*

permanecer este processo ao longo de toda a sua vida. Mas é no primeiro momento, na infância, que a socialização aparece em seu furor. E esta socialização infantil se utiliza do ludismo para garantir a sua efetivação (OLIVEIRA, 2008, p. 01) grifo nosso.

Ao discorrer sobre o lúdico indígena, é necessário abordar sobre o “jogo” em suas muitas definições, norteando boa parte da reflexão sobre a esfera lúdica a partir do que Johan Huizinga (2008), na sua obra clássica sobre o jogo *Homo Ludens*, quando analisa o significado do jogo como elemento da cultura, resumindo características como:

[...] uma atividade livre, conscientemente tomada como ‘não séria’ e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. [...] desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendências a se rodearem de segredo e a sublinharem suas diferenças em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes (HUIZINGA, 2008, p. 16).

Nesta obra também há uma associação dos jogos e brincadeiras às atividades diárias e produtivas como a caça, a pesca, a colheita, a produção de artefatos, a construção de casas. A curiosidade, a aptidão, a criatividade envolvida nessas ações e em tantas outras, permite reconhecer a seriedade da dimensão presente nas atividades cotidianas e produtivas.

Ao considerar que se deve reconhecer a seriedade nas atividades do cotidiano, Oliveira (2011), em sua pesquisa apresenta que as práticas lúdicas das crianças indígenas Guarani na Aldeia Três Palmeiras são planejadas sistematicamente em horários pré-determinados, assim descritos:

Pela manhã, seu grande compromisso é com a escola diferenciada da aldeia, que frequentam das 7:00 às 9:00h. Deste horário até o meio dia, dividem seu tempo com brincadeiras na cabana central (protegendo-se do sol) e na ajuda de seus familiares nos afazeres domésticos. Na parte da tarde estão mais livres para brincadeiras, ainda que continuem envolvidas ajudando suas famílias (cuidando das crianças menores, buscando água, levando e trazendo coisas entre as casas). Com o sol um pouco mais ameno, exploram mais o ambiente da aldeia, na maioria em grupos de brincadeiras (OLIVEIRA, 2011, p.99).

As crianças desta aldeia/comunidade têm a permissão para desenvolver as mais diversas práticas lúdicas no seu cotidiano, isso porque nota-se um ambiente agradável e bem diversificado. Para os indígenas, grande parte das brincadeiras está inserida no fazer das atividades diárias, no aprender fazendo, a partir das que são realizadas pelos pais com seus filhos.

Na Comunidade Indígena Tabalascada, em Roraima, não poderia ser distinto, pois a ludicidade está presente no dia a dia dos seus moradores. Quando estão realizando os processos de produção da farinha e seus derivados, as crianças estão presentes nos diversos momentos e ambientes sem nenhuma obrigação. Participam como divertimento ou lazer, entre risadas e afazeres, quando se cansam e são autorizados pelos adultos procuram outras práticas lúdicas para executarem, tais como andar de bicicleta, correr atrás um do outro, subir em árvores e depois eles voltam sem nenhuma obrigação imposta pelos adultos que se encontram para a farinhada.

Podemos dizer que a ludicidade indígena acontece em ambientes que fazem parte do cotidiano infantil, na família ou comunidade, de acordo com os significados culturais das pessoas que ali vivem. As crianças, ao brincar, vão descobrindo e aprendendo no convívio com seus pares, familiares próximos ou parentes da mesma idade ou até mais velhos, quando em visitas, reproduzem suas brincadeiras e repassam seus conhecimentos, em atividades que propõem uma construção social e cultural.

Dessa forma, reforçando em suas pesquisas, o antropólogo Baldus (1970) aponta que é essencial a relação que ocorre na natureza para quem está se divertindo e ao mesmo tempo aprendendo, isso quando se tratava de comunidades indígenas. Logo, se vê que o mundo da criança está ligado ao do adulto, apenas separados pelo viés da diversão, da ludicidade.

A natureza é o elemento propulsor do brincar indígena, visto que os demais, presentes no meio ambiente, como sementes, folhas, cabaças, pedaços de paus, frutos, argila, entre outros, são utilizados nas brincadeiras e nos jogos criativamente inventados pelas crianças indígenas. Observando as brincadeiras e jogos vivenciados pelas crianças indígenas, é possível perceber que são brinquedos naturais, ou seja, retirados da natureza, utilizados para se divertirem ao redor de suas casas ou em correria pelo pátio da escola, no barracão da comunidade. Baldus (1970) ressalta que entre os brinquedos feitos por algumas etnias destacam-se:

Os Bakairis com as bolas de palha, os Paresis com as de seiva, os piões entre os Tapirapés, as petecas e bonecas de barro entre os Karajás, apitos e bonecas de algodão são feitas pelos Rikbaktsas e as flechas de buriti feitas pelos Xavantes, entre outros. A prática lúdica entre os índios brasileiros ainda é uma atividade viva e exerce um importante papel na socialização dos membros das comunidades indígenas (BALDUS, 1970. p. 65).

Essa realidade constitui-se em um dos desafios que os povos indígenas têm, entre tantos outros, manter viva a identidade étnica e cultural, buscando caminhos que possibilitem pelo menos uma convivência intercultural, onde aspectos fundamentais da formação da criança e da construção da sua identidade sejam resguardados. Isso porque a criança, por meio do brincar, aprende e se diverte, faz atividades, começa a construir seu conhecimento e convívio social. Logo se entende que o jogo/brincadeira possuem ordem e é regras, possibilitando à criança a construção de limites e o respeito a estes. Portanto, considera-se Vygostsky (1994), quando afirma que:

A criança começa com uma situação imaginária, que é uma reprodução da situação real, sendo a brincadeira muito mais lembrança de alguma coisa que realmente aconteceu, do que uma situação imaginária nova. À medida que a brincadeira se desenvolve, observamos um movimento em direção à realização consciente do seu propósito (VYGOSTSKY, 1994, p. 118).

No momento em que acontecem os jogos/brincadeiras, a ludicidade promove o envolvimento no processo em que as crianças participam, levando tal participação à necessidade de desenvolverem-se normas para o jogar/brincar e, finalmente surgem as regras, que possibilitarão o processo de aprendizagem e respeito, além da divisão na participação/trabalho. E para notar que a história do lúdico jamais poderá ficar isolada da influência dos portugueses, dos negros e dos índios nas brincadeiras das crianças brasileiras, a ludicidade é muito ampla e rica em materiais de pesquisa, por isso a preferência pelo tema abrangeu com intensidade também esta pesquisa, na reconstrução das práticas sociais da infância onde o lúdico se compôs e continua presente na história e narrativas daqueles que se fizeram sujeitos.

Para situar o jogo no tempo, Kishimoto (1997) pontua que:

A tradicionalidade e universalidade dos jogos assentam-se no fato de que povos distintos e antigos como os da Grécia e no Oriente brincaram de

amarelinha, de empinar papagaios, jogar pedrinhas e até hoje as crianças o fazem da mesma forma (KISHIMOTO, 1997, p.16).

Logo, esses jogos foram e continuam sendo transmitidos entre gerações, perpassados por meio de conhecimento empírico e conservam-se na memória das sociedades. Vêm sendo repassados de geração a geração da mesma forma, por meio da oralidade, e assim tornaram-se conhecidos também os mitos, as lendas, os contos e é claro, o objeto desse estudo que são as práticas lúdicas indígenas.

A influência dos indígenas nas brincadeiras infantis não é uma tarefa fácil para identificar, devido à imensidão e à diversidade cultural desses povos. Ao citar o artefato lúdico em algumas comunidades indígenas, as mães fazem o brinquedo para os seus filhos, como por exemplo, a figura de animais em barro cozido. A tradição indígena em que as bonecas de barro, figuras nas quais predomina o feminino, não sendo “simples brinquedo, mas elementos de religiosidade”. Kishimoto (1997, p.60) descreve brincadeiras que são realizadas até hoje: “A prática de utilizar aves domésticas como bonecos, bem como o uso do bodoque⁷ e do alçapão⁸ para pegar passarinhos e depois criá-los, são tradições que permanecem na infância brasileira”. O papel da mulher indígena tem uma forte contribuição, pois ela é base do exemplo familiar, suas atividades estão relacionadas à confecção dos alimentos para a família e na construção dos utensílios de cozinha, bem como de adornos e vestimentas utilizados nas práticas culturais e rituais, bem como de outros costumes que estão presentes até hoje, no cotidiano.

O modo de brincar das crianças indígenas se torna muitas vezes simbólico, isso porque o jogo não possui o mesmo sentido entre eles, predominam as brincadeiras junto à natureza. As brincadeiras funcionam sempre como uma preparação para a vida adulta, levando as crianças à realização de pequenas tarefas domésticas como ir para roça, descascar a mandioca, pegar lenha, cozinhar, cuidar de irmãos menores, dentre outras.

Herrero (2010) apresenta os resultados de sua pesquisa realizada na Aldeia do alto Xingu, afirmando que para a realização da ampla maioria das brincadeiras e jogos são aproveitadas o entorno existente a terra, a água, a fogueira, a palha de buriti, um tronco, a estrutura da casa, o corpo, o corpo do outro. Em suma, percebe-se que na confecção de alguns

⁷ Arco para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, pedrinhas, etc. (Fonte: Dicionário Silveira Bueno, 1999).

⁸ Armadilha disfarçada. (Fonte: Dicionário Silveira Bueno, 1999).

brinquedos indígenas são utilizados materiais que estão ao alcance da criança indígena, que estão disponíveis na natureza.

Ainda nos dias atuais existem brinquedos indígenas que permanecem nas brincadeiras das crianças brasileiras, tais como o “o jogo do fio”, conhecido também por “cama de gato”; “a matraca”, cujo “movimento de virar e esticar o fio produz um ronronar que diverte os meninos”; a peteca, que é feita pelos adultos e crianças indígenas, brinquedo que tem sua origem nas tribos tupis do Brasil (KISHIMOTO, 1997, p. 67).

Segundo Kishimoto (1999, p.61), da tradição indígena ficou no brasileiro o gosto pelos jogos e brinquedos imitando animais. Paulo Freire (1999, p. 17) coloca o próprio jogo do bicho, tão popular no Brasil, originou-se neste resíduo animista e totêmico da cultura indígena, sendo reforçado pela África.

Em afirmações como estas vem à confirmação de que as crianças indígenas têm a ludicidade como uma forma de aprendizagem por meio das várias atividades do dia a dia da comunidade, o que pode ser diretamente observado durante o trabalho etnográfico junto às crianças da comunidade Tabalascada, quando da realização dos seus afazeres de casa, da roça, sem como se estivessem brincando.

Os brinquedos para as crianças indígenas são instrumentos que possibilitam a compreensão da funcionalidade sociocultural do meio em que vivem, bem ao contrário da repressão/imposição existente na cultura das crianças urbanas. As crianças indígenas não são castigadas, mas levadas a compreender seus erros sempre em conversas, sem gritos, a criação ocorre sem violência. Quando uma criança ganha algo, logo vai dividir com as demais que estiverem juntas, construindo o processo de socialização dos bens, e de apropriação do conceito e respeito à coletividade. Também não foram observadas atitudes de violências/agressões físicas entre elas, sempre estão sorrindo com tudo que realizam.

Ainda se vê entre os indígenas a falta de competitividade, que é [...] uma característica das populações primitivas, de vida comunitária, pois precisam da cooperação para sua sobrevivência (KISHIMOTO, 1997, p. 67). Mesmo entre os adultos não há a figura de um vencedor, não há competição nos jogos que são realizados, apontando a autora que:

O sentido do jogo como conduta típica de criança, não se aplica ao cotidiano de tribos indígenas. Atirar com arco e flecha não é uma brincadeira, é um treino para caça. Imitar animais são comportamentos místicos tanto de adultos como de crianças, reflexos de símbolos totêmicos antigos.

Misturados com os adultos, participando de tudo na tribo, pequenos curumins não se distinguem por comportamentos particulares como o brincar. Adultos e crianças dançam, cantam, imitam animais, cultivam suas atividades e trabalham para sua subsistência. Mesmo os comportamentos descritos como jogos infantis não passam de forma de conduta de toda tribo. As brincadeiras não pertencem ao reduto infantil (KISHIMOTO, 1997, p.72).

Embora ainda se tenha nos dias atuais a influência indígena nas brincadeiras infantis, pode-se dizer que não possuem a mesma característica, nem a mesma finalidade. O significado é distinto, sendo que, por exemplo, o brincar em outras culturas é pertinente ao mundo infantil, embora não se tenha dúvida de que brincando, a criança estará realizando associações entre o mundo real e o seu mundo naquele instante.

Inserir a criança e sua produção lúdica num contexto cultural é algo que Brougère (1997) aponta como fundamental. O pesquisador deve necessariamente conhecer a cultura onde a brincadeira se desenvolve a fim de não incorrer no erro de considerar algo que naquele ambiente não constitui o fenômeno. Essa tem sido uma preocupação recorrente visto que em certos contextos onde as crianças mantêm forte proximidade com os adultos, suas brincadeiras muitas vezes se confundem com atividades adultas.

O estudo de Gosso (2005) identificou a ocorrência desse fato numa tribo indígena brasileira é um exemplo disso. Nesta pesquisa, observou que as crianças indígenas não sofrem castigos ou repreensões, possuem um grau de liberdade elevado, principalmente quando comparadas às crianças dos grandes centros urbanos e brincam como quaisquer outras crianças. As brincadeiras para essas crianças permitem que elas exercitem não somente habilidades físicas como também habilidades sociais, cognitivas e afetivas fundamentais para a manutenção dos relacionamentos durante a vida adulta. Elas demonstraram maior necessidade em fazer uso de habilidades físicas do que crianças urbanas devido aos desafios impostos pelo contexto em que vivem e às oportunidades de entrar em contato com um ambiente vasto e desafiador. Essas constatações corroboram com as afirmativas sobre as influências ambientais nos estilos e tipos de brincadeiras, ao mesmo tempo em que permitem a identificação de um comportamento que é tipicamente humano. A dizer, brincar é característico da espécie humana, porém suas diversas facetas apresentam-se de acordo com as particularidades socioculturais exibidas pelas crianças durante suas brincadeiras (GOSSO, 2005).

Enfim, podemos colocar que o lúdico constituirá sempre uma atividade inerente ao ser humano. E entre os indígenas as atividades de dança, caça, pesca e luta sempre foram tidas como de sobrevivência, deixando, muitas vezes, o caráter restrito de divertimento e prazer natural. Caracterizando a própria cultura, possibilitando a educação familiar e representando sempre as formas próprias de viver. Ao praticar a ludicidade, o indígena em qualquer momento da vida, seja quando criança ou já adulto, o faz sem dúvida como uma tarefa que se exige um sentido real, verdadeiro em que todos devem estar preparados para realizar de acordo com suas aprendizagens, recebidas dos seus antecedentes, visando à socialização desse conhecimento. Ou seja, as práticas lúdicas estão sempre preparando para vida e desenvolvendo em vários aspectos, tais como habilidade física, a criatividade, a socialização, o convívio e respeito familiar e coletivo, até na sexualidade, dentre outros.

Na concepção dos indígenas, ao praticar a ludicidade, há sempre o que aprender e isso ocorre ao longo da vida. Desse modo, percebe-se que no universo lúdico indígena as crianças têm possibilidade de compreender que a cultura é vista como algo abundante para sua construção. Afinal, não são somente as crianças indígenas que estão aprendendo com as práticas lúdicas, mas todos os sujeitos que estão inseridos na realidade cotidiana da comunidade, até mesmo os adultos e os idosos.

2.3 As práticas lúdicas nas comunidades indígenas no processo de modernização

As práticas lúdicas, por serem entendidas como atos prazerosos de brincar e jogar das crianças ou mesmo de outras fases da vida, permitem sempre mergulhar na cultura e no seu caminho ao longo dos tempos. Esses atos repetitivos são manifestados em cada ação e cada jogo, bem como carregam consigo as brincadeiras perpetuando e se renovando a cada geração, permitindo a recriação e evolução nos novos jogadores ou brincantes, em todos os povos. Como se brincava e como eram os brinquedos são invenções que vão se renovando em cada contexto cultural, resguardadas as especificidades nas diferentes épocas.

Com a modernização e advento da tecnologia, além do intenso contato das comunidades indígenas com outras sociedades não indígenas, houve um impacto na utilização das práticas lúdicas em suas formas e dos objetos utilizados pelas crianças indígenas para brincarem. A entrada de brinquedos industrializados nas comunidades indígenas vem alterando a ludicidade existente no universo da criança indígena, ocorrendo na

medida em que as tecnologias presentes nos brinquedos começam a ser adotadas na prática e rotina, a tomar o espaço das brincadeiras e práticas lúdicas tradicionais.

Dessa forma, podemos afirmar que as novas tecnologias, potencializadas pelo processo de consumo e *marketing*, contribuem para que imagens extraordinárias fortifiquem um mercado consumidor, tendo como base o fascínio das pessoas por atividades que carreguem mensagens de aventura, fortes emoções e, de preferência, que seja capaz de fazê-las se deslocar das rotinas cotidianas.

Isso por que as brincadeiras nas comunidades indígenas ocorriam e ocorrem ainda até hoje em todos os lugares, na terra, na água, na mata, dentro de suas moradias e nos arredores, no entorno da comunidade sempre com uma ligação forte com os animais e a natureza.

Logo, grande parte das práticas lúdicas nas comunidades indígenas, que encantavam não só as crianças como os adultos, que faziam parte do cotidiano de várias gerações, estão desaparecendo devido à influência da televisão, da entrada e utilização de brinquedos industrializados e da tecnologia, uso de computadores, celulares e games a cada dia.

A presença das tecnologias de informações e de comunicação vem alterando principalmente as formas de socialização e de acesso ao conhecimento por parte das crianças indígenas. Essa modernização proposta por esses meios e instrumentos de massificação tem invadido as comunidades indígenas e tem sido responsável pelo desaparecimento de outras formas e espaços de aprendizagem, nos quais as crianças estão aprendendo sobre outros modos de ser e maneiras de viver, atendendo aos apelos do *marketing*, da publicidade, do consumo e entretenimento.

Nessa perspectiva, Oliveira (1992) aponta sobre o que a criança é capaz em sua aprendizagem por meio de brincadeiras e no que se transforma o seu aprendizado:

A criança aprende através da brincadeira a encontrar sua própria vida, nas pessoas reais, a complementação para suas necessidades afetivas e cognitivas. Ela não precisa mais deformar a realidade para assimilá-la, ela aprendeu a conviver, a lidar, a compensar e a lidar através da interação com os outros, com objetos reais (OLIVEIRA, 1992, p. 59).

Para melhor compreensão de como a infância vem sendo vivenciada pelas crianças indígenas e como está acontecendo o processo da modernização nas comunidades indígenas, é necessário perceber como os modos e práticas sociais se manifestam na realidade cultural,

possibilitando um conhecimento aprimorado de como se dá a ludicidade indígena e de como estão as condições de vivência da infância dos povos indígenas na contemporaneidade.

Vale ressaltar também que Koch-Grunberg (2006) em uma de suas expedições pelas regiões de Roraima, descreveu de que modo às crianças indígenas se comportavam e como era realizada a educação familiar e comunitária:

Quando vencem a timidez inicial; [...] essa crianças são criaturas mais confiantes e alegres que possam imaginar. Aceitam cada brincadeira minha, com alegria, mas nunca se comportam mal. São amáveis e educadas; [...] vivem em grande harmonia entre si; [...]. Nunca vi dois deles brigando, ou mesmo batendo no outro. Não há duvida de que os pais dão bom exemplo e, nesse aspecto, são também os melhores professores para um europeu. É extremamente raro a criança indígena ser repreendida com palavras duras ou mesmo castigada pelos pais; [...] constante influencia dos brancos; [...] trabalhar para eles; [...] essas crianças inocentes e, ao mesmo tempo sensíveis, tornam-se carrancudas e fechadas ou impertinentes e atrevidas. O encanto natural se vai (KOCH-GRUNBERG, 2006, p. 64, 65).

No entanto, essa é uma realidade que não se encontra mais nas comunidades indígenas, percebe-se que as brincadeiras nesses contextos, mesmo constituindo-se de importância para as crianças sem distinção de cultura, com o processo de modernização que vem afetando-as, têm ficado de lado e as práticas lúdicas que seriam para elas uma contribuição para a vida, estão deixando de ser vivenciadas.

Logo, para as crianças que vivem nas comunidades indígenas, a brincadeira não é um mero passatempo, as práticas lúdicas ajudam no processo de maturação e desenvolvimento infantil, promovendo processos de socialização e descoberta do mundo. Isso porque nas comunidades indígenas os adultos e crianças dançam, cantam, imitam animais, cultivam suas atividades. Os adultos trabalham para seu sustento e de sua família e mesmo os comportamentos descritos como brincadeiras infantis são, muitas vezes, forma de conduta de toda comunidade indígena, trazendo os ensinamentos necessários à vida em coletividade.

Nesse sentido, esses acontecimentos são verídicos, pois na comunidade em que foi feita a pesquisa, ouvimos de alguns narradores que com o passar do tempo, o brincar no malocão e na frente das casas na comunidade, as atividades do correr, subir em árvores e tomar banhos nos igarapés e nos rios, dentre outras muitas outras brincadeiras indígenas, estão cada vez mais escassas, visto que neste tempo de modernidade e com as tecnologias compondo desenfreadamente a realidade e contextos indígenas, na maioria das comunidades de Roraima já se faz uso da televisão, do computador e dos celulares.

Os diversos usos que as crianças fazem da TV incluem a referência aos desenhos animados e seriados, aos quais todas elas têm acesso, como tema para conversar e brincar, servindo de base para a organização de interações coletivas, inclusive no espaço escolar. Da mesma forma, os significados compartilhados pelo público infantil, por meio do acesso às produções televisivas, possibilitam a construção de saberes e se estendem aos produtos enfatizados nas propagandas, remetendo à análise do consumo como intermediador de relações no cotidiano das crianças (OLIVEIRA, 1992).

Portanto, as brincadeiras tradicionalmente indígenas estão sendo substituídas por outras. A modernização das práticas e afazeres domésticos, as necessidades profissionais dos pais nas comunidades, fazem com que as crianças indígenas fiquem sozinhas em casa e passem a usar esses instrumentos tecnológicos com mais frequência e por não ter, muitas vezes, nenhum adulto que possa estar interferindo nesses espaços e utilização desses meios, como pedir que desliguem a televisão, o computador, o vídeo *game*, se elas ocupam seus tempos livres diante desses produtos?

Essas mudanças conforme (OLIVEIRA, 2008, p. 81) se deram “principalmente, com as transformações no mundo do trabalho, quando a sociedade teve que se adaptar à nova realidade do mercado e da produção”, onde as comunidades indígenas não ficam longe desta realidade, isso porque a humanidade vive em um mundo de milhares de informações disponíveis pelos meios de comunicação, pela via da produção e consumismo.

Daí vem à influência na vida e na cultura da criança indígena, onde a cada dia elas estão sendo influenciadas pelo consumo de brinquedos industrializados e também pelo mundo da informatização. Oliveira (2008) fala da grande influência do consumo que a sociedade em geral atribuiu para o mundo das crianças que chega à desvalorização do lúdico nas comunidades indígenas:

Essa sociedade apela, incansavelmente para o consumo, criando, no indivíduo, a necessidade de consumir mercadorias. Para o público infantil, os brinquedos industrializados são referências marcantes, além de outros acessórios, como roupas de marcas, enlatados, CDs infantis, etc. No caso dos brinquedos, estes já estão prontos, fazem toda a simulação (choro, som, movimento) e a criança apenas permanece frente ao brinquedo passivamente, olhando e observando como expectadora (OLIVEIRA, 2008, p.81).

Nestes contextos, a cultura do consumo tem moldado o campo social, construindo desde muito cedo na criança e no adolescente a experiência com o moderno e vê-se que os

meios pelos quais isso acontece é a invasão da mídia no cotidiano das crianças indígenas, um exemplo é a televisão que [...] transformou a vida e a cultura da criança, as referências de que ela dispõe [...] influenciou, particularmente, sua cultura lúdica (BROUGEÈRE, 1995, p.50).

Deste modo, devido às mudanças na realidade e da sobrevivência familiar nas comunidades indígenas e também tecnológica, pode-se entender porque as brincadeiras de antigamente repassadas de gerações a gerações, os ensinamentos do cotidiano que eram ensinados por necessidade de aprendizado e com prazer, para a manutenção da identidade étnica, passam a ter uma desvalorização cultural e começam a ser substituídas por jogos eletrônicos e brinquedos industrializados.

Essas mudanças que vêm ocorrendo na sociedade refletem diretamente na vida das crianças, pois estão cada vez mais cedo sendo solicitadas a realizar atividades extras, encaminhadas às instituições de ensino, realidade também percebida nas comunidades indígenas, onde agora as escolas passam a assumir as responsabilidades de cuidar (creches e escolas de educação infantil) e educar (demais modalidades de ensino escolar/fundamental/médio e profissionalizante), e, é neste ambiente que elas terão o primeiro contato com a escola, ainda em seu período de infância (3 aos 5 anos), tarefas antes atribuídas aos pais, mães e avós indígenas. As crianças só iam à escola a partir dos sete anos e enquanto não completavam essa idade, as meninas ficavam em casa para aprender os afazeres domésticos, e os meninos iam para a roça com os pais aprender a plantar, caçar e pescar, atividades que garantissem a sobrevivência familiar e comunitária.

Ressaltamos ainda que, nas muitas vezes em que se realizou a observação participante ao longo da pesquisa na Comunidade Indígena Tabalascada, foi possível observar que entre as crianças indígenas não há violência, levam uma vida tranquila e que brincando elas aprendem diversas atividades do cotidiano, que não há gritos e nem brigas entre os irmãos, tudo que fazem é com prazer e que tem motivos de risos em todas as suas atividades por mais simples que sejam, sendo-lhes atribuídos os afazeres domésticos elementares e necessários, que contribuem com a coletividade. Nesse sentido, há entre os avós, pais e educadores um consenso sobre a importância da infância e que devem vitalizar e valorizar as práticas culturais, os costumes tradicionais e introduzi-los na vida das crianças.

Friedmann (2005) explica que é na infância que a criança aprende e tem necessidade de externar seus sentimentos:

[...] com alma, com essência, com significado, aquela na qual as pequenas e simples atitudes, momentos, gestos, sabores, brinquedos, cantos, histórias, pinturas, produções, toques e olhares significativos, valorizados. Uma infância na qual o ser humano esteja sensível e voltado às manifestações de carências, agressividades, dificuldades, interesses, desejos, conflitos dos gestos, do espaço, das produções artísticas, do significado oculto das brincadeiras das crianças (FRIEDMANN, 2005, p.73).

Portanto, que não seja pelo processo da modernidade e tecnologias disponíveis no universo indígena que as práticas lúdicas deixem de ser valorizadas ou entrem em desuso, mas que todos na comunidade validem o cuidado com a forma como as crianças se desenvolvem, se caracterizam, abstraem e vivenciam a cultura, os costumes e valores do seu povo, adquirindo-os no contexto em que estejam inseridas.

Nesse sentido ainda, Santos (2002) relata que não se deve ver a ludicidade como divertimento, mas sendo uma necessidade do ser humano:

[...] uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não poder ser apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento (SANTOS, 2002, p.12).

Diante do exposto sobre as formas de brincar, as brincadeiras atuais e os brinquedos que foram se modificando no decorrer do tempo e da história, que se perceba o quanto o lúdico é indispensável e deve estar presente na vida da criança, pois é no brincar que se realiza na integralidade dos aspectos físico, sócio, afetivo, cognitivo e cultural.

É imprescindível considerar que, por meio das brincadeiras, as crianças passam a desenvolver suas capacidades/competências e habilidades, e que tudo isso se adquire a partir da realidade em que estejam inseridas, pois vão atribuindo significados e passam a reproduzir o que já conhecem. Entendidas assim, as atividades lúdicas são indispensáveis à concretude da vida e proporcionam uma aprendizagem apreciativa.

Acreditamos que as práticas lúdicas indígenas possam servir de instrumentos educativos nas escolas indígenas, contribuindo para a autoafirmação dos indígenas, já que, durante os eventos, são revividas as histórias e as relações sociais que os constituem ao jogar, se pintar, ao dançar e se apresentar.

3 CAPÍTULO - COMO A LUDICIDADE ACONTECEU E VEM ACONTECENDO NA ATUALIDADE NA COMUNIDADE INDÍGENA TABALASCADA

3.1 O lúdico na Comunidade Indígena Tabalascada

Assim como outros indígenas espalhados pelo mundo inteiro, os Wapixana e os Macuxi em Roraima, em especial os moradores da Comunidade Indígena Tabalascada, têm na tradição oral a forma de efetivar a transmissão de conhecimentos entre as gerações. Suas crenças, costumes, e práticas lúdicas eram, e ainda são recordados e repassados em momentos e espaços diversos em que a oralidade é a mediação.

As práticas lúdicas constituíram-se no principal foco desse estudo e para isso foram realizadas as observações participativas durante toda a pesquisa e as conversas com os moradores. As expectativas foram as mais variadas, pois pesquisar não é tarefa fácil e não se sabia como seria a aceitação do projeto pela comunidade, qual a disponibilidade dos narradores em colaborar.

Nesta etapa da pesquisa, partimos da premissa apresentada por Clifford (1998, p. 24, 25) quando afirma que a observação participante obriga seus participantes a experimentar, tanto nos termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da pesquisa [...] a etnografia é marcada por uma acentuada ênfase no poder da observação. Logo nos faz crê que a observação participante é uma das partes mais importantes na etnografia.

De maneira geral foram utilizadas três estratégias: a abordagem qualitativa, a observação participativa e a etnografia que, somadas, proporcionaram a sistematização das práticas lúdicas na comunidade Tabalascada.

A partir de várias leituras e interpretações, as práticas lúdicas são encontradas em várias culturas. Desde os tempos primitivos, a ludicidade é inerente à natureza do homem, seja qual for sua origem. Isso não garante o mesmo nível de importância à dimensão lúdica nas diferentes sociedades humanas, pelo fato de haver uma grande variação encontrada no modo como são repassados os jogos, as brincadeiras, as danças, a cultura e principalmente, a socialização.

Por ser variável a organização da vida social e individual, estudiosos comentados nos capítulos anteriores, consideraram que o lúdico é um elemento importante para o desenvolvimento do ser humano e esses resultados começam a provocar muitas reflexões, em vários campos das ciências sociais, da psicologia, sociologia e antropologia.

Para o levantamento etnográfico (Anexo B) recorreremos às indicações dos próprios moradores, o que foi muito importante, porque se referiam aos seus valores e pertenciam ao seu universo sociocultural. Ninguém melhor do que os indígenas que vivem em contato direto com as matas, rios, convívio do cotidiano familiar - lugares onde vivenciaram e vivem até hoje suas experiências com os parentes e antepassados, os quais foram lembrados com muito respeito, ora se via até lágrimas em seus olhos.

Homens e mulheres simples, de corações abertos, aposentados, professores, farinhaes, roceiros, que dispuseram de seus tempos para narrar o que conhecem muito bem. Para eles, fazer parte desta investigação, foi voltar ao passado com minuciosos detalhes.

Agendar com antecedência, para que não houvesse desencontros, é estratégia a que o pesquisador deve estar atento, pois nem sempre a disponibilidade dos narradores coincide com a urgência da pesquisa em pauta. Compartilhar suas histórias em suas narrativas tão singelas e ricas em detalhes proporcionou momentos de alegria, satisfação, lembranças e plateia participativa ao redor. Apresentamos, a seguir, cada um dos narradores:

Na casa do senhor Alderisio (Wapixana, 67 anos), (fig.40 do Anexo B), quem me levou foi o filho dele, o Aldenisio. Fui bem recebida pela sua esposa, Dona Chica, dizendo que ele estava para roça, mas que eu me sentasse para esperar, assim fiz. Logo ele chegou, oferecendo tucumãs e farinha. Falei-lhe o que desejava, e marcamos o dia de nosso encontro ocorrido no dia 16 de fevereiro de 2013.

Na casa da dona Cezarina (Wapixana), mais conhecida por dona Nega (fig.41 do Anexo B), apresentei-me a ela quando estava na casa da farinha. Com algumas filhas e netos faziam farinha e raspavam mandioca. Sentei-me e também fui participar do trabalho. Conversando com Dona Cezarina, marcamos para o dia 16 de fevereiro de 2013. Como combinado, ao chegar, ela estava a minha espera toda arrumada, não tinha nem ido para roça por que tinha esse compromisso.

Ao chegar à casa de Dona Maria Alaíde (fig.42 do Anexo B), no dia 19 de março de 2013, fui bem recebida, conversamos um pouco sobre o objetivo da minha visita. Ela propôs em fazer naquele dia mesmo. Dona Alaíde foi relembando sua infância com muito

entusiasmo e emoção que, ao narrar, as lágrimas iam rolando em seu rosto, sempre me seu rosto.

No dia 18 de março de 2013, foi o dia marcado para fazer para nossa visita na casa do Seu Melquior (fig.43 do Anexo B). Ao chegar fui direto para a casa de farinha, onde a esposa, a nora e os netos estavam, mas seu Melquior estava dormindo numa rede na varanda da sua casa, foram chamá-lo e começamos o trabalho tomando caxiri. Durante nossa conversa, ele me fez um pedido para irmos buscar lenha, no dia que combinamos formos, foi uma alegria, por que eles já estavam sem lenha para fazer farinha.

A vista à casa do Senhor Cesar (fig. 44 do Anexo B) fui por duas vezes para marcar as gravações das narrativas e não o encontrava. No dia 21 de março de 2013, quando cheguei a sua casa, fomos conversar sobre a minha pesquisa para marcar o melhor dia. Logo, ele disse que era melhor que fosse naquele dia mesmo porque era difícil encontrá-lo em casa, só estava naquele dia porque estava faltando água na comunidade.

No dia em que fui à casa de Dona Cléia (fig. 45 do Anexo B), já estava de saída para seu sítio e pediu que eu voltasse no próximo final de semana, no sábado porque ela vinha para sede só aos finais de semana para participar da missa no domingo, voltava à tarde para suas plantações e criações. Assim o fiz, no dia 24 de março de 2013, com uma plateia imensa de filhos, netos e outros parentes iniciamos nossa conversa.

Dona Rosilda (fig. 46 do Anexo B), primeira Macuxi a morar na comunidade indígena Tabalascada, reside um pouco afastada da sede. Ao chegar à sua casa ela estava um pouco doente, pois tem diabetes, conversamos e marcamos uma data, mas no dia que marcamos, infelizmente, ela tinha ido para o hospital com glicose muito alta. Voltei no dia 21 de março de 2013, mas ela ainda estava doente, mesmo assim me recebeu com muita alegria e falou que íamos assim mesmo realizar as atividades.

Sempre que encontrava com o Professor Vitor (fig.47 do Anexo B), ele estava ocupado, falou que era melhor nos encontrarmos aos finais de semana. o dia 05 de junho de 2013, cheguei à comunidade e perguntei se podíamos fazer as gravações, ele falou que sim. Quando cheguei a sua casa ele já estava deitado em uma rede na casa de farinha e logo começamos a conversar.

A casa do senhor Tennyson (Macuxi) (fig.48 do Anexo B), por ser umas das primeiras casas da sede da comunidade sempre passava por ali. No dia 05 de junho de 2013, parei para

conversar com ele para pudéssemos ouvir suas histórias, e no entusiasmo ouvimos seus relatos no mesmo dia.

Ao chegar à casa do Seu Cosme (fig.49 do Anexo B), no dia 17 de fevereiro, foi marcado antecipadamente, ele não estava, mas ouvia um barulho de machadada bem perto e fui em direção do barulho, lá estava o senhor Cosme fazendo uma derrubada⁹ para esperar o trator para arar a terra para ele fazer sua plantação. Fomos para a casa dele durante nossa conversa, ele sempre estava lembrando o que já tinha vivido. Durante os encontros com os moradores, era comum nos solicitar algum tipo de ajuda, tais como levar alguém ao médico, buscar lenha, levar maniva¹⁰ de uma roça pra outra, buscar mandioca, entre outros, isto por que o carro (do meu pai) que utilizei para fazer as visitas possui carroceria. Nesse convívio, ficaram muitas lembranças e boas amizades que jamais poderão ficar no esquecimento.

Após eu ter deixado esclarecido os objetivos da pesquisa, os moradores da comunidade foram contando suas infâncias, brincadeiras, brinquedos, fazendo uma comparação com a modernidade, além de transmitirem nos relatos o que ouviam de seus pais. O interessante é que todos sempre procuravam também falar um pouco sobre suas vidas.

Ressaltamos que os relatos são encarados como pontos de vista das histórias vividas, acontecimentos que se compõem e constroem vidas. Sendo assim, não serão identificados neles verdades ou mentiras, e sim uma versão dos fatos, [...] a memória repassada por essa sociedade de tradição oral não são uma memória literal, e sim narrações adaptadas (LE GOFF, 1996, p.429). A memória faz o homem lembrar acontecimentos vividos, que por sua razão, foram significativos e marcaram sua existência num determinado período. [...] A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro (LE GOFF, 1996, p. 423 e 483).

Nesse sentido, o entendimento de Le Goff (1996) é de que a memória permite a sobrevivência do passado, não existe uma memória espontânea e verdadeira, a memória sempre estabelece um recorte seletivo. No contexto das narrativas elas passam a garantir uma continuação do processo histórico e as memórias, individuais ou coletivas dão suporte para que a história se caracterize viva, são vivências e experiências que os sujeitos vivenciaram.

Lembrando de que a ênfase maior nas narrativas sobre as práticas lúdicas na Comunidade Indígena Tabalascada ampliou-se, pois que são seres humanos e suas presenças

⁹ Ato de derrubar; derruba. Ato de cortar as árvores de um terreno para fazer plantações.

¹⁰ O nome dado ao caule do pé de mandioca, no qual, cortado em pedaço é usado no plantio.

nas narrativas permitem uma realização plena. Sabemos que ao transcrever estamos colocando seu pensamento ou do outro no papel, no entanto, [...] a voz é o verbo encarnado na escritura (ZUMTHOR, 1993, p.113). Ou seja, a voz é corpo, é linguagem, é ritmo, a voz participa da nossa individualidade, ao mesmo tempo em que nos faz ser social.

Apesar de termos conhecimento de que as práticas lúdicas indígenas estão também marcadas pelos deveres e afazeres, no qual estão presentes diretamente os jogos e brincadeiras, de certa forma, passam a ter limites ou restrições quanto ao tempo livre dos afazeres para o lazer, tempo fora da escola tanto na infância como na juventude, tempo de descanso para os aposentados, entre outros. Essa realidade não está distante da comunidade indígena.

Mesmo que se tenha idealizado esses tempos como adequados para adquirir a experiência das práticas lúdicas, sempre se depende de oportunidades que ofereçam tanto a sociabilidade, quanto a criatividade, bem como o prazer. Tudo que contemple o desenvolvimento dessas experiências entre crianças, jovens e adultos, para quem a existência dessas práticas não apenas propõe a sobrevivência da cultura, provocam também, qualidade no processo de interação cultural.

Por ser a seletividade uma das características da memória, não foi ignorado o fato de que o narrador na hora de relatar suas lembranças age de modo seletivo. Nesse sentido, sabemos que, nenhuma narrativa é completa, fechada, pois em função de uma série de questões se realizam recortes, se retira sentidos, institui silêncio (MONTENEGRO, 2007). Foi pontuado aos narradores participantes desta pesquisa que ao trabalhar com histórias de vida, a narrativa deve ser livre, não estar condicionada a critérios, pois é o modo como pretendem declarar suas memórias que sejam relatadas e assim como queiram registrar (BOSI, 2006).

Todos os dias vivenciados na Comunidade foram participando de todas as atividades do cotidiano. Foram feitas anotações, filmagens, fotografias das brincadeiras das crianças, das atividades que os jovens e adultos praticavam, sempre levando em consideração as práticas lúdicas que eram repassadas para todos. Por ser indígena e ouvindo as narrativas, vieram lembranças boas do meu tempo de criança, o que foi muito bom, às vezes eu intervinha e falava “*dessa brincadeira também brinquei*”, assegurando mais ainda importância dos relatos, as experiências dos narradores, que serviram como uma ligação para se contar as experiências de hoje, pois o que se conta hoje faz refletir o que as outras pessoas vivenciaram no seu passado.

Nesse sentido, utilizamos gravações em vídeo, pois todas as vezes que iniciávamos as nossas conversas, nos contavam inicialmente suas vivências, reconstituindo cenários, ambientes, lembrando os nomes dos amigos, parentes e participantes das suas memórias. As gravações em vídeo facilitaram para que pudéssemos demonstrar as *performances* das histórias contadas pelos próprios narradores, pois o caráter performativo é um elemento que não poderia dissociar-se da história narrada. Como Zumthor (1997) afirma [...] a *performance* configura uma experiência, mas ao mesmo tempo é a própria experiência. Acreditamos que os trabalhos que resultam em produções escritas acabam se afastando da experiência dos narradores (ZUMTHOR, 1997, p.247).

As análises desenvolvidas neste capítulo buscam dar resposta às questões norteadoras da pesquisa, ou seja, como são repassadas as práticas lúdicas e se atualmente são praticadas na comunidade. Para tanto, buscamos evidenciar as práticas lúdicas tradicionais e as interferências da modernidade, e a importância dessas atividades no cotidiano familiar e educacional.

3.2 – Conhecendo o tradicional e o moderno nas práticas lúdicas na Comunidade Indígena Tabalascada

As práticas lúdicas estão presentes em todas as fases da vida dos seres humanos, tornando-se indispensáveis para o desenvolvimento mental, intelectual e social. De alguma forma o lúdico se faz presente. Compreendemos que os jogos e as brincadeiras tradicionais é uma modalidade específica da cultura lúdica de determinadas épocas e lugares, conservando características e particularidades de um povo, em um determinado momento da história, assumindo significados que dependem do contexto sociocultural de referência (KISHIMOTO, 1999).

Segundo Cardoso (2004), as brincadeiras tradicionais permitem à criança o acesso a um patrimônio cultural herdado de longas datas, onde se tem um fortalecimento entre o que é individual e a participação social na vida do grupo. Um mecanismo que se percebe é a integração do universo infantil com o do adulto, isso quando se considera principalmente que as práticas lúdicas têm uma ligação com o tempo de infância daqueles cujas memórias são ligadas e transmitidas às crianças, não sendo apenas coisas de criança.

As práticas lúdicas que existiam na comunidade Indígena Tabalascada aparecem algumas acompanhadas dos adultos, isso porque eles ensinavam as crianças e orientavam para a vida cotidiana.

As práticas lúdicas indígenas são permeadas pelos mitos, pelos ensinamentos dos mais velhos, entre outros elementos da cultura peculiares a cada etnia. Entre os Wapixana e Macuxi, as brincadeiras e os jogos aparecem com frequência tanto nas narrativas como na vivência, o que foi observado durante as coletas com os adultos, enquanto as crianças estavam brincando.

Nesse sentido, houve contato com diferentes colaboradores, sendo estes homens e mulheres, com idade entre 40 a 86 anos. Em suas narrações, os indígenas contam sobre suas infâncias, brincadeiras, brinquedos, jogos, além de transmitirem os relatos do tempo de seus pais e avós.

Benjamim (2002), em seus estudos coloca que, quando se passa a refletir a respeito dos brinquedos e dos jogos, assim como o mundo da infância está cheio das marcas do mundo adulto no qual as crianças se inserem, são colocados à disposição da criança pelo mundo adulto só adquirindo conotação de brinquedo quando ela faz a interação com sua força imaginativa, que passa a ser despertada ou desenvolvida pela tensão que trava como o brinquedo/brincadeira. Essa ideia é complementada por Almeida (2006) que, ao estudar o brinquedo e a cultura do brincar, fundamentado em Benjamim, ressalta que a natureza pertence às múltiplas faces do brinquedo [...] imprime-lhe um caráter mais que material: a simbologia deste instrumento de brincar atravessa a fronteira do físico em direção ao espiritual e faz dele um instrumento que promove interação, diálogo [...], além de possibilidades lúdicas e de sociabilidade (ALMEIDA, 2006, p. 544).

A ideia do filósofo, fazendo a relação entre o brinquedo, à criança e o adulto, está presente nas falas dos moradores da Comunidade Indígena Tabalascada, com narrativas bem claras, com as que seguem:

[...] A gente brincava com meu irmão de arco e flecha. Flechava todo bichinho que a gente encontrava por ai. Flechava os peixinhos também que encontrava. Você sabe né que a brincadeira do índio era assim (Sr. Cosme).

[...] Vou fazer um carro, a gente pegava o caranã¹¹, fazia a roda, colocava tipo o eixo da roda. Ai pegava garrafa pra puxar também como se fosse um carro, ele pegava minhas bonecas de milho, boneca de mandioca, ai colocava no carro, a gente tinha vontade ter as coisas [...] com o meu irmão só brincava mesmo de fazer roça, de cozinhar, de asar as coisas, como a mamãe fazia, nós fazia também. [...] Vamos caçar, essa brincadeira gerava coisa verdadeira, porque ele dizia assim vamos caçar e a gente ia mesmo, nós matava tatu, matava cutia (Dona Maria Alaíde).

[...] A gente fazia panelinha de barro, a gente fazia bonequinha, os animais, vovó fazendo o dela né, carregava barro dela pra gente fazer a nossa parte, porque ela, ela brigava com nós, o barro criança não brincava (Dona Rosilda).

[...] Brincava de talinha de pau pra fazer um cercado pra os boi, aí nós colocava pegava manga verdinha era o nosso gado aí a gente fazia, tirava tala de buriti, não era de najá¹² não, ai nós colocava perna, fica dentro do curral, colocava quebrava pedacinho de pau pra fazer o curral, nós fazia pra gente cera de abelha e fazia cabeça dele redondo os olhos, e perna e braço ai já ia pro curral, fazia muito ficava em pé ai a gente brincava de curral. [...] Nós juntava fruta dão¹³ por ai pra poder brincar, o dão era a nossa bola, aí a gente amontoava, jogava pra cima ai outro pegava, outro não pega, o dão também era a nossa peteca, tinha muito, naquele tempo não tinha bola (Dona Cléia).

[...] A gente inventava um avião, a gente colocava muito pena, a gente colocava pena no sabugo quebrava sabugo no meio, não tem aquele fofinho no meio a gente colocava aquele rabo de galo, que mamãe matava às vezes galo, galinha, assim, a gente fazia um monte, pra jogar (Dona Rosilda).

[...] A primeira caça que matei tinha oito anos, sete anos mais ou menos, assim guiado por ela (avó) [...] Ele (pai) ensinava a flechar, fazia uma roda e colocava uma coisa ao meio pra gente ficar flechando o que acertava, ele era respeitado (Seu Vitor).

[...] O carro de boi, caranã, madeirinhas, sabugo de milho, e usava essa imaginação com as latas de conservas, de sardinha que era a carroceria do carro (Seu Tenison).

¹¹ Está presente a Buritirana, palmeira que dá o nome ao buriti e seu nome na língua indígena macuxí é traduzido como "Caranã". Fonte: www.boavista.rr.gov.br.

¹² A palmeira "najá" ou "catolé", cientificamente conhecida como Maximiliana maripa, é uma espécie nativa que está sendo pesquisada para a produção de biodiesel em razão do seu grande potencial para a produção de óleo. Fonte: Parente, E.J.S. 2003. Biodiesel: uma aventura tecnológica num país engraçado. Fortaleza: Tecbio.

¹³ Nome científico: Ziziphus mauritania Lam; família botânica: Rhamnaceae, Categoria: Características da planta: casca vermelho-escura quando maduro. Polpa esbranquiçada, compacta, envolvendo uma semente. Pouco se sabe sobre o dão. Ao que tudo indica, existe no Brasil restrito ao estado de Roraima, sendo cultivado com alguma frequência em quintais e pomares de Boa Vista. Fonte: Livro Frutas Brasil Frutas. O dão em Roraima é chamado de Maçã de pobre. Fala da lembrança da pesquisadora.

O mundo do adulto presente nos relatos era um mundo próximo ao mundo das crianças, pois a vida acontecia no entorno das moradias, nas roças onde passavam muito tempo com seus filhos. Naquele período, produziam sua subsistência nas casas de farinha, no mato com a caça, ou nos rios com a pesca, desde cedo já participavam, de alguma forma, destas atividades. Assim sendo, brincar de caça e pesca, arco e flecha, o carrinho de sardinha, uma imitação do carro de bois, construções de roça, fazer coisas com barro, todos os objetos pertencentes ao universo adulto e utilizados nos afazeres, constituíam uma brincadeira com referência ao mundo do adulto.

O fato de Seu Cosme, Dona Cezarina, Dona Maria Alaíde, Dona Rosilda, Seu Vitor e do Seu Tenison, quando crianças, em suas práticas lúdicas construírem brinquedos que imitavam o mundo do adulto demonstra a capacidade de criação e imaginação que as crianças possuem, além de confirmar a atração pelo mundo do adulto que as crianças têm, não se trata de uma cópia em miniatura simplesmente, e sim de um mundo recriado para os seus interesses, suas brincadeiras, representações reais e simbólicas que lhes remetem ao prazer, à construção, ao conhecimento. Em relação a esse aspecto, Vygotsky (1998) afirma [...] a essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações reais (VYGOTSKY, 1998, p. 137), sendo assim quando as crianças passam a criar no seu mundo, por meio da produção de miniaturas do mundo dos adultos, a margem de liberdade, imaginação e criatividade aumentam.

A importância do brincar para a criança é uma construção histórica, quando brinca experimenta sensações antes desconhecidas, entra no mundo do adulto, reproduz as relações sociais e de trabalho de forma lúdica e se apropria do mundo em seu processo de construção como sujeito histórico-social. Segundo Vygotsky (1998) o brincar cria a zona de desenvolvimento proximal na criança. Seja pela criação, pela imitação ou ainda pela definição de regras específicas.

As brincadeiras tradicionais são passadas de geração a geração, modificadas como o passar do tempo ou podem permanecer da mesma forma. Essas brincadeiras são filiadas ao folclore e incorporam a cultura popular, são transmitidas oralmente e possuem características de anonimato, permanecendo na memória das crianças. A origem de tais brincadeiras é desconhecida, ninguém conhece a origem da amarelinha ou do pião. Por pertencer à categoria de experiências transmitidas espontaneamente conforme motivações internas da criança, a

brincadeira tradicional garante a presença do lúdico, da situação imaginária (KISHIMOTO, 2009, p. 39).

Foi possível compreender a ludicidade presente nas narrativas ligadas também às práticas de gerações anteriores, com suas experiências vividas com jogos e brincadeiras tradicionais, narrando sobre as brincadeiras que realizavam, com irmãos, parentes e outros moradores da comunidade. Apresentamos algumas destas narrações:

[...] As brincadeiras dos meninos era cavalo de pau, então pião (Dona Cezarina).

[...] Quando juntava todas as crianças, a gente brincava de roda, a gente brincava de bom barqueiro, bom barqueiro, naquele tempo já a gente via, as crianças de Boa Vista, não de onde vinha, eu sei que ensinavam a gente, a fazer bom barqueiro, o que mais a gente brincava era de roda, juntava muita gente, muitas crianças, vamos brincar de roda, tanta laranja madura maninha que cor são ela, então, era de brincar de cirandinha eu lembro que a gente brincava com as outras crianças (Dona Maria Alaíde).

[...] Brincava mais no final de semana, brincava de papagaio, a pipa né?. Eu vi um rapaz fazer [...] Brincava todo mundo junto, menina e menino da brincadeira de rato com gato. Tudo em Wapixana¹⁴. Eu não sei quem trouxe essas brincadeiras pra cá. A brincadeira de manja, de se esconder, a gente nem sabia o que era policia, a gente brincava (Seu Cesar).

[...] A gente brincava de roda, tudo em Macuxi¹⁵, né? (Dona Rosilda).

[...] As brincadeiras que papai ensinava era sempre tinha momento, não tinha nada pra fazer, ajuntava muita criança brincava de roda, brincadeira de caça e o caçador, a brincadeira de resistência, a luta corporal, já começava aprender desde criança (Seu Vítor).

[...] O nosso cabo de guerra na nossa brincadeira com os nossos amigos era o cipó escada de jabuti¹⁶, papai tirava na mata e trazia pra gente, ele trazia, aí a gente tinha essa nossa diversão (Seu Tennyson).

As falas dos narradores descrevem suas vivências, momentos da vida cotidiana, brincadeiras tradicionais, lembranças que constituem suas identidades individuais e coletivas. Apesar de serem os narradores adultos, em algumas observações participativas, as crianças

¹⁴ As brincadeiras eram todas na língua Wapixana, onde só se falava esta língua na época da infância do narrador.

¹⁵ As brincadeiras eram todas na língua Macuxi, no qual até hoje a narradora gosta de narrar sempre na sua língua materna.

¹⁶ Também chamada de pata-de-vaca por causa do formato de suas folhas, a escada-de-jabuti é um cipó típico em muitas florestas da América Latina. Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=8dCM3aSMo7Q>.

estiveram presentes, ora pela parte da manhã e ora pela parte a tarde, devido ao turno das aulas na escola na comunidade.

As crianças da comunidade não têm hora para praticar a ludicidade, costumam brincar diariamente deste o amanhecer até ao anoitecer. Sempre estão envolvidas no preparo da farinha, em uma roda de pessoas (figura 02) elas estão também, no descascar da mandioca, no colocar a mandioca de molho na água, no colocar a massa para torrar no tacho, por elas mesmas paravam, começavam a brincar (figura 03) e depois retornavam para a roda da farinhada na casa de forno.

Figura 02: Criança participando do trabalho da farinhada



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Algumas crianças, principalmente as meninas vão ajudar no trabalho doméstico. Já alguns meninos maiores vão para a roça colher mandioca e plantar maniva¹⁷ (Figura 04), acompanhar seus pais na caça, na pesca e algumas vezes já se juntam dois, três ou mais e vão sozinhos caçar.

O ritmo das práticas lúdicas é intenso, presente nas atividades diárias, pois as crianças não gostam de ficar sem se movimentarem. A ida à roça aconteceu no dia em que solicitaram que levasse alguns moradores de uma casa para a roça deles. Neste dia, ao chegar para ir à

¹⁷ Pedaco do caule da mandioca que se planta.

roça as crianças estavam contentes, foi uma alegria só, alguns tiveram que ficar, porque o carro não comportava a todos. Na roça, foram algumas horas arrancando a mandioca e fazendo montes de maniva para serem carregados para o carro.

Figura 03: Crianças brincando



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Figura 04: Criança e adolescentes participando da colheita da mandioca e maniva



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Certa ocasião, ao passar de uma casa para outra observei algumas crianças brincando de fazer casinha (Figura 05), neste dia era quase uma hora da tarde, o sol estava muito quente e parecia uma hora normal para brincarem.

Figura 05: Crianças construindo uma casinha para brincarem



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Ao observar as figuras 06 e 07, aparecem bonecas industrializadas, diferentemente de como eram as bonecas com que brincaram os narradores:

[...] a gente inventava, fazendo boneco velho de papel, de sabugo de milho, né? Fazia bracinho, fazia cabelo tudo mesmo a gente inventava (Dona Cezarina).

[...] quando já tava o milho grande, já tinha macaxeirinha, maninha vou fazer boneca pra ti, aí fazia boneca de mandioca, de milho, quando o milho era novo, ele fazia cabelo vermelho, cabelo branco, ele mesmo colocava os bracinhos, as pernas (Dona Maria Alaíde).

[...] A minha irmã tinha as bonecas feita tudo de sabugo de milho com pedaço de madeirinha e usava as sementes das frutas, da castanha do caju, aquilo a gente transformava eles como nosso brinquedo do nosso dia a dia (Seu Tenison).

A brincadeira de casinha, que até hoje está presente entre as crianças, representam seu imaginário, o simbólico que constrói o mundo adulto e suas representações. Enquanto brincam, elas estão interagindo o tempo todo, experimentam papéis diferentes, com variedade de atitudes sociais, reproduzem práticas que observam entre os adultos, daí advém o aprendizado da importância das relações entre os humanos e, sobretudo, o mundo de coisas que envolvem o viver em sociedade.

Figura 06: Criança brincando de casinha com sua boneca



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Nunes (1997), em sua dissertação de mestrado em antropologia ao observar as crianças na aldeia A'uwé-Xavante, aponta que no ato desta brincadeira, elas estariam ampliando práticas para serem relacionadas às outras culturas.

A “brincadeira de casinha” oferece imensas possibilidades de reflexões sobre leitura que a criança faz da sua sociedade, desde o grupo doméstico até o universo de todas as relações comunitárias, elaborando-as, reformulando-as e expressando-as, manifestando apreensão de traços culturais através de uma prática mais comum entre as crianças de todas as culturas e de todas as épocas (NUNES, 1997, p.197).

Assim, de uma forma ou de outra a criança está inserida em uma brincadeira de faz de conta, por exemplo, quando usa sua imaginação para brincar com outras crianças de papai, mamãe e filhos, distribuindo papéis e incorporando outros. Elas passam a realizar entre si um tipo de interação social que é de suma importância para sua formação enquanto pessoa, realizando trocas variadas quando riem, se desentendem, choram ou trocam carinhos que só são possíveis numa situação imaginária.

Dona Cléia diz que: [...] Brincava assim também os mais grandes era o nosso pai e mãe, fazia o casal, agora os mais miudinhos eram nossos filhos.

Figura 07: Criança brincando de boneca

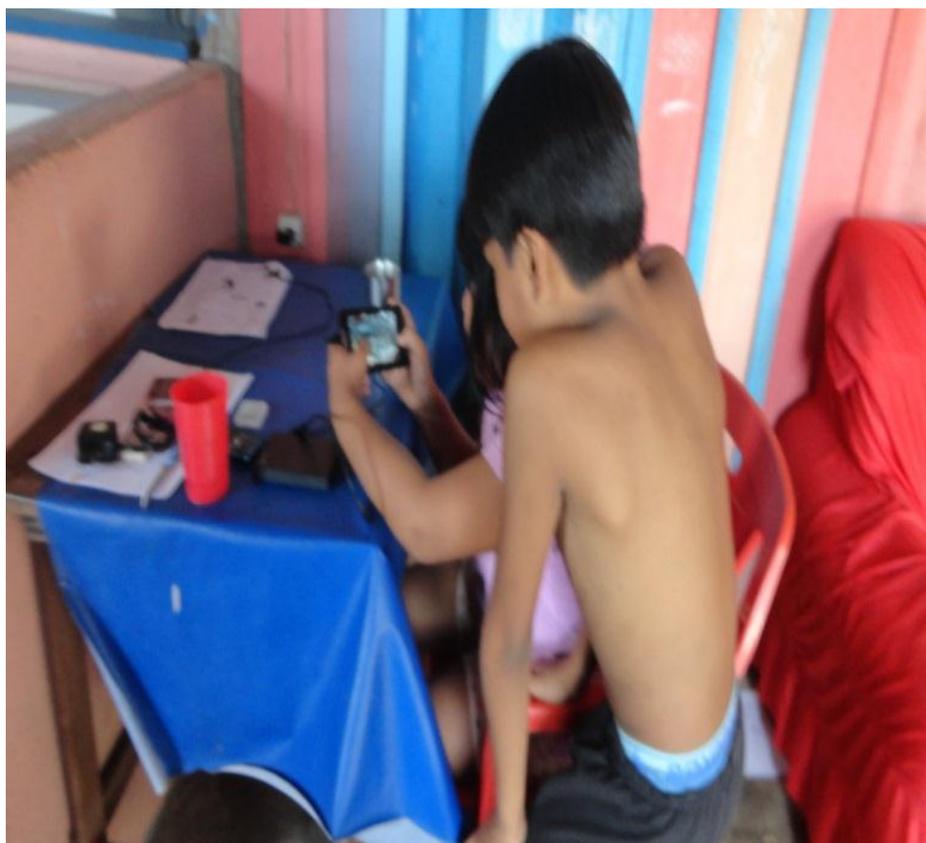


Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Com o advento das tecnologias de informação e meios de comunicação de massa como a televisão e internet, já disponíveis nas comunidades indígenas, muitas crianças acabam deixando as brincadeiras tradicionais e buscam o lúdico em jogos de computadores, de celulares e em brinquedos eletrônicos.

A cena (fig.08) foi observada na casa do Seu Fausto, morador da comunidade. São seus netos que já utilizam a tecnologia, gostam muito de jogar no computador, celular e ficam com frequência na frente da televisão assistindo aos vídeos de desenhos animados e filmes infantis.

Figura 08: Crianças jogando no celular



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Certa ocasião, ao chegar numa casa da comunidade, observamos um menino que estava com uma baladeira¹⁸ tentando balar passarinhos que pousavam nas árvores, perguntei para a avó dele por que ele queria os passarinhos; ela me respondeu que ia fazer um cocar das penas para usar na semana dos povos indígenas. Hoje, ainda é comum a brincadeira da

¹⁸ Conhecido também por setra, estilingue e atiradeira, sua utilidade é medir a pontaria dos participantes. É composto de três partes distintas: o gancho ou forquilha (cabo), o espástico e a malha. Fonte: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=464&Itemid=181.

baladeira (Fig.09), vê-se sempre os meninos com essas penduradas em seus pescoços. Seu Alderisio coloca como ele viu pela primeira vez e o que achou dessa brincadeira:

[...] baladeira eu vim conhecer depois de grande que ai o papai foi em Boa Vista, trouxe do comércio, mas não achei muito bom não sabe, balar de baladeira, pra mim mais era flecha, é, pra mim era flecha mesmo, flechava e via o bicho cai com fecha, baladeira não aprendi balar muito não, usei pouco baladeira (Seu Alderisio).

Figura 09: Criança balando



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Os jogos são práticas culturais lúdicas que se inserem no cotidiano das sociedades em diferentes partes do mundo e em diferentes épocas da vida das pessoas. Por outro lado, eles também cumprem papéis diversos relacionados à expressão da cultura dos povos. Kishimoto (2009) exemplifica tal dimensão histórica mostrando que [...] se o arco e a flecha hoje aparecem como brinquedos (Fig.10), em certas culturas indígenas representavam

instrumentos para a arte da caça e da pesca (KISHIMOTO, 2009, p.17), ou seja, que o brinquedo representa uma das maneiras de guardar história da humanidade.

Figura 10: Criança brincando de flechar para acertar no alvo



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

O arco e a flecha são instrumentos que fazem parte da cultura das diversas etnias indígenas. Eram utilizados não somente para as disputas em festas comemorativas, mas com objetivo de instrumentalizar a sobrevivência por meio da caça e pesca e para proteção da comunidade, pois foram utilizados como arma em conflitos com outros povos. As técnicas necessárias ao seu uso são aprendidas nessas sociedades por meio de jogos e brincadeiras que desenvolvem habilidades específicas desde muito cedo, na infância (ALMEIDA, 2008).

O autor reforça ainda que após o contato com o não índio e a assimilação de uma série de comportamentos culturais, algumas etnias mantêm o uso desses instrumentos com outros sentidos, enquanto outras não têm mais o costume de “flechar”.

Interessante narrar também duas práticas lúdicas presenciadas por várias vezes, chamada de taco¹⁹ (Figura 11), as crianças gostam muito dessa brincadeira na comunidade. A brincadeira do taco por não ser uma brincadeira tradicional, vinda de outro país, já é muito conhecida por outras crianças de outras etnias.

Figura 11: Brincando da brincadeira de taco



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Outra brincadeira é roda corda, também não tradicional indígena, mas muito utilizada pelas crianças na comunidade.

¹⁹ Vide pág. 91

Esta brincadeira de roda corda (Figura 22) as crianças gostam muito, brincam entres si, é um divertimento, todos querem ganhar, pois lutam para a corda não tocar nas pernas, ficam brincando horas.

Figura 12: Criança Brincando da brincadeira roda corda



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Uma prática lúdica vivenciada todos os dias nesta comunidade pelas crianças (fig. 13), feminino (fig. 14), adolescentes (fig. 15), jovens e adultos do sexo masculino (fig. 16), é o futebol. Todas as tardes a prática do jogo de futebol é exercitada, existem dois campos um grande e um pequeno feitos por eles mesmos. Em todas as festas de comemoração fazem campeonatos, adquirem premiações variadas desde dinheiro até refrigerantes. A paixão é tão

grande pelo futebol, que esse jogo é apreciado até pelas crianças que estão começando a dar seus primeiros passos.

Figura 13: Bebê brincando com bola de futebol



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Observando os relato e as figuras (13,14,15 e16), observamos que era muito diferente de como brincavam e com era a bola de antigamente: Dona Cléia, Sr. Tenison e dona Rosilda comentam:

[...] Nós juntava fruta dão²⁰ por ai pra poder brincar, o dão era a nossa bola, aí a gente amontoava e jogava pra cima aí outro pegava, outro não pega, o dão também era a nossa peteca, tinha muito, naquele tempo não tinha bola. (Dona Cléia).

[...] A nossa bola nesse tempo a gente amarrava vários pedaços de pano e fazia a nossa bola, que a gente brincava o nosso futebol ai mesmo em casa. (Seu Tenison).

²⁰ Pequeno e simples como o nome. Muito comum em Roraima, é conhecido como “maçã de pobre”. E ele parece mesmo uma pequena maçazinha verde. Sua consistência também lembra a da maçã, embora seu gosto seja menos definido. <http://impressoesamazonicas.wordpress.com/2009/12/19/do-a-ma-de-pobre-voc-conhece-esta-fruta-popular-em-roraima/>.

[...] A gente fazia bola de palha de milho de todo tamanho (Dona Rosilda).

Figura 14: Mulheres jogando futebol



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Figura 15: Adolescentes jogando futebol



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Figura 16: Jovem e adultos jogando futebol



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Algumas práticas lúdicas tradicionais estão entrando em desuso, sendo praticadas somente quando tem comemoração na comunidade como a disputa de arco e flecha, cabo de guerra, teatro da homologação da terra, dança do parixara²¹, pular corda. Ouvimos de uma professora quando estava ensaiando a dança do parixara na sala de aula que “as crianças tinham que levar mais a sério o ensaio, por estavam aprendendo sua cultura”.

A dança do parixara na comunidade Indígena Tabalascada não é mais praticada como antigamente, quando era como festejo diário após o trabalho nas roças da comunidade, comemorar a fartura da plantação ou o chamado da chuva.

²¹ Dança dos povos indígenas de Roraima, bem como nas comunidades fronteiras Brasil/Guyana/Venezuela. Hoje essa dança é uma forma mais de recepcionar com alegria as pessoas que vão visitar as comunidades, bem como em eventos que são convidados para apresentarem.

Figura 17: Comunidade dançando parixara



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

O Senhor Cesar e a Dona Rosilda nos contam como vivenciaram a dança do parixara quando eram crianças:

[...] Eu nunca dancei na minha vida esse tal de parixara, mas eu vi o meus pais dançar, mas assim não fazendo festa aqui assim pra dança do parixara como eles fazia: iam na roça, aí da roça quando voltava é que se preparava todo mundo, fazia aquelas saias e tudo, aí vinha andando de lá pra cá, aí as mulherada sabia que estão vindo, vinham encontrar. Nunca vi fazer festa para dançar parixara como agora (Seu Cesar).

[...] nós dançava muito parixara, nossa dança, né? Antigamente deixada pelos antepassados, pra nós conservemos o que a nossa vida de índio, a nossa etnia, valorizar o que é nosso, nossa fala, nossa dança, nossa vida, nossa comida, nossa bebida, tudo nós procura conservar. Quem era dançador era meu avô, dançavam a noite todinha, tinha caxiri, natal, às vezes ano novo, às vezes em eventos, nas festas na comunidade. Dançava até o dia amanhecer. Os velhos vão dançar até de manhã, as crianças assim como nós ia dormir (Dona Rosilda).

Figura 18: Mulher servindo caxiri na dança do parixara



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Dona Rosilda lembrou-se de como eles brincavam a dança do parixara:

[...] a gente brincava parixara, brincava a tucuia, areruia, tudo a gente imitava os velhos também sabe, nós fazia nossa saia, nossa saia dos velhos era olho de buriti bem esticadinho palha de buriti, a nossa era de palha de coco, folha de banana, assim pra gente fazer nossa festinha, nossa brincadeira era assim no passado (Dona Rosilda).

As praticas lúdicas que hoje são vivenciadas pelas crianças da comunidade, são bem variadas e quase sempre realizadas debaixo das árvores. Andar de bicicleta (fig.19), brincar com os animais da casa (fig. 20), fazer balanços nos galhos das arvores para brincarem (fig. 21), gostam muito de subir nas árvores por prazer (fig. 22) e às vezes, para pegar frutas.

Figura 19: Criança brincando de bicicleta



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Figura 20: Criança brincando com animais



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

As crianças da comunidade brincam das mais variadas brincadeiras: correr uma atrás das outras, subir nas árvores frutíferas para pegar frutas para comerem, quando não, subir só para ter prazer de estar subindo e descendo nas árvores, umas vão brincar de boneca, brincar com os filhotes de cachorro, andar de bicicleta, se embalar nas redes nos barracões, outras vão para frente da televisão assistir aos desenhos animados, umas até brincar nos jogos dos celulares de seus pais.

Figura 21: Criança brincando de balançar



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Observamos a existência de brincadeiras comuns entre meninos e meninas nas quais participam juntos, outras são específicas, só para meninos e homens, só para meninas e mulheres.

Figura 22: Criança brincando de subir nas árvores



Fonte: Acervo da pesquisadora/2013.

Gostam sempre de estarem juntos. Todas essas práticas lúdicas estão sempre presentes na comunidade toda, pois a presença de crianças nas casas é constante.

Dessa observação, podemos colocar também que a ludicidade, entre outros aspectos, é diversa entre os povos.

3.3 - As categorias do lúdico da Comunidade Indígena Tabalascada

Após descrever as narrativas orais, as brincadeiras, os jogos e fazer análise das práticas lúdicas da Comunidade Indígena Tabalascada, as lembranças dos narradores apareceram e surpreenderam pela sua riqueza. Bosi (2006) nos faz refletir colocando que a memória tem uma função social que jamais pode ser esquecida:

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparição (BOSI, 2006, p.81).

Diante da citação de Bosi, a sistematização das práticas lúdicas narradas, bem como as que foram observadas diretamente, aparecem 30 (trinta) brincadeiras diferentes, que serão classificadas estas entre duas categorias: Jogos simbólicos e Jogos de regras.

1ª Categoria: Jogos simbólicos

CATEGORIA	PRÁTICAS LÚDICAS	OBSERVAÇÃO
Jogos simbólicos	Brincadeira de casinha; Brincadeira de carrinho de lata de sardinha e conserva; Brincadeira do carrinho de capenga; Brincadeira de bonecas de mandioca, sabugo e palha de milho.	Todos esses jogos simbólicos foram lembrados nas narrativas, e nas observações participantes. Foram vivenciados, tanto pelas crianças como pelos narradores que fizeram parte desta pesquisa com registros.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2013.

Para melhor entendimento sobre os jogos simbólicos, apresentamos alguns conceitos de teóricos de diversas áreas de conhecimento.

Maluf (2009) aponta que os jogos simbólicos são os que possuem as seguintes características:

Liberdade total de regras (a não ser aquelas criadas pela própria criança); desenvolvimento da imaginação e da fantasia; ausência de objetivos (brinca pelo prazer de brincar); ausência de uma rígida da realidade; assimilação da realidade ao eu (a criança adapta a realidade a seus desejos) (MALUF, 2009, p. 84).

Kishimoto (2009), por sua vez, coloca que as meninas, ao brincarem os jogos de faz de conta, reproduziam a vida do engenho, onde as meninas negras eram tratadas como servas pela sinhazinha e que estes jogos sempre estão ligados como resultados de processos sociais:

O jogo simbólico auxiliava as meninas, tanto brancas como negras, a compreenderem a trama de relações de dominação na época e funcionava como mecanismo auxiliar para a incorporação dessas relações. A menina escrava, desde pequena, em seu papel de servir à senhora branca, obedecer-lhe e a menina branca, em seu posto de mando, de administradora de negras escravas (KISHIMOTO, 2009, p.46).

Em suas pesquisas sobre as brincadeiras indígenas, a autora explica que os indígenas ao [...] imitar animais são comportamentos místicos tanto de adultos como de crianças, tem reflexos simbólicos antigos (IBIDEM, p. 47).

Nesta perspectiva, Vygotsky (1998) aponta que:

A brincadeira fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência criando um novo tipo de atitude em relação ao real. Nela aparece a ação na esfera imaginativa numa situação de faz-de-conta, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real (VYGOTSKI, 1998, p.135).

Vygotsky (1984) elenca os elementos fundamentais da brincadeira como sendo: a situação imaginária, a imitação e as regras. Segundo ele, sempre que ao brincar, a criança cria uma situação imaginária na qual assume um papel, que pode ser, inicialmente, a imitação de um adulto observado. Assim, a criança cria regras de comportamento que estão implícitas e são culturalmente constituídas.

De acordo com as concepções de Maluf, Kishimoto e Vygotsky, verificamos que o jogo simbólico sofre algumas modificações diante da proporção que a criança vai progredindo em seu desenvolvimento e o simbolismo faz parte da representação corporal do imaginário, utilizando regras, apesar de predominar a fantasia.

Isso quer dizer que, ao desenvolver um jogo simbólico, a criança ensaia comportamentos e papéis em atividades dos adultos, até coloca regras, ensaia atitudes, valores, hábitos e situações diversas.

2ª Categoria: Jogos de regras

Maluf (2009) apresenta os critérios para enquadrar os jogos de regra, sendo necessário que:

Haja um objetivo claro a ser alcançado; existam regras dispostas sobre este objetivo; existam intenções opostas dos competidores; haja possibilidades de cada competidor levantar estratégias de ação. Nos jogos de regras existe o prazer do exercício, o lúdico do simbolismo, a alegria do domínio de categorias espaciais e temporais, os limites que as regras determinam a socialização de condutas que caracterizam a vida adulta (MALUF, 2009, p.85).

Segundo Piaget (1978), [...] os jogos de regras são a atividades lúdicas do ser socializado (PIAGET, 1978, p.29). Ou seja, por meio dos jogos de regras, a criança assimila a necessidade de cumprimento das leis da sociedade e das leis morais.

Para Macedo (1995), os jogos de regras constituem-se em [...] formas democráticas de intercâmbio social entre crianças ou adultos (MACEDO, 1995, p.8). É necessária uma consideração recíproca, sendo a transgressão das regras uma falta grave. Os jogadores dependem, assim, um do outro, sendo a coletividade um caráter próprio dessa estrutura, além da importância do desenvolvimento da criança ao formular estratégias no decorrer da atividade, enfim, ser habilidoso na hora que estiver executando suas jogadas.

A partir dessas citações podemos dizer que os jogos de regras são necessários para que as convenções sociais e os valores morais de uma cultura sejam transmitidos a seus membros. Assim, as crianças ao brincarem, constroem a consciência da realidade e, ao mesmo tempo, vivenciam a possibilidade de transformá-la.

CATEGORIA	PRÁTICAS LÚDICAS	OBSERVAÇÃO
Jogos de regras	Brincadeira da Raposa; Dança do Parixara; Brincadeira de pular corda; Brincadeira de peteca; Brincar de pular no rio, igarapé; Brincar de subir em árvore; Brincadeira de pular corda; Brincadeira do Balanço; Brincar de andar de cavalo; Brincar de andar de bicicleta; Brincar de correr atrás de animais; Caçar; Pescar; Arco e flecha; Atirar com baladeira; Atirar com zarabatana; Lançar pedras na água.	Todos esses jogos simbólicos foram lembrados nas narrativas, bem como nas observações participantes. Foram vivenciados, tanto pelas crianças como pelos narradores que fizeram parte desta pesquisa com registros.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2013.

Nesta subsecção a seguir, apresentaremos a sistematização das práticas lúdicas ouvidas nas narrativas e de algumas outras que foram observadas durante toda a pesquisa na Comunidade Indígena Tabalascada.

3.4 Sistematização das práticas lúdicas

Conforme mencionamos anteriormente, esta dissertação foi metodologicamente etnográfica, com cunho qualitativo e com observação participativa, buscando aqui privilegiar as práticas lúdicas que foram vivenciadas pelos narradores, como também as que as crianças brincam nos dias atuais na comunidade.

Por ser uma abordagem qualitativa, as práticas lúdicas presentes nas narrativas orais dos dez moradores da comunidade Tabalascada, bem como das que foram observadas no cotidiano e outras que estão em desuso, consideramos o nome das práticas, materiais utilizados, faixa etária de seus participantes, o contexto social de realização.

Os brinquedos também variam entre os tradicionais e modernos. Existem jogos e brincadeiras tanto coletivos como individuais, reais com representação simbólica e todos acontecem nas moradias, no malocão²², nos igarapés, nas roças, na igreja ou em lugares escondidos nos arredores da comunidade.

No entanto, ao recriar, ao usar o imaginário simbolicamente em suas brincadeiras com os afazeres do cotidiano, a criança ao brincar e ao jogar, enfim ao praticar a ludicidade está vinculada ao sonho, à imaginação, ao pensamento e ao simbólico. A concepção de Kishimoto (1997), sobre o homem como ser simbólico, que se constrói coletivamente e cuja capacidade é tremenda de pensar fazendo a ligação à capacidade de sonhar, imaginar, brincar e jogar inserido a realidade em que vive, permitindo sentir-se incluído à cultura de seu grupo (KISHIMOTO, 1997, p.21). Isso fica evidente nas vozes das narrativas ouvidas nesta pesquisa.

Ao ouvir os narradores podemos colocar o quanto eles acham importante os seus filhos saberem como foi suas infâncias e quais foram suas brincadeiras e quais eram os brinquedos da época. No entanto iremos expor algumas brincadeiras que foram narradas pelos moradores comunidade e como também algumas que foram observadas pelas crianças que atualmente se brincam até hoje em vários lugares da comunidade.

²² Malocão é um espaço comunitário utilizado pelos povos indígena na região amazônica e especificamente em Roraima. Fonte: <http://valoreseidentidademacuxi.blogspot.com.br/2014/01/conhecendo-o-malocao.html>

- **Prática lúdica: Brincadeira de flecha**

Figura 23: Criança brincando de flechar



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: Duas varas, pedaço de madeira para o alvo, cordão, pena, coco sem a água.

Nº de Participantes: Variado

Sexo: Masculino

Local: No descampado²³ da comunidade indígena, no mato.

Objetivo: Precisão, concentração e pontaria.

Desenvolvimento: Após a construção da flecha e do arco faz-se um alvo como desejam os participantes. Coloca-se a atenção e mirando o alvo é só flechar.

Observação: Se brinca com arco com a flecha em dia de festejos na comunidade indígena, poucos utilizam a flecha como instrumento para caçar. Tempos atrás era muito presente os mais velhos ensinarem os meninos a caçar usando o arco com a flecha, no qual essa

²³ Diz-se de campo ou terreno desabitado, aberto, e sem vegetação. Fonte: <http://aulete.uol.com.br/descampado>

brincadeira era praticada mais no mato, procurando passarinho, animais como paca, cutia, e outros para alimento.

- **Prática lúdica: Brincadeira de bola**

Figura 24: A fruta dão (*Zizyphus mauritiana Lam*)



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Etnia: Wapixana

Material: Dão (*Zizyphus mauritiana Lam*)

Nº de Participantes: Variado

Sexo: Masculino/feminino

Local: Quintal da casa

Objetivo: percepção e atenção.

Desenvolvimento: Nessa brincadeira se brinca de vários modos.

1º Modo: Faz um círculo com a quantidade dos participantes presentes e se pega o dão e fica arremessando um para o outro sem deixar cair. Quem deixar cair vai saindo, quem ganha é o último que ficar sem deixar o dão cair no chão.

2º Modo: Fica arremessando o dão com a mão para cima e aparando com a mesma mão, sem deixar cair, fazendo a contagem. Ganha quem jogar neste modo brinca-se só e para quando cansar.

Observação: essa brincadeira relatada por Dona Cléia nos surpreendeu, pois essa fruta é utilizada apenas como alimento, não se imaginava como um brinquedo. Chamada também de maçã de pobre, talvez por ter uma massa comestível entre a casca e a semente, fazendo lembrar a maçã verde.

- **Prática lúdica: Brincadeira de casinha**

Figura 25: Crianças brincando de casinha debaixo das árvores



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: palha, pedaço de pano, pedaço de madeira, etc.

Nº de Participantes: Variado

Sexo: Masculino/feminino

Lugar: Quintal da casa

Objetivo: Unir as crianças, fortalecer vínculos, criatividade.

Desenvolvimento: Procurar um lugar apropriado para a construção da casinha, sempre é debaixo das árvores perto da casa de seus pais ou parentes. Nesta brincadeira, o simbólico está bem presente, em todos os momentos na hora de escolherem as pessoas para formarem a família, na hora de cozinhar a comida.

Observação: A brincadeira de casinha é ainda muito utilizada pelas crianças da Comunidade Indígena Tabalascada, elas não têm hora para essa brincadeira. Os brincantes são muito criativos, sempre procuram utilizar as sombras das árvores, como também alguns materiais que são utilizados na construção de suas casas.

- **Prática lúdica: Brincadeira da zarabatana**

Etnia: Macuxi/Wapixana

Material: Talas de najá, fios de algodão.

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino

Local: Indefinido

Objetivo: Coordenação visual, concentração.

Desenvolvimento: Faz-se uma flecha pequena com tala de najá, na ponta da flecha dá-se um corte e colocava um pouco de veneno, depois de pronta, vão à caça dos animais, quando achar, faz o alvo e assopra.

Observação: Os pais pouco repassam esta brincadeira, talvez por que não se constrói mais a zarabatana na comunidade indígena, prefere comprá-la.

- **Prática lúdica: Brincadeira de galo**

Figura 26: Brincadeira de força com sabugos de milho



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Etnia: Macuxi

Material: Sabugo de milho

Nº de Participantes: Dois

Sexo: Masculino

Local: Dentro ou fora da casa, no quintal, no malocão.

Objetivo: força, resistência e agilidade.

Desenvolvimento: Os dois participantes, cada um com sabugo de milho na mão, começam a briga, vencendo aquele que quebrar o sabugo do outro primeiro. Tendo que juntar certa quantidade de sabugo para fazer uma disputa em dupla. Quem conseguir quebrar mais rápido o sabugo será o ganhador.

Observação: Nesta brincadeira, Dona Rosilda acrescentou que quem quebra o sabugo primeiro deve falar: “Meu galo ganhou, teu galo perdeu, teu galo já morreu”.

- **Prática lúdica: Brincadeira do taco**

Figura 7: Criança brincando de taco



Fonte: Acervo da pesquisadora/2013

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: Bola pequena, dois pedaços de pau, duas garrafas pet grandes.

Nº de Participantes: duas duplas

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Um lugar espaçoso, podendo ser no quintal.

Objetivo: resistência, agilidade e força.

Desenvolvimento: 04 (quatro) participantes que formam duas duplas. Faz-se uma linha imaginária, com uma distância de uns 4 a 5 metros, colocam-se as garrafas no início e no final desta linha, cava-se um pequeno buraco na parte central da linha. Começa-se o jogo com umas das crianças rebatendo a bola para o membro da dupla que está no final ou início da linha, sendo que durante o tempo que os outros correm atrás da bola, a dupla que está com o taco fica cruzando de um lado para o outro e fazendo a contagem dos pontos todas as vezes que os tacos se tocam.

Observação: É comum encontrar crianças brincando nos quintais da comunidade.

- **Prática lúdica: Dança do Parixara**

Figura 28: Crianças dançando o parixara



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: Saia feita de palha de buriti, chocalhos, tambores, cocás.

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: malocão

Objetivo: preservação da cultura, desenvolvimento da coordenação motora e visual, conceito de ordem.

Desenvolvimento: Passos ritmados, entre casais, homens e mulheres, envolvendo crianças, jovens, adultos e idosos, que dançam em um ritmo constante. Enquanto estão dançando o caxiri (bebida feita a partir da fermentação da mandioca, batata e do caju) é oferecido aos dançantes.

Observação: A apresentação da dança do Parixara acontece sempre nos eventos que acontece na comunidade.

- **Prática lúdica: Cabo de Guerra**

Figura 29: Crianças brincando de cabo de guerra



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Etnia: Macuxi

Material: Cipó escada de jabuti, corda.

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: descampado.

Objetivo: preservação da cultura, força, união e habilidade.

Desenvolvimento: Basta um pedaço bem grande do cipó escada de jabuti e algumas crianças. Pronto! Já dá para brincar de cabo de guerra. Daí é só puxar o cipó/corda em sentidos contrários. Vence o grupo mais forte.

Observação: Atualmente já não se brinca com o cipó escada de jabuti e sim com um pedaço de corda meio grossa. Essa brincadeira é bastante comum na comunidade indígena, eles brincam com grande disputa.

- **Prática lúdica: Jogo de peteca**²⁴

Figura 30: Petecas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: Petecas

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Descampado

Objetivo: Concentração e força

Desenvolvimento: Dois ou mais jogadores brincam com uma quantidade de petecas que tem em posse, iram tentar atingir as petecas do (s) outro (s). O jogo acaba quando um jogador conseguir ganhar todas as petecas do (s) outro (s) jogador (es).

Observação: Nesta brincadeira, pode parecer que só apenas os meninos que brincam, pois era tradicionalmente masculina, mas muitas meninas brincam sem se importar com quem

²⁴ É uma pequena bola de vidro maciço, pedra, ou metal, normalmente escura, manchada ou intensamente colorida, de tamanho variável, usada em jogos infantis. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Berlinde>

estão jogando. As crianças indígenas gostam muito desse jogo, fazem rodadas de jogadores e se observa que brincam frequentemente aos arredores de suas casas.

- **Prática lúdica: Brincadeira de pular corda**

Figura 31: Crianças pulando corda



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: Uma corda para que possam pular uma, duas ou mais pessoas.

Nº de Participantes: Variado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Desacampado

Objetivo: Concentração e agilidade

Desenvolvimento: Duas pessoas pegam as pontas da corda e começam a rodar e os outros fazem uma fila para esperar sua vez de pular a corda.

Costumam cantar a música: O homem bateu na minha porta e eu abri.
Senhoras e senhores põe a mão no chão.
Senhores e senhores dê uma rodadinha e
Vai pro rumo da rua.

Observação: Nessa brincadeira se propicia grande socialização entre os brincantes.

- **Prática lúdica: Brincadeira do Avião**

Figura 32: Avião indígena, feito de sabugo de milho



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Etnia: Macuxi

Material: Sabugo de milho, pena e cola

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Desacampado

Objetivo: Força

Desenvolvimento: Quebra-se o sabugo ao meio, coloca a cola no meio da parte do sabugo e depois enfiam-se as penas. Para dar início a brincadeira, se faz uma fila e uma linha com uma distância de dez passos. E todos os participantes vão jogar o seu avião, o ganhador será aquele que lançar o mais distante da linha que foi marcada.

Observação: Nesta brincadeira se propicia força e harmonia entres os brincantes.

- **Prática lúdica: Brincadeira de balar**

Figura 33: Criança brincando de balar



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: Uma forquilha pequena, liga, pedrinhas ou frutas pequenas

Nº de Participantes: Individual ou em conjunto

Sexo: Masculino

Local: Desacampado, quintal ou no mato.

Objetivo: Atenção, coordenação visual e motora, mira e alvo.

Desenvolvimento:

Desacampado: Marcam um lugar ou um objeto que irão balar. Começam a balar um por vez, o ganhador é aquele que consegue atirar no lugar marcado ou o objeto escolhido mais vezes.

Mato: Saem individualmente ou em conjunto e vão para o quintal ou mato à procura de passarinhos que irão tentar balar.

Observação: Essa brincadeira é muito frequente na atualidade na comunidade indígena.

- **Prática lúdica: Brincadeira de Subir nas Árvores**

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: Árvores, principalmente frutíferas.

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Árvores

Objetivo: Habilidade, força.

Desenvolvimento: Nessa brincadeira escolhem uma árvore e vão tentar subir com rapidez; escolhem também uma árvore para subir e ficam conversando em cima ou escolhem aquelas árvores que estão com frutos para colherem e depois comerem, às vezes, no alto das árvores, quando conversando embaixo de suas sombras.

Observação: Subir em árvores é muito difícil se vê alguém que nunca subiu em alguma árvore. É costume as crianças, em horas de folga, estarem em cima de alguma árvore, às vezes somente por prazer de subir e descer. Essa prática lúdica foi vista por várias vezes durante toda a pesquisa.

- **Prática lúdica: Brincadeira de Casa de Barro ou Areia**

Etnia: Wapixana

Material: Barro ou areia

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Na praia ou igarapé

Objetivo: Concentração

Desenvolvimento: Algumas crianças na praia ou na beira do igarapé e vão tentar fazer uma casa com a mão dentro, os ganhadores serão aqueles que ao tirar sua mão, a casinha não cair.

- **Prática lúdica: Brincadeira da capemba**

Figura 34: Capemba de inajá



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Etnia: Macuxi

Material: Capemba, corda.

Nº de Participantes: Dupla

Sexo: Masculino

Local: Desacampado

Objetivo: Força, agilidade

Desenvolvimento: Sai uma turma de meninos para buscar capemba de inajá²⁵ no mato. Quando chegam de volta amarram um pedaço de corda, um senta na capemba e outro puxa e sai correndo apostando corrida, ganha a dupla daqueles que conseguirem chegar ao lugar marcado primeiro.

²⁵ Folha larga e consistente, que se desprende do mangará de algumas palmeiras (Inajá). Fonte: <http://www.dicionarioweb.com.br/capemba/>

- **Prática lúdica: Jogo de Futebol**

Figura 35: Crianças e adolescentes jogando futebol



Fonte: Acervo da pesquisadora/2013

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: Bola

Nº de Participantes: Vinte e dois

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Campo de futebol e/ou lugar amplo para se fazer um campo de futebol

Objetivo: Residência, agilidade, respeito às regras.

Desenvolvimento: Entre os participantes escolhe-se um para ser o juiz. Formam-se dois times com números iguais de jogadores. E começa o jogo, ganha quem consegue fazer a maior quantidade de gols no determinado tempo que foi estipulado.

Observação: Na comunidade, nesse jogo só se cumprem algumas regras quando se faz campeonato em tempo de festividade, quando há o juiz. É comum se juntar todos os que estão presentes.

- **Prática lúdica: Brincadeira do Pião**

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: Pião e barbante

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino

Local: Descampado

Objetivo: Concentração, força e divertimento.

Desenvolvimento: Juntam-se várias crianças e começam a lançar os piões no chão e o ganhador é aquele que deixar por mais tempo o pião rodando no chão. Nessa prática lúdica se brinca mais para diversão.

- **Prática lúdica: Brincadeira de cavalo de Pau**

Etnia: Wapixana

Material: Um pedaço de madeira, um pedaço de corda ou barbante.

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino

Local: Desacampado

Objetivo: Diversão, ensinamento e criatividade.

Desenvolvimento: Criam o cavalo de pau. Logo em seguida cavalga em espaço indeterminado. A criança, às vezes, aposta corrida.

- **Prática lúdica: Brincadeira de Manja**

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: Material humano

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Desacampado

Objetivo: Agilidade

Desenvolvimento: Se juntam várias crianças, sem ter determinado número de participantes, é escolhida uma entre eles, a manja, e começa a brincadeira. A pessoa que fica sendo a manja vai correr atrás dos outros até tocar em algum e logo o que foi tocado vai ser a manja e assim sucessivamente. A brincadeira tem o seu final quando vão se cansando.

Observação: A brincadeira de manja é uma brincadeira tradicional, brincada até hoje pelas crianças, aonde vão se criando várias formas de brincar. Como por exemplo: mancha cola, mancha trepa, mancha coca, regras que se usa para proteger da manja.

- **Prática lúdica: Brincadeira de Embalar na Rede**

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: Uma rede armada

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Malocão, debaixo de uma árvore.

Objetivo: Força, divertimento, coragem.

Desenvolvimento: Deita um ou mais participantes e um vai embalar a rede para as alturas. Só para quando algum vai desistindo da brincadeira.

Observação: Nessa prática lúdica se tem muitos risos entre os participantes e, às vezes, algum adulto também entra na brincadeira para embalar e ser embalado. É muito comum se vê na comunidade essa brincadeira sendo executada principalmente debaixo dos malocões.

- **Prática lúdica: Dança da Raposa**

Etnia: Macuxi

Material: Música, material humano.

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Descampado

Objetivo: Diversão

Desenvolvimento: Juntam-se várias pessoas, escolhe-se um participante para ser a raposa, e para ir contando a história da raposa e todos vão encenando, bem como vão cantando a música da raposa.

Observação: Essa brincadeira é cantada normalmente na língua Macuxi ou na língua portuguesa.

- **Prática lúdica: Brincadeira da Vara**

Figura 36: Crianças brincando da brincadeira de vara



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Etnia: Wapixana

Material: Duas varas com ganchos próprios e uma sem ganchos.

Nº de Participantes: Varia

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Desacampado

Objetivo: Coordenação motora, divertimento, força, agilidade.

Desenvolvimento: Pegam-se as duas varas com ganchos, enfiam-se no chão com uma distância que possa colocar a outra varra estendida e segura pelos ganchos. Os brincantes

fazem uma fila com uma distância para poder correr e saltar a varra sem deixar cair. Assim vão correndo e levantando a vara até chegar uma hora que só um vai conseguir pular.

- **Prática lúdica: Brincadeira Roda Corda**

Figura 37: Crianças brincando de roda corda



Fonte: Acervo da pesquisadora/2013.

Etnia: Wapixana

Material: Corda,

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Desacampado

Objetivo: Diversão e resistência

Desenvolvimento: Um participante pega o pedaço da corda e começa a rodar com a corda esticada na mão e os outros vão pulando sem deixar tocar na corda. Ganha aquele que fica por último.

- **Prática lúdica: Brincadeira do Balanço**

Figura 38: Crianças brincando de balanço



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Etnia: Wapixana/Macuxi

Material: Um galho de árvore, pedaço de corda e um pedaço de madeira.

Nº de Participantes: Individual/ grupo

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Em uma árvore

Objetivo: Força e divertimento

Desenvolvimento: Pega o pedaço da corda, amarra em um galho de árvore uma das pontas da corda e a outra ponta se amarra o pedaço de madeira onde os brincantes vão sentar para se embalar ou ser embalado.

Observação: É comum encontrar nas árvores dos quintais das casas da comunidade esse tipo de balanço.

- **Prática lúdica: Brincadeira da Tamurai (Tucandeira)**

Etnia: Wapixana

Material: Formiga Tamurai

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Malocão

Objetivo: Ser homens fortes e mulheres prendadas nos afazeres da casa

Desenvolvimento: O tuxaua chamava várias pessoas da comunidade de uma idade acima de 6 anos, crianças, jovens, adultos tanto homens como mulheres e começam o ritual.

Observação: Essa brincadeira não é mais executada não por proibição e sim por ficar no esquecimento e os tuxauas não fazem mais este ritual.

- **Prática lúdica: Brincadeira de Roça**

Etnia: Wapixana

Material: Galhos

Nº de Participantes: Variado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: Roça da família

Desenvolvimento: Pegam vários galhos, enfiam-se no chão. Escolhe-se um pedaço de madeira para ser o terçado simbolicamente. Logo após que se faz a roça, todos que estão participando, vão brincar de roçar.

- **Prática lúdica: Brincadeira de Correr atrás de Animais**

Etnia: Wapixana

Material: Material humano e animais

Nº de Participantes: Indeterminado

Sexo: Masculino/Feminino

Local: No mato, lavrado, ao redor da casa

Objetivo: Agilidade, atenção.

Desenvolvimento: Várias crianças se juntam e vão correr atrás de animais, ganha aquele que consegue pegar um animal primeiro.

- **Prática lúdica: Brincadeira de Carrinho**

Figura 39: Carrinhos feitos de latas de sardinha e conserva



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Etnia: Macuxi

Material: Latas vazias de sardinha e conserva

Nº de Participantes: Duplas

Sexo: Masculino

Local: Arredores das casas da comunidade

Objetivo: Criatividade e diversão

Desenvolvimento: Alguns meninos se juntam, confeccionam os carrinhos e vão brincar nos arredores de suas casas.

Observação: É muito difícil se vê as crianças brincarem com carrinho desse tipo, é mais cômodo comprar carrinho industrializado.

Considerando os estudos da história em todos os aspectos, pois a história se constrói por experiências anteriores, o presente estudo se desenvolveu por meio das narrativas orais dos dez moradores escolhidos entre eles, por meio das suas lembranças de infância, desvelaram fatos e acontecimentos que, apesar de não constarem na história oficial, fazem parte da história real de suas vidas e tiveram sua parcela fundamental de contribuição na construção da Comunidade Indígena Tabalascada.

Antigamente, as brincadeiras das comunidades indígenas não tinham muita convivência com outras pessoas da cidade, eram mais isolados. As práticas lúdicas eram tidas como aprendizagem das tarefas do dia a dia: os meninos iam caçar e pescar com seus pais e os demais homens da comunidade, as meninas ficavam em casa aprendendo a cozinhar, fazer caxiri, todas entendidas como aprendizagem de sobrevivência do cotidiano, foram repassadas de gerações em gerações. Esta pesquisa constituiu-se em um privilégio pelo fato de, nos inúmeros relatos, as memórias foram retornando aos lugares, aos fatos históricos, às festas típicas, seus modos de vida, e brincadeiras, relembrando os ensinamentos de seus avós e pais, com tanta riqueza de detalhes, tudo pela trajetória memorial, reconstruindo histórias e vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado ao final deste trabalho, pode-se agora dizer que são vários os pontos que merecem ser explanados a título de considerações finais. A princípio, de que nenhuma pesquisa é conclusiva, ao contrário, nos revelam que os aspectos observados e evidenciados assumem significações entre sujeitos pesquisados e pesquisador, num processo de convivência mútua que revela narradores e memórias, suscitam lembranças e fazem renascer a infância nesses adultos, socializando seus saberes e envolvendo as crianças em suas relações sócio culturais, numa experiência de troca e ressignificações, na vivência com as outras pessoas da Comunidade Indígena Tabalascada, entre a teoria acadêmica e a práxis comunitária. Pois foi por meio dessa convivência que se chegou à concretização dos objetivos, encontrando respostas e percebendo os caminhos, resultados encontrados durante todo o processo teórico-metodológico da investigação.

Nesta pesquisa, evidenciamos, por meio das narrativas orais, as práticas lúdicas dos Wapixana e Macuxi, moradores da Comunidade indígena Tabalascada, que o mundo da cultura é significativo e decorrente da história vivenciada entre estes povos e seus outros, onde tudo se torna uma possibilidade de sobrepor-se ao mundo natural, sendo esta cultura um instrumento de adaptação e construção.

Durante todo o processo de idas e vindas à Comunidade manifestaram-se momentos extremamente satisfatórios de convívio com os narradores. Na pesquisa, os moradores adultos (40 a 86 anos) apareceram em destaque como guardiões, testemunhas vivas de um tempo passado e, desse modo, foram elevados à condição de guias no exercício de rememoração do passado. Foi levando em consideração o que Le Goff (1992) retrata sobre a relação da linguagem e a memória, explicando que o narrar é uma extensão das possibilidades que as pessoas têm de armazenamento da memória e, em consequência disso, saem dos limites físicos do corpo para estar interpostas nos outros e nos objetos, fazendo entrelaçamentos de memória coletivas e individuais que, por ter muitas repetições em muitos relatos, esses momentos deverão ser transformados em relíquias, levando ao registro dos vestígios imateriais que ainda possam existir nessas memórias (Oliveira, 2001), com os quais os grupos narram sua origem, ensinam suas regras e orientam suas vidas.

As narrativas orais são textos verbais dos sujeitos envolvidos na pesquisa e registrar todos essas vozes foram utilizados instrumentos visuais e auditivos que possibilitaram

abstrair as experiências vividas pelos narradores, dispostos a percorrer, por suas memórias, caminhos que levassem ao que poderia ser exposto ou não, resgatável e, por vezes inacessível. Como nos coloca Benjamim (1975), estes elementos nos deram a possibilidade de fazer uma reflexão sobre a história vivida, em que as vozes dos narradores e daquele que ouve e registra um acontecimento, se confundem. Em concordância com essa ideia, Bosi (2006) afirma que o ato de lembrar não é mesmo que reviver, mas sim o de construção do que se vive sob o olhar que se tem hoje vivido.

Houve também uma interação prazerosa com as crianças, justamente pelo fato de ter participado da atividade principal que é o brincar sempre nos espaços de entorno da casa, malocão, igarapés, estes são os lugares onde as crianças interagem em sua ludicidade, concorrendo para o seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois por meio dessas práticas formam conceitos, relacionando ideias, estabelecem relações lógicas, desenvolvem a expressão oral e corporal, reforçam habilidades sociais, integram-se na sociedade e constroem seu próprio conhecimento.

Os atos de brincar são, sem dúvida, a representação do mundo adulto que circunda as crianças, em tempos passados ou atuais, apontando-se que o conhecimento das transformações socioculturais parece ter estreita ligação com o atual lugar ocupado pelas atividades lúdicas. A história indica que o afastamento ou aproximação do adulto das práticas lúdicas varia em razão de mudanças que ocorreram ao longo dos séculos, de maneira que os hábitos e os costumes relacionados à prática lúdica parecem ter acompanhado esse processo histórico (ARIÈS, 1981).

Por isso a interação entre crianças e os adultos é muitas vezes extremamente prazerosa e enriquecedora para ambos. Em algumas sociedades tradicionais, os adultos têm um papel fundamental em contar a história, da comunidade, da família, da infância, servindo de referência às novas gerações. Na comunidade Indígena Tabalascada alguns fazem essa prática realmente na tentativa de não deixar sua cultura, seus costumes serem esquecidos ou desvalorizados, chegando ao desuso.

Evidenciamos que a brincadeira espontânea das crianças pode contribuir com seus discursos, ricos em fantasia e ludicidade, com o processo de significação das experiências de vida ouvidas dos mais velhos. Além da natureza fantástica e expressiva próprias das brincadeiras observadas nas crianças. A interação com crianças nas atividades do cotidiano podem promover uma maior diversidade de experiências sociais com os adultos.

Constatamos a necessidade de não se restringir o desenvolvimento das habilidades de entretenimento, mas legitimar uma prática narrativa que possa ser aproveitada nas escolas como parte integrante do currículo. Desta maneira, poderia ser resgatada a possibilidade do exercício do verdadeiro papel do adulto na sociedade: o de alguém que reflete o significado da sua própria existência, do seu próprio drama, a vivência dos jogos e brincadeiras existentes, situando-se num contexto histórico-cultural e buscando uma continuidade que vá além da sua existência, prolongando-se às novas gerações. Este tipo de experiência educacional seria, por sua vez, fonte importante de pesquisas, gerando conhecimento sobre a interação destes atores sociais.

Como exemplo, não se quer afirmar que brincar de pipa seja muito melhor do que jogar videogame, as crianças de tempos passados faziam suas pipas, subiam nas árvores, corriam livremente pelas ruas, jogavam bolinha de gude, brincavam de pega-pega, de esconde-esconde, de dia e de noite, diferentemente das crianças de hoje, que se restringem aos espaços de suas casas e limitam-se a brincar apenas com vídeo game e outros jogos eletrônicos.

A diversidade de experiências é muito mais limitada para as gerações de hoje do que era outrora, para as gerações passadas. Também é evidente que esta atividade com jogos eletrônicos, por exemplo, possibilita que a criança de hoje jogue com outras ao mesmo tempo, estabelecendo uma interação virtual com meninos e meninas de vários lugares do mundo. Esta é uma entre tantas possibilidades de experiência que não existiam nos tempos anteriores e que têm o seu valor, mas quase todas elas implicam numa eliminação de certas capacidades humanas, inclusive as motoras, pois utilizam um único sentido, que é quase sempre o da visão, e raramente a audição ou o tato, desprezando uma série de possibilidades perceptivas e de interação com outras crianças e com o meio natural.

Assim, os saberes dos jogos e brincadeiras podem ser transmitidos às crianças, por meio das histórias de infância vivenciadas, sem deixar de fora os mitos e lendas, bem como do abraço afetivo, das simbologias, dando a esse conhecimento um significado real, mesmo que seja transmitido por meio de símbolos, o que para as crianças pode significar a essência de sua vida, mesmo não sabendo o significado disso, ainda.

Paulo Freire (1982) salienta que educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida, senão terá eficácia. Deste modo, as narrativas caracterizaram como memória de um povo, trazendo ao presente um passado renovado. Essas

narrativas de pertencimento, de origem, de identidade coletiva, passando a refletir a vida de um povo, saindo de uma lógica linear e de uma racionalidade dos não indígenas.

É nesta perspectiva que apresentamos, de uma forma objetiva e de fácil entendimento, como vêm acontecendo os ensinamentos das práticas lúdicas na Comunidade Indígena Tabalascada. Agora cabe ao leitor uma reflexão mais profunda sobre a ludicidade e suas relações com a apropriação de conhecimento e desenvolvimento das habilidades motoras, afetivas e cognitivas, de como são repassadas na comunidade.

Desta forma, esperamos que as informações contidas neste trabalho possam ajudar de forma direta ou indireta, objetivamente e concretamente, na compreensão do universo lúdico que já vivenciaram e estão vivenciando na atualidade, diante da sistematização das práticas lúdicas registradas e reconhecidas pelos moradores da Comunidade Indígena Tabalascada.

Esperamos ter contribuído para uma reflexão acerca das linguagens do brincar, ou melhor, do brincar como linguagem universal que ultrapassa barreiras, aproxima e faz inexistir quaisquer limitações físicas ou psíquicas em ambientes coletivos.

Por fim, concluímos que as práticas lúdicas podem e devem ser inseridas em uma proposta de educação como processo educativo coletivo, cultural e simbólico, onde as crianças possam vivenciá-las, revitalizá-las e abstrair os conhecimentos tradicionais que envolvem e ressignificam a cultura e os costumes da comunidade em que estão inseridas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.J.M. *Esporte e Cultura: esportivização de práticas corporais nos jogos dos povos indígenas*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ALMEIDA, Danielle B L. de. *Sobre brinquedos e infância: aspectos da experiência e da cultura do brincar*. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 541-551, mai./ago. 2006.

BALDUS, Herbert. *Tapirapé Tribo Tupí no Brasil Colônia*. Companhia editora nacional, São Paulo, 1970.

BAINES Grant, Stephen. *A Fronteira Brasil-Goiana e os Povos Indígenas*, Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v.1, n.1, p.65-98, jul. 2004. Disponível em: http://www.funai.gov.br/projetos/Plano_editorial/Pdf/REP1-1/3. Acesso em: 18 de fevereiro de 2013.

BENJAMIN, W. O narrador. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1975.

BOAS. V.V. PGM0101. *Metodologia da pesquisa*. Caxias do Sul. RS: UCS,200-. Disponível em: <http://www.ucs.br/ccet/defq/vvbgmiss/aula1.pdf> . Acesso em: 07 de junho de 2013.

BOSI. E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo, Cortez, 1997.

Centro de Informação Diocesana - CIDR. *Índios de Roraima: Makuxi, Tuarepang, Ingarikó, Wapixana*. 1989. Boa Vista: Coronário.

COUDREAU, H. *Voyage au Rio Branco, aux Montagnes de la Lune, au Haut Trombetta*. Bulletin de la Société Normande de Géographie, 1987.

CLIFFORD, James. *Sobre a autoridade etnográfica*. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1998.

DINIZ, E. Soares. A terminologia de parentesco dos índios Wapitxâna. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, n. 34, p. 1-11, abr. 1968.

FARAGE, N. (1997) *As flores da fala: práticas retóricas entre os Wapishana*. Tese de doutorado, São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Letras, USP.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 24ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FRIEDMANN, Adriana. Artigo *As linguagens simbólicas das crianças*. Revista Pátio Educação Infantil. Ano III nº 8, páginas 13 -15. Editora Artmed: julho/ outubro 2005

GEERTZ, C.A. *A Interpretação da Cultura*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GOSSO, Y.; Morais, M.L.S. & Otta, E. (2006). *Pivôs utilizados nas brincadeiras de faz-de-conta de crianças brasileiras de cinco grupos culturais*. Estudos de Psicologia.

(Natal), 11(1), jan./abr. 2006.

HERRERO, MARINA. *Jogos e Brincadeiras na Cultura Kalapalo*. Ciências Humanas. Edições SESC SP, 2010.

HUIZINGA, Johan, 1872-1945. *Homo ludens: o jogo como elemento de cultura*/Johan Huizinga [tradução João Paulo Monteiro]. – São Paulo: Perspectiva, 2008.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. *Jogos Infantis: o jogo, a criança e a Educação*. 15ª ed. Petrópolis, RJ, 2009.

_____. *O jogo e a educação infantil*. IN: *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *A Distribuição dos Povos entre o rio Branco, Orinoco, rio Negro e Yapurá*. Tradução de Erwin Frank – Manaus: Editora INPA/EDUA, 2006.

_____. *Do Roraima ao Orinoco*, v.1: observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913; tradução Cristina Albert-franco. – São Paulo: Editora UNESP, 2006 il.

MALUF, Angeela Cristina Munos. *Brincar: prazer e aprendizado*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw K. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Edi. Abril, 1978.

MACEDO, L. *Os jogos e sua importância na escola*. In: Cad. Pesq., São Paulo, 1995.

MIGLIAZZA, E. C. 1985 Languages of the Orinoco–Amazon Region: current status. In: South American Indian Languages retrospect and prospect. Ed by Harriet E. Manelis Klein and Louisa R. Stark. Austin: University of Texas Press.

MINAYO, M. C. S.(Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MONTENEGRO, A. T. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2007.

NUNES, Ângela Maria. *A sociedade das crianças A'uwé-Xavante: por uma antropologia da criança*. Universidade de São Paulo, 1997. (Dissertação de Mestrado em Antropologia).

OLIVEIRA, Kleber de; Menandro, Paulo R.M. *Brincando na Aldeia*. 1ª ed. Vitória-Espírito Santo. Gráfica e Editora GM, 2011.

OLIVEIRA, Vera Barros. *O símbolo e o brinquedo. A representação da vida*. Petrópolis: Vozes, 1992.

OLIVEIRA et al. *Brincar para Comunicar: A Ludicidade como forma de Socialização das Crianças*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – São Luis, MA – 12 a 14 de junho de 2008.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Papyrus, 1991.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. *O lúdico na formação do educador*. 5 ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

SEBER, M. *A escrita infantil: o caminho da construção*. São Paulo: Scipione, 1995.

SILVA et al. *Brinquedoteca: um espaço criativo – projeto do centro de educação*. UFPB-PRAC:X Encontro de extensão. 2007. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/anais/xenex_xienex/x_enex/ANAIS/Area4/4CENEDESPPEX01.pdf>

Stephen G. Baines. *Os Índios Makuxi e Wapichana e sua relações com Estados Nacionais na Fronteira Brasil-Guiana* (Monografia). Professor do Depto. De antropologia, Universidade de Brasília e pesquisador nível 1B do CNPq. Brasília, 2003.

TEIXEIRA, M. G. S. *A Criança Indígena no Seu Universo Lúdico*. Disponível em [www.uesb.br/anpuhba/artigos/.../Maria_das Graças_Souza Teixeira](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/.../Maria_das_Graças_Souza_Teixeira.Pdf). Pdf acesso maio de 2010.

VYGOTSKY, Lev Simyonovich. *Pensamento e Linguagem*. 13ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____ *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEISS, M. L. *Psicopedagogia clínica: uma visão dos problemas de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

ANEXO A



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO DE 19 DE ABRIL DE 2005.

Homologa a demarcação administrativa da
 Terra Indígena Tabalascada, localizada no
 Município de Cantá, Estado de Roraima.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto nos arts. 19, § 1º, da Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, e 5º do Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996,

DECRETA:

Art. 1º Fica homologada a demarcação administrativa, promovida pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, da terra indígena destinada à posse permanente dos grupos indígenas Wapixána e Makuxi, a seguir descrita: a Terra Indígena denominada Tabalascada, com superfície de treze mil, quatorze hectares, setenta e três ares e setenta e quatro centiares e perímetro de cinquenta e um mil, noventa e dois metros e trinta e quatro centímetros, situada no Município de Cantá, Estado de Roraima, circunscreve-se aos seguintes limites:

- NORTE: partindo do Marco SAT - 1, de coordenadas geodésicas 02°43'13,95827" N e 60°37'51,22474" WGr., localizado na confluência do Igarapé Marapiara com Igarapé São Lourenço, segue por uma linha reta até o Marco M198-3, de coordenadas geodésicas 02°43'19,69354" N e 60°37'43,42519" WGr. (no trecho compreendido entre os Marcos SAT-1 e M198-3, confronta-se com Terras de Sillas Coutinho); daí, segue por uma linha reta até o Marco M198-2, de coordenadas geodésicas 02°43'38,89586" N e 60°37'17,24944" WGr.; daí, segue por uma linha reta até o Marco M198-1, de coordenadas geodésicas 02°43'58,30563" N e 60°36'50,78394" WGr.; daí, segue por uma linha reta até o Marco M198, de coordenadas geodésicas 02°44'15,77132" N e 60°36'26,95852" WGr., localizado na margem direita da Estrada RR-170, no sentido Cantá/Boa Vista (no trecho compreendido entre os Marcos M198-3 e M198 confronta-se com Terras de Clodezir Bessa Figueira); daí, segue por uma linha reta até o Marco MP2, de coordenadas geodésicas 02°44'12,06415" N e 60°36'21,02075" WGr., localizado na confluência do Igarapé Inajá com Igarapé Santa Cecília (no trecho compreendido entre os Marcos M198 e M2, confronta-se com Terras de Izaias da Silva); daí, segue por uma linha reta até o Marco M2-1, de coordenadas geodésicas 02°44'26,52169" N e 60°35'51,84372" WGr.; daí, segue por uma linha reta até o Marco M2-2, de coordenadas geodésicas 02°44'40,21213" N e 60°35'24,20218" WGr.; daí, segue por uma linha reta até o Marco M2-3, de coordenadas geodésicas 02°44'54,60121" N e 60°34'55,13615" WGr.; daí, segue por uma linha reta até o Marco M2-4, de coordenadas geodésicas

02°45'02,97352" N e 60°34'38,16256" WGr. (no trecho compreendido entre os Marcos MP2 e M2-4, confronta-se com Terras de Maria das Graças Lima Andrade); daí, segue por uma linha reta até o ponto P-3, de coordenadas geodésicas aproximadas 02°45'14,2" N e 60°34'15,4" WGr., localizado na margem direita do Igarapé do Inácio (próximo do Marco SAT-3, de coordenadas geodésicas 02°45'15,45676" N e 60°34'12,96543" WGr.), próximo da ponte (no trecho compreendido entre os Marcos M2-4 e P-3, confronta-se com Terras de Alcemir Araujo do Nascimento); daí, segue pelo citado igarapé, a jusante, até o ponto P-4, de coordenadas geodésicas 02°45'32,6" N e 60°34'18,6" WGr., localizado na sua confluência com o Igarapé da Onça e na divisa da Terra Indígena Canauanim;

- LESTE: do ponto anteriormente descrito, segue pelo Igarapé da Onça, a montante, até o Marco M-403, de coordenadas geodésicas 02°44'31,213" N e 60°33'11,995" WGr., localizado próximo da sua cabeceira; daí, segue por uma linha reta até o Marco M-03, de coordenadas geodésicas 02°43'32,842" N e 60°31'25,444" WGr.; daí, segue por uma linha reta até o Marco M-384, de coordenadas geodésicas 02°43'20,439" N e 60°31'22,575" WGr.; daí, segue por uma linha reta até o Marco M-02, de coordenadas geodésicas 02°43'00,561" N e 60°31'08,904" WGr., localizado na margem esquerda do Igarapé Surrãozinho (no trecho compreendido entre os Marcos M-415 e M-02, confronta-se com a Terra Indígena Canauanim); daí, segue em linha reta até o Marco M-01, de coordenadas geodésicas 02°42'16,628" N e 60°31'05,439" WGr., localizado na margem esquerda da Estrada RR-207, no sentido Malacacheta/Boa Vista; daí, segue por uma linha reta até o Marco M-2A, de coordenadas geodésicas 02°40'57,380" N e 60°31'30,077" WGr., localizado no sopé da Serra da Malacacheta; daí, segue pelo lado leste do sopé da Serra até o Marco M-24, de coordenadas geodésicas 02°39'25,922" N e 60°32'25,414" WGr., localizado na margem esquerda do Igarapé Favinha; daí, segue pelo citado Igarapé, a jusante, até sua confluência com o Rio Quitauaú, no Marco M-23, de coordenadas geodésicas 02°37'46,976" N e 60°31'54,088" WGr. (no trecho compreendido entre os Marcos M-02 e M-23, confronta-se com a Terra Indígena Malacacheta);
- SUL: do ponto anteriormente descrito, segue pela margem direita do Rio Quitauaú, a jusante, até o ponto P-12, de coordenadas geodésicas 02°32'17,1" N e 60°34'40,5" WGr., localizado na confluência com o Igarapé Paxiuba;
- OESTE: do ponto anteriormente descrito, segue pelo citado igarapé, a montante, até o Marco SAT-13, de coordenadas geodésicas 02°37'07,64436" N e 60°34'59,30654" WGr., localizado na sua cabeceira; daí, segue por uma linha reta até o Marco M13-2, de coordenadas geodésicas 02°37'16,54875" N e 60°35'03,29215" WGr. (no trecho compreendido entre os Marcos SAT-13 e M13-2, confronta-se com Terras de Antonio José Neto); daí, segue por uma linha reta até o Marco M13-1, de coordenadas geodésicas 02°37'45,99081" N e 60°35'16,41646" WGr. (no trecho compreendido entre os Marcos M13-2 e M13-1, confronta-se com Terras da Colonia Braz de Aguiar); daí, segue por uma linha reta até o Marco M14, de coordenadas geodésicas 02°38'15,38157" N e 60°35'29,52847" WGr., localizado na margem esquerda da Rodovia RR-170, no sentido Cantá/Boa Vista; daí, segue por uma linha reta até o Marco M14-3, de coordenadas geodésicas 02°38'37,71012" N e 60°35'51,76499"

WGr.; daí, segue por uma linha reta até o Marco M15, de coordenadas geodésicas 02°38'47,95934" N e 60° 36'01,97666" WGr., localizado na Lagoa da Capivara; daí, segue por uma linha reta até o Marco M15-4, de coordenadas geodésicas 02°38'59,12874" N e 60°36'16,60192" WGr.; daí, segue por uma linha reta até o Marco M15-5, de coordenadas geodésicas 02°39'20,28232" N e 60°36'44,31891" WGr.; daí, segue por uma linha reta até o Marco SAT-16, de coordenadas geodésicas 02°39'25,75141" N e 60°36'51,47001" WGr., localizado na margem direita do Igarapé Seringal (no trecho compreendido entre os Marcos M13-1 e SAT-16, confronta-se com Terras de Ivan Augusto Quinto Ferreira); daí, segue pelo citado Igarapé, a jusante, até o ponto P-17, de coordenadas geodésicas 02°40'32,6" N e 60°36'52,2" WGr., localizado na confluência com Igarapé São Lourenço; daí, segue pelo citado Igarapé, a jusante, até o Marco SAT-01, início da descrição deste perímetro. Observação: 1 - base cartográfica utilizada na elaboração deste memorial descritivo: NA-20-X-D-II - ESC: 1:100.000 - DSG - 1980; 2 - as coordenadas geodésicas citadas neste memorial descritivo são referenciadas ao Datum Horizontal SAD-69.

Art. 2º É assegurada, nos termos do [Decreto nº 4.412, de 7 de outubro de 2002](#), a ação das Forças Armadas, para a defesa do território e da soberania nacionais, e do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça, para garantir a segurança e a ordem pública e proteger os direitos constitucionais indígenas, na Terra Indígena Tabalascada.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 19 de abril de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Márcio Thomaz Bastos

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 20.4.2005

ANEXO B

Nestes anexos constam somente as transcrições dos narradores falando de como aconteceram suas infâncias, como eram suas brincadeiras e seus brinquedos.

O primeiro a narrar foi o seu Alderizio (fig.40). No dia em que cheguei a sua casa fui recebida por sua esposa Dona Chica tinha feito até um fogão de barro no quintal pra fazer a damorida na panela, também de barro. Preparou um lugar para assar os peixes, aqueles que tinham prometido em levar. Fizemos o trabalho, logo fomos almoçar todos juntos.

Figura 40: Seu Alderisio (Wapixana67 anos), aposentado, casado, agricultor.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Senhor Alderisio, narra que sua infância foi sofrida e que ele e alguns parentes a partir de seis de idade passavam por um ritual que sempre acontecia aos sábados. Falou-nos que por vinte anos ele foi tuxaua na comunidade. Ele costumava brincar de flechas, brincavam de caçar animais. O Senhor Alderizio ficou muito pensativo e ia narrando calmamente.

[...] Me lembro antigamente nossas brincadeira, no tempo dos meus avós, dos meus tios, o tuxaua irmão do meu pai, ai eles faziam brincadeira mais

dia de sábado, assim, eles faziam caxiri²⁶, ai eles faziam aquele caxiri, eles pegavam umas formiga que tem no mato, quase que uma tucandeira, chamava tapiaui²⁷...já traziam pronta, tava tudo no balde, nas cabacinha, faziam um paneirinho assim de duas, de três, de quatro, de cinco ela... Paneirinho, tipo uma peneira, é uma peneira memo, ai, prendia elas tudinho ali, botava aquela formiga tudinho ali, chamava a gente, ai tinha caxiri já preparado ali pra gente, ai chamava aquelas crianças, menino, menina ai iam ferar a gente, era a brincadeira que faziam com nós, fora isso ai, não se ouvia nem falar, não existia essa brincadeira de bola, ai eles ferava a gente, no braço, no peito, aqui no nariz, uma formiguinha bem na ponta do nariz...

[...] Que era benzida, aquelas formigas... Quem benzia era o pajé... fazia isso pra sair as doenças, pra não pegar doença, ai depois, vamo tomar banho, tomar banho, todo mundo ia tomar banho, ai passar aquele, tinha uma planta que era tajá, ia lavar o braço da gente todinho, com aquilo, no corpo todo, passar aquele pano molhado nas costas da gente, os curumim pegar flecha pra ir pro igarapé, nos tinha um igarapé pra lá, um igarapé, a gente ia pro igarapé flechar.

[...] Prendia elas tudinho ali no Paneirinho, tipo uma peneira, é uma peneira memo, ai, , botava aquela formiga tudinho ali, chamava a gente, ai tinha caxiri já preparado ali pra gente, ai chamava aquelas crianças, menino, menina ai iam ferrar a gente, era a brincadeira que faziam com nós, fora isso ai, não se ouvia nem falar, não existia essa brincadeira de bola, ai eles ferravam a gente, no braço, no peito, aqui no nariz, uma formiguinha bem na ponta do nariz...

[...] aquelas formigas, era benzido, quem benzia era o Pajé. Fazia isso pra sair as doenças, pra não pegar doença, ai depois, vamo tomar banho, tomar banho, todo mundo ia tomar banho, ai passar aquele, tinha uma planta que era tajá, ia lavar o braço da gente todinho, com aquilo, no corpo todo, passar aquele pano molhado nas costas da gente... E era todo sábado, todo sábado, tinha dia assim que a gente nem sentia mais.

[...] Era todo mundo, todo mundo. Menino e menina, menina era pra prender fazer caxiri, farinha, fazer bejú e os meninos era pra prender a caçar com as flechas..

[...] No meu tempo, eu gostava mais de flechar, era o meu prazer, flechar peixe, flechar passarinho, nos fazia caçada assim, flechada as galegas nas ilhas, sai aquelas cinco pessoa pra flechar passarinho, era o nosso divertimento, pra nós, ai eu gostava, ai quando a gente chegava nossa mãe ia fazer, fritar galega, fazer asada, qualquer passarinho a gente matava,(rrsrs), ai, tomava caxiri doce que fazia pra gente, ai, o resto era ajudar os pais na roça trabalhar, plantar e depois de grande ia derrubar, plantar roça, derrubar...

²⁶ Bebida típica dos indígenas. Caxiri é uma bebida fermentada, temos variedades, pois ela é feita de mandioca, batata, caju.

²⁷ Formiga preta que tem um ferrão muito forte, causando as vezes até febre.

[...] Tinha uma brincadeira chamada tal de zarabatana, não sei se a senhora já ouviu é feito no cano assim, não se era é de madeira de taboca, ai fazia uma flechinha de tala, tala de najá ai aqui a bem aqui gente bota bem aqui uma perna de algodão, ai a gente vai treinar também com se fosse se treinasse com uma arma de fogo, como por exemplo, faz uma alvo a colá, ai você , aqui você assoprar, assim. Aquela flechinha vai direito lá, lembro que era pra matar assim arara, cujubina, muntum, naquele tempo a gente não tinha espingarda fazia aquilo pra matar caça, tinha um veneno não me lembro do veneno não sei se era de pau que eles tiravam, só que ai faziam um cortadinho assim no bico ai eles mediam até aqui assim, na hora que a gente flechava macaco, ou pássaro, ai quebra aquela pontinha ai o bicho já vai cai ai, ai eu pensava assim se não fazia mal pra gente comer aquela caça com aquele veneno, não fazia mal pra gente.

[...] Tamarai era uma brincadeira também que a gente faz assim é, um pau ou arame, corta assim, deste tamanho assim, atravessa aqui no bico ai amara ela ai encastoa ela, deixa só uma pontinha assim quando pegar no pássaro furar aqui, bateu, vai com força quem flecha ai ele cai lá na frente é o que meus avós ensinou pra nós, faz um tempo tô com dez anos que deixei dessas brincadeiras assim.

[...] Aprender a caçar com as flechas.. Ai meu tio era tuxaua, a gente saia pro trabalho comunitário, sai pra vê por onde era o limite da terra, ai todo mundo, os curumim com flecha, as meninas com balde, baldinho²⁸ assim, faziam jamaxin²⁹ assim, lá na cozinha para colocar o balde, prá levar caxiri, a gente ia trabalhar e elas carregando o balde de caxiri, e nós trabalhando, nesse tempo eu tinha mais ou menos 6 anos de idade tinha um que era maior de 10 anos, então foi assim, comecei assim vendo meus avós trabalhar, fazendo as coisas.

[...] Baladeira eu vim conhecer depois de grande que ai o papai foi em Boa Vista, trouxe do comércio, mais não achei muito bom não sabe, balar de baladeira, pra mim mais era flecha, é, pra mim era flecha mesmo, flechava e via o bicho cai com fecha, baladeira não aprendi balar muito não, usei pouco baladeira.

[...] As crianças, não trabalha como antes de primeiro, não ajuda as mães na roça, depois que apareceu esse dinheiro que vem do governo, as crianças é mais na escola, mais na brincadeira de bola, vai crescendo não sabe fazer mais nada, aquilo que era a nossa tradição, ai tem vez que criança esquece como a gente vivia de primeiro, não sabe mais fazer uma farinha, fazer um caxiri, não sabe mais fazer um beijú, quando no meu tempo, eu sempre falava as mães tem que ensinar os filhos a fazer farinha, beijú por que um dia vão se casar também, aqui como é que vão fazer ficar, por que emprego é difícil, então tem que ensinar os filhos.

²⁸ Para os indígenas são cabaças

²⁹ Diamanxim era feito de palha, bolsa grande para carregar seus utensílios.

[...] Brincadeira de sair assim pro mato, pra caçar, que aqueles que iam ficando grande já, ai o tuxaua ia tirava aquela turma pra ir caçar pra aquele dia que vinha acontecer, por exemplo tem, sempre tem, naquele tempo quase não existia dia das mães era só tinha um padroeiro que a gente fazia a brincadeira, ai o tuxaua já tirava aqueles de maior era com flecha com espingarda, que já sabia caçar com espingarda, uma semana pra caçar, aqueles rapaz de 20 anos de 18 anos, trazia caça, ai quando eles chegavam o tuxaua dividia um bucado pra cada família, tirava uma parte só pra fazer aquele dia comer damorida, comer carne asada.

[...] Quando matavam uma anta a brincadeira era bonita, eu via assim, a gente comia bastante, era, eles faziam muito era beijú, comer ali aquele caldo, caldo, asado. Ai o tuxaua tirava uma semana sempre aquele caçador que foram caçar, ele aquele descanso pra eles, ai na outra semana eles iam trabalha também.

[...] No nosso tempo não era assim, nossa brincadeira não era assim como hoje, vocês tem a bola, fica brincando de bola, é as meninas de boneca. Naquele tempo eu achava nossa vida era, era tranquila, (ficou pensativo).

No dia marcado para conversar com Dona Cezarina (fig.41), mais conhecida como Dona Nega, como ela gosta de ser chamada. Estava toda arrumada só para nos atender, não foi nem para a roça, por que já tinha esse compromisso.

Figura 41: Dona Cezarina da Silva Pereira, (Wapixana 61 anos), casada, aposentada, agricultora.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

Escutando suas falas foi como ela estivesse vivenciando a sua infância naquelas horas que passamos juntas. Em seus relatos ela nos coloca como foi sua infância, brincou pouco. As brincadeiras aconteciam mais na roça, era seu divertimento.

[...] Na minha infância acho que nem existia brincadeira. Pra nós boneca não existia, né, era só, brincadeira que a gente inventava, fazendo boneco velho de papel, de sabugo de milho, né, fazia bracinho, fazia cabelo tudo mesmo a gente inventava e as brincadeiras dos meninos era cavalo de pau, então pião, era a brincadeira que tinha, na nossa infância não existia essa brincadeira que existe hoje eu vejo, as crianças aprende tanta coisa, ganha muita coisa, no nosso tempo não existia isso não. Nossa brincadeira era na roça, trabalhar, ajudar nossos pais na roça, desde de pequeno, eles campinando e a gente ajuntando atrás, queimando, essas coisas, mais brincadeira nunca existiu.

[...] Já quando inteirei oito anos, dai minha brincadeira foi já ralar mandioca, (Rsrsrsrs) ralar mandioca, fazer farinha, naquele tempo não tinha motor, naquele tempo eu ralei muito mandioca, espremendo no tipiti. Pra mim não existiu essa brincadeira como hoje tem, não. Eu gostava e gosto até hoje eu gosto de fazer, gosto muito. Foi uma coisa que minha mãe e é uma coisa que pretendo deixar pros meus netos, trabalho. Ela repassava tudo isso ai, ensinando como a gente fazia, pra gente aprender.

[...] Então, eu digo pro meus filhos hoje, hoje você não rala uma mandioca, você não tem mais aquela dificuldade que eu tive, né muita dificuldade. Trabalhei muito desde criança, mais me serviu muita coisa, aprendi muita coisa Por isso eu digo, brincadeira pra mim não existia, tudo era difícil pra nós, eu acho que mamãe também não foi criada assim né, por que não tinha, hoje não é difícil as crianças aprender, é brincadeira, cada um ganha seu presente, cada um ganha seu presente bonito, antigamente a gente não tinha isso não, nem boneca a gente tinha, por que a gente não ganhava, era difícil essas coisas pra nós.

[...] A gente passava o dia todo na roça... a gente ia de carro de boi pra serra, trabalhar na roça, passava o dia, era o nosso divertimento isso dai na roça, nossa brincadeira era isso dai. Papai fazia barracão grande. Aquilo ali era todo dia, as vezes a gente saia três horas da madrugada. A gente ia de segunda a sexta. No sábado a gente ia lavar roupa, papai ia pescar, naquele tempo tudo era farto, hoje você não ver mais como antigamente, eu digo pro meus filhos, hoje vocês não ver o que eu vi quando eu nasci, rapidinho o papai dizia vou já buscar o almoço, pegava a flecha, naquele ele saia e quando dava fé ele já estava voltando com aquela fileira de peixe assim no arco na sua frente pendurado. Hoje você vai passa semana pra trazer uns oito peixes. Não tem mais, caçar ele sai e voltava com paca, cutia. Hoje tem ainda mais está arisco, tem muita gente agora.

[...] As brincadeiras eram tudo junto, por que a gente era pouco, não tinha muita gente como hoje, hoje não já tem gente de mais, já dar pra separar,

toda brincadeira já dar pra brincar separada faz, mais antigamente não era assim. A gente só se reunia só quando tinha adjunto³⁰, modo adjunto eles fala, ai vinha fulano, fulano, fulano da sua casa trabalha naquela roça assim se reunia, assim depois do almoço too mundo os curumins ia brincar, depois todos iam pra suas casa Os curumim ia brincar de cavalo de pau e as meninas ia brincar de se esconder, outro ia pegar as criancinha pra ser mãe. Assim inventando, não tinha como, fazer outra coisa era as brincadeiras que a gente fazia.

[...] No sábado a gente ia pula na água era a brincadeira que a gente tinha no igarapé, lá não tinha curumim, era só nós mesmo com a mamãe, não tinha curumim no meio. Vinha as vizinha, se reunia num só igarapé, todo mundo ia lavar roupa, iam conversar. Os curumins ia flechar pro baixo do igarapé, flechar peixe com os mais velhos.

[...] No domingo a gente ia pra igreja, voltava fazia o almoço, a gente ia brincar, a mamãe ia costurar nossas roupas e pra depois começar tudo de novo na segunda.

Figura 42: Senhora Maria Alafde, (Wapixana 59 anos), casada, aposentada.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

³⁰ Trabalho em uma única roça com várias famílias da comunidade. Também chamado de ajurí.

Durante a infância de dona Maria Alaíde (fig.42), ela nos coloca que foi um tempo muito feliz, brincava muito com o seu único irmão.

Quando foi relembrando algumas passagens de sua infância Dona Maria Alaíde enchia seus olhos de lágrimas, mas não perdeu a postura, continuou narrando. Narra que em sua infância brincava com bonecas feitas pelo seu irmão.

Ela nos coloca que a caça tinha uma dupla função, pois ao mesmo tempo em que proporcionava a diversão, era também utilizada na alimentação.

[...] Quando eu era criança, bem pequeninha, assim eu brincava, só ia brincar de fazer roça. Era só eu e meu irmão nem, tinha aquelas beirada de mato, no aceiro da roça, que meu pai plantava ficava aquela mata mais baixa, ai meu irmão levava terçado, ai ele me chamava, vamos fazer roça neném , vamos, eu vou campinar e tu vai plantar essas mandioca, ai a gente brincava, né.

[...] Ai quando já tava o milho grande, já tinha macaxeirinha, maninha vou fazer boneca pra ti, ai fazia boneca de mandioca, de milho, quando o milho era novo, ele fazia cabelo vermelho, cabelo branco, ele mesmo colocava os bracinhos, as pernas e fazia.

[...] A gente fazia curral, nossa brincadeira lá era assim, meu pai ia trabalhar com a minha mãe e a gente ficava brincando. Fazia brincadeira assim, fazia fazenda, de ter um carro, a gente imaginava um carro, a gente via o trator aqui na comunidade e um caminhão que via buscar produto. Ai ele dizia maninha vou fazer um carro, a gente pegava o caraná, fazia a roda, colocava tipo o eixo da roda. Ai pegava garrafa pra puxar também como se fosse um carro, ele pegava minhas bonecas de milho, boneca de mandioca, ai colocava no carro, a gente tinha vontade ter as coisas, nós não tinha nada.

[...] O meu pai era muito bem visto aqui na comunidade, ele era o rezador daqui, ele era o pajé, mais ele bebia muito, ai não tinha uma profissão, não tinha renda, naquele tempo não tinha bolsa família, hoje tem tudo, naquele tempo não tinha, nós tinha o desejo assim de ter as coisas. Ai o maninho dizia eu sou motorista, ele dizia, ai o meu pai de dizia você minha filha é a enfermeira, meu pai gostava de incentivar a gente, ai ele procurava fazer uma taruaninha³¹ para me colocar minhas coisas, meu pai, meu irmão também fazia pra mim.

[...] Quando juntava todas as crianças, a gente brincava de roda, a gente brincava de bom barqueiro, bom barqueiro, naquele tempo já a gente via, as crianças de Boa Vista, não de onde vinha, eu sei que ensinavam a gente, a fazer bom barqueiro, o que mais a gente brincava era de roda, juntava muita gente, muitas crianças, vamos brincar de roda, tanta laranja madura maninha

³¹ Bolsa pequena feita de palha de buriti.

que cor são ela, então, era de brincar de cirandinha eu lembro que a gente brincava com as outras crianças.

[...] Mais com o meu irmão só brincava mesmo de fazer roça, de cozinhar, de asar as coisas, como a mamãe fazia, nós fazia também. Vamos caçar, essa brincadeira gerava em coisa verdadeira, por que ele dizia assim vamos caçar e a gente ia mesmo, nós matava tatu, matava cutia, eu com ele, por que meu pai vivia por ai, ficava só nós com minha mãe, minha mãe ia fazer farinha, ai ele dizia vamos caçar maninha.. vamos, ele levava a flechinha dele.

[...] A minha mãe não brincava com a gente. Ela ensinava a gente, ela fala assim pra nós, pra mim e pro meu irmão. Eu fui criada com os outros, não fui criada com minha mãe, dizia pra mim, eu nunca brinquei e não fiz essas coisas que as crianças faz, eu não quero que você seja assim também não, minha mãe era rígida. Eu não quero por que não aprendi nada e mal educado, a mamãe sabia o que era educação, por que falava assim para mim, se chegasse cem pessoas eu tinha que tomar benção de todo mundo, beijava a mão do padre. Quando eu estiver falando com alguém você não pode falar, criança não pode.

[...] Ela ensinava a fazer farinha pro meu irmão. Ela não me ensinou por eu era filha única. Mais outras coisas ela me ensinou, fazer caxiri, fazer damurida, tecer rede, me ensinou a fiar.

[...] O primeiro tuxaua dessa comunidade foi meu avó, ele sempre reunia as pessoas, a maioria era netos dele. Fazia um dia de tratamento nas crianças ferrar com Tapialui, essa formiga doía mesmo o ferrão dela, cortar as pernas com os ferrão de arraia. Fazia esse tratamento com as crianças para as crianças crescer, não perder também os costumes indígenas, tipo assim vou dar uma vitamina para eles vencer todas as doenças. Vinha sempre as meninas primeiro e depois os meninos. Ai quando terminava as crianças se reunia, depois de passar pelo tratamento, a gente ia brincar, as brincadeiras eram muito pura, as crianças de hoje sabe de tudo, tudo, tudo.

[...] É a minha infância foi muito sofrida, você sabe depois que me ouviu, meu pai não era empregado e nem minha mãe, nós não tinha renda de nada, quando eu saí daqui, eu morava numa casa de palha, as paredes era de palha também, minha rede era toda remendada, eu andava descalço, eu não tinha nada, mais eu tinha minha mãe, eu era muito feliz, por tinha minha mãe, meu pai e meu irmão. Hoje tenho minha casa, meu carro, meus filhos, meu emprego graças a Deus. Hoje eu não tenho pai, nem mãe e nem irmão. Voltei pra cá. Eu sou feliz por isso que voltei pra cá, relembro minha infância.

Ao conversar com o Senhor Melquior (fig. 43), aos poucos ele foi se soltando, procurou narrar como foi sua infância de simples, tomando um caxiri na mais simplicidade. Homem calmo, na da entrevista apresentou-se uma pessoa calma e me transmitia segurança.

Figura 43: Senhor Melquior (Macuxi, 75 anos), casado, aposentado.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

[...] A minha infância acho que foi bem pra mim. Eu, me crie com o meu pai, minha mãe disse que era de criação, mais é meu pai do mesmo jeito. foi ele que me criou né. Acho que foi a criação que ele me deixou é a função que tenho hoje, trabalho na agricultura.

[...] Quando a gente é criança a gente não faz nada. Mais depois de grandim, assim com cinco anos, já começa acompanhar os grandes pra roça.

[...] A gente brincava com meu irmão de arco e flecha,. Flechava todo bichinho que a gente encontrava por ai. Flechava os peixinhos também que encontrava. Você sabe né que a brincadeira do índio era assim.

[...] Eu brinquei de correr de cavalo. Correndo atrás de veado, meu pai tinha cavalo. Chegava um monte de gente a cavalo, eu achava bonito, aqueles vaqueiros andando. Eu ia pescar com meu pai no rio, caçava, matava capivara, matava e pelava como pela porco. Ai a gente ia trabalhar na roca, trabalhava de manhã até meio dia, de tarde a gente de novo. De manhã e tarde. Ele perguntava da gente meio dia, onde horas, ele perguntava da gente se era bom passar fome ou comer farinha era a pergunta que ele fazia quando a gente estava com fome, era eu e meu irmão, não é bom comer

farinha, então vamo trabalhar é pra isso que estamos trabalhando, por que se você não trabalhar quem vai dar pra você. Vocês tem que trabalhar.

[...] Às vezes quando a gente não estava fazendo nada, ia brincar por ai, ia correr atrás dos bichos, do tamanduá bandeira, só para malinar dos bichos.

[...] A minha infância não foi sofrida, até hoje estou com saúde. Sinto só cansaço nas pernas, de tanto caminhar, a idade vai avançando, perde a força, perde tudo, tornar criança de novo se não morrer logo.

Fui à casa do Senhor Cesar Cruz (fig.44) por duas vezes e no dia 21 de março de 2013, quando cheguei a sua casa, fomos conversar sobre a minha pesquisa para marcar o melhor dia. Logo, ele disse que era melhor que fosse naquele dia mesmo porque era difícil encontrá-lo em casa, só estava naquele dia porque estava faltando água na comunidade.

O Seu Cesar, ex-tuxaua da comunidade, conta que em sua infância, ele e seus irmãos não brincavam direto, mas brincavam sempre quando voltava da roça.

Brincavam muito de flechar e outras brincadeira quando acontecia o ajuri³².

Figura 44: Senhor Cesar Cruz (Wapixana, 56 anos), casado, agricultor.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

³² O mesmo que adjunta, quando várias famílias se juntavam para trabalhar na roça de uma pessoa.

[...] A minha infância, a gente não brincava direto né assim a gente fazia era trabalhar também, desde pequeno a gente ia pra roça, junto com os pais, ai, brincadeira mesmo era só na volta, a gente gostava de brincar na água... tomar banho, não tinha outro divertimento, a gente morava longe do centro da comunidade, de lá a gente já ia pra escola quando eu já entendia mais um pouco, então a brincadeira era na escola, a gente brincava muito na escola, a gente brincava muito, não tinha brinquedo pra tá brincando.

[...] Como a gente não tinha brinquedo a gente fazia nosso brinquedo de aro de bicicleta, quando não salto daquelas bota de borracha, fazia rodinha para fazer um brinquedo. De manha cedo a gente ia pra escola ai a gente fazia essa rodinha, colocava essa rodinha do salto das bota de borracha, colocava no caranã pra gente correr, ali era todo dia, saia na carreira. A gente saia quatro horas da madrugada, tinha dia que chegava com tempo e outro chegava atrasado. Na volta era a mesma coisa. Na escola tinha gente que fazia muita brincadeira. Mais era assim, a nossa brincadeira era mais dentro da água, se juntava muito meninada ia brincar de manja, esquecia até de voltar pra casa.

[...] Em casa mesmo a gente nunca aprendeu brincadeira, a gente não brincava com os pais, a gente pegava muito era flecha, brincadeira mesmo só existia na escola, era jogar bola.

[...] Na época a gente usava muito flecha, para flechar alguma coisa, saia no campo assim, era nossa brincadeira, eu e meu irmão mais velho que gosta muito de andar comigo, levava flecha pra flechar passarinho, era flechar peixe no rio.

[...] Eu nunca dancei na minha vida esse tal de parixara mais eu vi o meus pais dançar, mais assim não fazendo festa aqui assim pra dança do parixara como eles fazia iam na roça, ai dar roça quando voltava é que se preparava todo mundo, fazia aquelas saia e tudo, ai via andando de lá pra cá ai as mulherada sabia que estão vindo, vinha encontrar. Nunca vi fazer festa para dançar parixara como agora.

[...] A gente ficava brincava mais no final de semana. Brincava de papagaio, a pipa né, eu vi um rapaz fazer, nós tirava uma casquinha de flecha um anelzinho assim né, ai esbichava uma linha, botava um pedaço de papel colado, pra fica igual uma língua dele, ele tinha asa tinha asa e a rabiola e quando tinha a língua dele, quando fazia ele voar ele roncava.

[...] Brincava todo mundo junto, menina e menino da brincadeira de rato com gato. Tudo em Wapixana. Eu não sei quem trouxe essas brincadeiras pra cá. A brincadeira de manja, de se esconder, a gente nem sabia o que era policia, a gente brincava.

[...] Brincava muito dentro d'água. A gente gostava mesmo era de brincar de flechar passarinho, pra depois comer, pescava muito também. A gente brincava mesmo também quando é dia de evento, ai aparecia várias

brincadeiras. A minha infância foi boa, de minha parte a minha infância não foi ruim.

Quando cheguei à casa da Senhora Cléia (fig.45), fui recebida por toda a sua família, o que percebemos era a união entre eles, pois todos queriam participar, foi um movimentação só, uns estavam fazendo o almoço no fogão a lenha, outros assando carne, galeto e sempre estavam por perto dando risadas gostosas juntos com a Dona Cléia.

Figura 45: Senhora Cléia Augusto Bernaldo (Wapixana, 47 anos), casada, agricultora.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013

Dona Cléia nos relata as brincadeiras que estiveram presentes em sua infância, segundo dona Cléia brincava de bola como a fruta chamada de dão, essa fruta encontramos até hoje na mata, até na cidade.

Foi relembando com entusiasmo, sempre quando via recortar uma brincadeira que seus avós ensinavam, dava umas risadas. Ao terminar as gravações fomos almoçar.

[...] Eu brincava, assim, cortava pedacinho de pau ai colocava atravessado e ia pulando por cima da varinha, colocava, ai ia pulando, ai depois vai

aumentando, ai vai aumentado, ai vai aumentando ai para até não conseguir mais (rsrsrsrs). Quem me ensinou foi minha vó essa brincadeira, ela já morreu.

[...] Uma coisa ruim que meu avô me ensinou foi a de ferrar nós com uma forminha que tem no mato. Doía muito eu não gostava dessa brincadeira. (rsrsrsrs)

[...] Outra coisa que eu brincava também era mutuava areia fazia casa. Metia a nossa mão assim embaixo e mutuava e puxava a mão devagar para sair sem derrubar, (rsrsrsrs) pra ficar a porta da casa. Eu brincava muito dessa brincadeira no areal, fazia com barro molhado também.

[...] Tinha os mais velhos que nós, que a minha vó colocava pra ensinar a gente, era como professora,. mutuava nós, fazia brincadeira, ai depois pronto. a gente não brincava muito não, eles levava a gente pra roça (rsrsrsrs).

[...] Ai quando dia do ajuri, juntava aquelas coleguinha brincava aquelas brincadeira, acendia fogo pra poder brincar. (rsrsrsrs) Ficava brincando todo mundo junto menino, menina.

[...] Brincava de talhinha de pau pra fazer um cercado pra os boi, ai nos colocava pegava manga verdinha era o nosso gado ai gente faz, tirava tala de butiri, não era de naja não, ai nós colocava perna, fica dentro do curral, colocava quebrava pedacinho de pau pra fazer o curral, nos fazia pra gente cera de abelha e fazia cabeça dele redondo os olhos, e perna e braço ai já ia pro curral, fazia muito ficava em pé ai a gente brincava de curral.

[...] Brincava de escrever no chão, desenhava no chão, o lápis era pau, desenhava no chão, na lua, a gente estudava a noite, estudava no chão, minha vó ensinava a gente, assim que vovó fazia, chamava minhas prima, meus primo, eles morava junto.

[...] A gente brincava também de fazer roça (rsrsrsrsr), sabe como nós fazia roça gente cortava folha e galho de araçá ficava em pé, galho né, enfiava no chão, ai o nosso terçado era pau, pra poder derrubar a roça, a gente olhava nosso pai nosso avó fazendo a gente já estava brincando na brincadeira (rsrsrsrs). Brincava assim também os mais grande era o nosso pai e mãe fazia o casal , agora os mais miudinho era nossos filhos.

[...] A gente ia pescar de caniço, eu gosto de pescar até hoje (rsrsrsrs), eu lembro eu ia mamãe, um fiquei perdida, acho que tinha nove anos (rsrsrs), ficamos perdida no caimbezeiro, eu jogo tarrafa também (rsrsrsrs).

[...] Eu brincava de artesanato, um pouco, não sabia muito, eu aprendi melhor agora depois de grande.

[...] Eu brincava de fiar algodão, minha vó que me ensinava, me ensinava fazer beijú, também caxiri, o primeiro caxiri que fiz ficou forte, deixei todo mundo bebo (rsrsrs).

[...] Eu brincava muito quando era criança e também trabalhava muito na roça como eu já disse.

A professora Rosilda (fig.46), como é chamada na comunidade, foi a primeira Macuxi a chegar com seu esposo na comunidade. A professora Rosilda narra suas experiências produzindo os próprios brinquedos, como as bolas e bonecas com palha de milho.

Figura 46: Senhora Rosilda Raposo Felipe, (Macuxi, 64 anos), casada, professora.



Fonte; Acervo da pesquisadora, 2013.

No seu relato demonstra uma nostalgia ao lembrar-se das brincadeiras de sua infância ao comparar, por exemplo, com a infância das crianças da comunidade.

[...] Quando eu era criança era muito diferente como a de hoje, né, que a gente inventava nossa brincadeira, fazendo, ninguém sabia hoje as crianças

sabe o que é arte. A gente fazia panelinha de barro, a gente fazia bonequinha, os animais, vovó fazendo o dela né, carregava barro dela pra nós gente fazer a nossa parte, por ela, ela brigava com nós, o barro criança não brincava.

[...] Depois a gente inventava galo de briga, tirava os sabugos de milho bem grande assim, o mais bonito a gente batia assim, bater até quebrar, quando aquele que quebra, o galo morria, depois o galo vai matar outro, né, assim por diante. Sempre quando o galo que ganhava se falava: meu galo ganhou, teu galo perdeu, teu galo já morreu.

[...] A inventava um avião, a gente colocava muito pena, a gente colocava pena no sabugo quebrava sabugo no meio, no tem aquele fofinho no meio a gente colocava aquele rabo de galo, que mamãe matava as vezes galo, galinha, assim, a gente fazia um monte, pra jogar. A gente marcava um linha longe e ia jogando pra vê quem jogava mais longe e esse era quem ganhava.

[...] A gente fazia panelinha, a gente fazia um monte, vovó fazia e a gente fazia, nós fazia passarinho fazia animal, com aquele barro, ai quando a gente queimava, também pote bem pequenininho, passarinho, nós fazia tudo pequenininho, assim era nossa brincadeira, assim por diante.

[...] Depois a nossa brincadeira era assim, as danças, né que nós aprendemos com nossos avós, nossos pais. Naquele tempo a gente não falava mesmo português, nós foi buscar português na escola, eu apanhei muito, pra aprender o português, nós só vivia na língua materna.

[...] Ai a gente brincava, dançava, com criança assim mamãe trabalhando as vezes, as vezes mamãe trabalha torrando farinha, essas coisa, nós criança brinca, não brinca, ai a gente brincava parixara, brincava a tucuaia, areluia, tudo a gente imitava os velhos também sabe, nós fazia nossa saia, nossa saia dos velhos era olho de buriti bem esticadinho palha de buriti, a nossa era de palha de coco, folha de banana, assim pra gente fazer nossa festinha, nossa brincadeira era assim no passado. A gente praticava o que os mais velho fazia, assim a gente queria a gente fazia.

[...] Às vezes tinha momentos de ser separados ou vez não, era todo mundo junto. A gente brincava com a história dos animais, também né, por exemplo, a dança da raposa, até hoje eu sei nunca esqueci, a dança raposa, né, raposa foi a convidar a, naquele tempo aquele, tinha muito arará, né, ai a gente fazia a festa, como os vovó, os mais velho contava a história, gente transformava na dança, como eles transformavam também, ai a gente, a raposa dançava uma dança, sabe, tinha que ter dama, por que aquele caxiri de arará ficou forte, todo muito se agarra, dança, caindo, é uma brincadeira muito bonita, até hoje tenho com meus alunos, mais ele tem um pouco de vergonha. Ai eu nunca esqueci Ai a raposa a gente roda, roda, roda, se agarra como gente bêbados mesmo, os animais tudo bêbado. Dança assim os vinte minutos por ai essa brincadeira.

[...] Outra brincadeira, mais também seja uma história. A gente imitava pajé, pajé batendo folha , a gente vê, né, pajés curando , ai a criança vê, ai a gente vai imitar , ai tem pajé, tem doente, pra pajé curar, tem tabaco, tem tudo aquilo do pajé, nossas brincadeira era assim, a gente colocava tabaco, era casca de pau era os pajés, os companheiros, ai folha amarrado é pra bater , tinha que ter pajé pra cantar e levantar, assim era várias brincadeira que a gente inventava no passado. Várias brincadeiras a gente brincava.

[...] A corrida também, nós apostava pra ganhar alguma coisa, uma palma de banana, uma melancia, sai correndo, ai vai correndo ai quem ganhava, levava as frutas.

[...] A gente brincava de roda, tudo em Macuxi, né, tudo em Macuxi, dançava o parixara, a gente não tinha escola, a gente não tinha nada, o papai era tuxaua ele foi buscar na FUNAI, nossa escola uma casinha de palha, pregava um pedaço de pau no chão, fazia nosso banquinho, essa lembrança eu nunca esqueci. Aprende essa língua dos brancos, foi muito difícil, difícil mesmo.

[...] Tudo o que a gente tinha era tudo da roça, farinha, dinheirinho, tudo era da roça, nós ia com papai, com mamãe, colher feijão, eu lembro tempo, milho verde, mãe levava panela, ralo, peneira, sal, ai nós tomava canjica lá, comia milho asado.

[...] Nossa comida era tudo Macuxi, caxiri, tinha bastante caxiri, um diferente do outro, caxiri de batata, de jerimum, de milho é cará, taioba, nós era feliz, pra nós pensava que não ia chegar essa tal de português. A nossa infância, nós ia pescar, longe, papai matava muito peixe, tinha muito caçar, tinha muito ave, marrecos, muito mesmo, a gente criou assim na minha infância, foi bem feliz, já hoje não é mais feliz, os meus netos, eu vejo hoje a gente não come mais veado, pato marreca, está difícil, cada dia mais, o povo aumentando. A minha infância foi muito diferente. Tinha muito fruta, jenipapo, a mamãe fazia panelão de suco, de taberebá, fazia um panelão cheio pra gente tomar como a gente queria cada um tinha sua cuia, tinha vinho de buriti, de muito caju. Hoje não tem mais nada disso.

[...] Assim que a gente era, assim, nós dançava muito parixara, nossa dança, né, antigamente deixada pelos antepassados, pra nós conservemos o que a nossa vida de índio, a nossa etnia, valorizar o que é nosso, nossa fala, nossa dança, nossa vida, nossa comida, nossa fala, nossa bebida, tudo nós procura conservar. A nossa educação, a gente vai ficando velhinha, já era diferente, por exemplo, estou aqui com os meus pais tudo misturado assim. Ai o papai aconselhava quando chegar gente vão embora, por que quer contar alguma coisa. Eu sempre coloco pro meus filhos, meus netos tudo isso, agora eu estou colocando pro meus alunos.

[...] Quem era dançador era meu avó, dançavam a noite todinha, tinha caxiri, natal, as vezes ano novo, as vezes em eventos, nas festas na comunidade. Dançava até o dia amanhecer. Os velhos vão dançar até de manhã, as

crianças assim como nós ia dormi. Era muito divertido o nosso tempo passado, o meu tempo passado.

[...] A gente fazia bola de palha de milho de todo tamanho.

[...] É a gente pensava que não ia acabar, mais acabou é por que já chegou esse estudo da língua portuguesa, o índio não quer ser mais índio, as vezes por que não quer mais falar, não quer ser índio. Eu falo para os meus alunos, olha nós somos índio sim, você não quer ser índio só por que tem televisão, tem casa boa. Eu falo para meus alunos não é assim, vocês vão ficar no meu lugar, outros já foram embora, estou compartilhando com vocês. Eu gosto muito da minha língua, eu tenho muito orgulho de ser índia, quero transmitir mais pra pessoas que está precisando do meu conhecimento, eu estou repassando por que já vou embora, a gente tem que ir, né.

O Sr. Vitor (fig.47) iniciou sua narrativa relatando um pouco sobre sua vida que viveu com sua vó até sua morte. Deu continuidade logo como ele viveu a sua infância. Teve que ir viver com sua mãe.

[...] Eu nasci numa família indígena, minha mãe é Wapixana casada com Macuxi. Ai essa minha infância fui criado por minha vó, não fui criada pela minha mãe. Minha mãe, essa minha mãe de criação que me adotou era minha vó desde criança de nascença, me ensinou as primeiras palavras na língua que era indígena que era Wapixana. A partir daí a gente foi criado junto, eu não tinha a escola, eu não fui cedo a escola. O ensino da língua portuguesa ela ficou em questão os meus sete, oito anos a minha vida se transforma em outra etapa da vida, depois falecimento da minha vó. Passo a morar com minha mãe, eu não considero como mãe, mãe pra mim era minha vó; Então durante esses tempos eu fui criado assim, é culturalmente. Os afazeres da casa, nos caminhos da roça, na procura alimentação. Essa minha vó era uma guerreira ela que sabia caça, pescar, flechas, então tudo ela me repassou.

[...] As noites ela contava historia do nosso passado, tempo dos dinossauros, a questão dos conhecimentos tradicionais de nossa existência/, das lutas tribais entre Macuxi e Wapixana. A primeira caça que matei tinha oito anos, sete anos mais ou menos, assim guiado por ela.

[...] As brincadeiras que papai ensinava era sempre tinha momento, não tinha nada pra fazer, juntava muita criançada brincava de roda, brincadeira de caça e o caçador, a brincadeira de resistência a luta corporal, já começava aprender desde criança.

[...] O papai dizia que a minha estava crescendo tinha que uma daruana e ele dizia pra gente vê e fazer, a aprender através do olhar.

[...] Ele ensinava a flechar, fazia uma roda e colocava uma coisa ao meio pra gente ficar flechando o que acertava, ele era respeitado.

Figura 47: Vitor Francisco Juvêncio (Wapixana, 49 anos), casado, professor e agricultor.



Fonte; Acervo da pesquisadora, 2013.

[...] Não tinha separação, todo mundo era junto. Chegava minha tia, meu tio, eles começavam a cantar e a gente começava a dançar parixara, lembrando de uma pessoa que já tinha falecido, começava a cantar areluia. Quando se tinham as brincadeiras, tinha muita fruta.

Professor Tenison (fig.48), assim ele é chamado na comunidade, em sua narrativa ele conta que eles e seus irmãos costumavam fazer seus próprios brinquedos. Ao narrar ia relembrando muito de seus brinquedos de infância e um dos ensinamentos que gostou e praticava era a pesca, que até hoje pratica muitas pescarias.

[...] A minha infância foi um pouco diferente, da infância que existe hoje com os meus filhos, uma infância diferente dos meus três irmãos mais velhos.

Figura 48: Senhor Tenison Raposo Felipe (Macuxi, 42 anos), casado, professor.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

[...] Contava a história que acontecia com as pessoas , como era vida dos pajés dos rezadores, como se transformou as sete estrelas do céu, os rezadores através das rezas, os brinquedos os irmão mais velhos hoje, a gente pensava na época do transporte naquele tempo era mais o cavalo e o boi, quais era os elementos para construir até mesmo na realidade, onde colocava os corpos como a gente a gente fazia cabritos pra colocar os copos, então outros tipos de constituir o carro de boi, caraná, madeirinhas , sabugo de milho, e usava essa imaginação com as latas de conservas de sardinha que era a carroceria do carro.

[...] Outro tipo de brinquedo também que a gente fazia era questão da flecha contava uma história da flecha pra nós, depois nós pensava, e fazia tirava

uma madeirinha no mato ninguém sabia mesmo amarava como dizia como era pra ser feito a gente fazia todo aquele brinquedo.

[...] A minha irmã tinha as bonecas feita tudo de sabugo de milho com pedaço de madeirinha e usava as sementes das frutas, da castanha do caju, aquilo a gente transforma eles como nosso brinquedo do nosso dia a dia.

[...] Desse tempo a gente começou a vivenciar quais eram nossos costumes de criança, a gente não tinha muito brinquedo como tem hoje as crianças. E quanto brinquedos mesmo de várias espécies, na minha infância a gente não tinha oportunidade, a gente criava mesmo assim.

[...] E aí o que a gente escutava muito mesmo era essas história, como se fazia o caxiri mastigado, a questão da cozedura, o poder do pajé tinha para curar as crianças, a questão da alimentação, como era as pessoas chegava a certa idade para se cornar um pajé e as músicas que ela cantava em Macuxi pra nós. Até certa época eu falava Macuxi, infelizmente na escola tinha uma pressão de você falar sua língua. Acabei esquecendo a linguagem que tenho.

[...] Então esse trabalho que hoje vivenciamos na época me faz lembrar todas as questões de nossas pinturas dos nossos brinquedos, ia isso me deixa uma história bem completa pra me entender hoje a diferença da vestimenta, dos brinquedos, de nossos cantos, das nossas brincadeiras, tinha uma parte que era brinquedos usados só das meninas e a gente pudesse fazer essa diferença, os meninos tinha outras brincadeiras com caraná, com palha para que a gente pudéssemos fazer toda essa questão da estrutura que a gente tinha esses elementos básicos, como lição de vida, pra mim me deixou muito, hoje o tradicional que vivi eu percebi que aquilo que me deixa muito feliz e nessa formação que tive quanto criança.

[...] A gente tinha uma teve uma parte de liberdade e mais tinha uma parte também que era mais série que era de cuidar da própria casa, as vezes a gente brincava que esquecia de fazer as coisas em casa, a gente era chamado a atenção as vezes até apanhava mesmo. Aí a gente tinha que cuidar da casa, dos nossos irmãos, aí tinha uma semana que um cuidava da cozinha, isso na infância, outro cuidava de lavar roupa, outro cuidava do mais novo, tudo tinha sua tarefa, era uma semana pra cada um. Quando a gente tinha tempo a gente ia brincar. E na roça com os mais velhos a gente tinha que ir seis horas pra roça.

[...] Lembro que a gente tinha uma bicicleta, que eu me lembro, que a gente não consegui montar na cela, tinha que ir no varrão as vezes de lado e os outros ia correndo atrás. E para colocar a mandioca na garupa da bicicleta, a gente cavava um buraco pra garupa baixar e consegui colocar o saco aí amarrava o saco e depois a gente aplumava o outro pra ir embora. Era um divertimento só. E assim, isso serviu de lição de vida pra gente.

[...] Nosso outro brinquedo que a gente usou muito na nossa infância, foi a capenga de najá , a gente montava amarrava um pedaço de corta pra puxar o outro, era aquela diversão a gente puxando o outro.

[...] O nosso cabo de guerra na nossa brincadeira com os nossos amigos era o cipó escada de jabuti, que chama que é remédio, como a gente não tinha corta o papai tirava, por que ele tem de várias espessura e tamanho, papai tirava na mata e trazia pra gente ele trazia, ai a gente tinha essa nossa diversão.

[...] A nossa bola nesse tempo a gente amarrava vários pedaços de pano e fazia a nossa bola, que a gente brincava o nosso futebol ai mesmo em casa.

[...] A gente brincava tudo misturado não tinha separação, e era difícil, a gente tinha muito colega, aí, quando ia pro trabalho comunitário chamado de ajurí, ai todo mundo ia para aquelas casas.

[...] A gente brincava também de carrinho que a gente mesmo fazia com lata de sardinha e de conserva. A minha infância foi com muita diversão.

Em companhia de dona Josilenilda e seus netos fomos à casa do Senhor Cosme (Wapixana), para marcarmos nosso encontro, mas não foi possível, ele deveria estar na roça, ficamos então tomando banho por um bom tempo e nada do Sr. Cosme chegar, resolvemos ir embora. Marcamos para irmos outro final de semana e nesse dia ele estava, foi uma conversa longa e logo depois marcamos o dia e assim o fiz.

Nas narrativas do seu Cosme (fig.49), ele pouco se lembra de sua infância, ao narrar sempre ele estava relembando como constituiu sua família, talvez ele queria mesmo era conversar, por que hoje vivi sozinho. Quando procurava intermediar para o objeto de pesquisa, ele nem ligava continuava relatando o seu passado com seus familiares, falava um pouco com esta vivendo hoje, ele mora sozinho na comunidade, procurando fazer suas plantações.

Figura 49: Seu Cosme da Silva (Wapixana, 75 anos), casado, aposentado.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2013.

[...] A minha infância acho que foi bem pra mim, eu me criei com meu pai, meu pai dizendo ele que minha mãe diz que é de criação, é meu pai do mesmo jeito foi ele que me criou. Né acho que foi criação que ele me deixou e esse função que tenho hoje a agricultura.

[...] Sei que a gente brincava com meu irmão com arma de flechar, de flechar por ai, flechando passarinho sabe com é que a brincadeira do índio as vezes era isso, brincando por ai, flechava todo bichinho que encontrava pela frente a gente flechava. Isso era a veste da do índio andar por ai no campo, pela mata flechando matando algum bichinho.

[...] Não tinha outra coisa pra gente inventar às vezes a gente fazia trança peneira, daruana meu pai que ensinava aquilo ali era uma arte negócio de peneira fazer tipiti fazia a vassoura, um bocado de trança de artesanato, isso ai era muita coisa, fazia pra ficar em casa, a gente não vendia.